

# **4 Livros de Swami Vivekananda**

\*

**Bhakti, Karma, Raja  
e Jnana Yoga**

\*

**Estude mais em:**

<http://yogaestudoscomplementares.blogspot.com>

**Elaborado por:**

**Uma Yogini em seva a Sri Shiva Mahadeva**

# Swami Vivekananda



(12 de janeiro de 1863 - 4 de julho de 1902)

## **Breve Biografia**

Nascido Narendranath Dutta, foi um monge, iogue e filósofo hindu. É considerado um dos mais célebres e influentes líderes espirituais do hinduísmo moderno, sobretudo da filosofia Vedanta. Foi pioneiro na divulgação no Ocidente, e inspirador do movimento do espiritualismo universalista.

Principal discípulo de Ramakrishna Paramahansa, foi o fundador da Ordem Ramakrishna e da organização monástica Sri Ramakrishna Math. Vivekananda era vinculado à escola brâmane Vedanta Advaitista. Tal corrente de pensamento tem os Vedas como textos sagrados. Monistas, enxergam unicidade no Criador e na Criação.

Ídolo da juventude hindu do início do século XX, consagrou-se como defensor da tolerância religiosa, analista das questões sociais da época, propagador da filosofia Vedanta, assim como dos 4 principais ramos da Yoga, Karma Yoga, Bhakti Yoga, Jnana Yoga e Raja Yoga, além de inovador no esforço de examinar pontos de convergência do pensamento ocidental e oriental acerca de temas ligados à Ética e à espiritualidade.

Conquistou notoriedade na América do Norte a partir de 1893, em Chicago, EUA, ao proferir, na qualidade de representante do hinduísmo no Parlamento das Religiões, discurso marcado pela ausência de proselitismo dogmático e pela apologia da coexistência fraterna entre religiões. Em 1897, ao retornar à Índia, funda a Ordem Ramakrishna.

As obras e palestras se caracterizam pelo exame aprofundado acerca da importância da postura fraterna e solidária em pensamentos, sentimentos e ações, assim como pela convicção de que não se deve apregoar a prevalência de uma religião sobre a outra, nem se servir do discurso religioso para justificar ou incentivar atos de fanatismo e prepotência.

Para Vivekananda a religião constitui instrumento de autoconhecimento e auto-superação.

## **Assistência Anônima**

Em Karma Yoga: a educação da vontade (12 ed. São Paulo: Pensamento, 2005, p. 101), Vivekananda considera que os maiores bem-feitores da humanidade vivem e morrem no anônimo, sendo os grandes avatares que conhecemos (Budas e Cristos) expressões menores, comparados a esses heróis anônimos. Esse trecho da obra guarda ponto de convergência com o que mais de meio século depois defenderia Waldo Vieira na teoria dos serenões, veiculada no âmbito da Conscienciologia e da Projeciologia, a vislumbrar nos amparadores anônimos os seres mais evoluídos do cosmos.

**Fonte de consulta:** [http://pt.wikipedia.org/wiki/Swami\\_Vivekananda](http://pt.wikipedia.org/wiki/Swami_Vivekananda)

# **Bhakti-Yoga**

**PREFÁCIO**

**Auto-realização através do amor a Deus**

**Primeira parte**

**Segunda parte**

**Terceira parte**

**Quarta parte**

**Quinta parte**

# PREFÁCIO

O Hinduísmo, que é a religião mais completa do mundo, pela universalidade de sua estrutura ético-filosófica e amplitude de seu estrito de união e tolerância, oferece a seus adeptos quatro caminhos (Margas) fundamentais de libertação individual, mais conhecida entre os cristãos como salvação. São denominados Karma-marga, a caminho da ação ou das obras; Jnana-marga, o caminho do conhecimento; Bhakti-marga, o caminho da devoção ou amor a Deus, e Dhyana-marga, o caminho da meditação, Marga também se aplica como sinônimo de Yoga, termo mais em voga no Ocidente, e mais generalizado na Índia para designar uma de suas seis escolas filosófica**(4)** fundada pelo famoso **Rishi Patanjali**.

Uma das características notáveis do Hinduísmo, e que geralmente se considera uma das principais responsáveis pela longa sobrevivência dessa religião milenar, é a ampla liberdade intelectual que outorga a seus adeptos em matéria de crença ou mesmo descrença numa Divindade Suprema, que todavia ali se considera imanente em toda a natureza. Nessa conformidade, o hinduísta tem plena liberdade de pensar, contanto que sua conduta seja ortodoxamente hinduísta em seus princípios fundamentais. Daí suas seis escolas filosóficas, das quais três baseadas no Espírito e três na Matéria, porém todas visando o aperfeiçoamento individual através da auto-realização. Daí os seus quatro Margas ou métodos individuais de auto-aperfeiçoamento. Daí também o seu sistema de castas, hoje anacrônico e quase obsoleto ali, porém que em passado remoto teve sua motivação, para efeito de educação, preparação e integração social. São as castas dos **Brâmanes**, os sacerdotes e instrutores; dos **Kshatriyas**, os militares e estadistas; os **Vaishyas**, os comerciantes e agricultores; e os **Rudras**, os servidores ou artesãos. Essa divisão ainda hoje subsiste em todo o mundo e em toda a sociedade, porém sem a rigidez de outrora. Swami Vivekananda, brilhante expoente da escola **filosófica Vedanta**, uma das seis e a mais elevada do sistema hindu, é um magnífico expositor da cultura hinduísta. E sabe fazê-lo com extraordinária maestria de quem vive e domina perfeitamente o assunto, e num estilo elegante, claro e enriquecido de ilustrações com exemplos os mais oportunos e sugestivos. Nesta obra ele expõe sinteticamente esses famosos quatro caminhos ou métodos de auto-aperfeiçoamento, numa linguagem ao alcance de todos, de sorte que todos possam estudá-los, e uns poucos, os mais práticos ou decididos, possam experimentá-los e adotar aquele que melhor lhes convenha, consoante sua natureza e tempo disponível.

Por certo os métodos não são iguais entre si, pois visam sobretudo a natureza do indivíduo, e suas necessidades e possibilidades. Os métodos do conhecimento e domínio da mente exigem mais estudos e meditação, ao passo que os métodos do serviço altruísta e amor a Deus requerem mais prática do que teoria. Os exercícios específicos de cada um deles variam, porém é a mesma a finalidade de todos eles: levar o estudante e o praticante a um estado de libertação que se lhe traduz em paz e felicidade como também o preparam e fortalecem para enfrentar os momentos mais cruciais de sua vida. Um ponto, porém, o autor procura tornar bem claro: é que se os métodos diferem, não divergem entre si, mas, antes, completam-se e auxiliam-se em alguns pontos e circunstâncias da vida. E isso é muito lógico, pois não pode haver teoria eficaz sem a colaboração e comprovação da prática, nem prática inteligente se divorciada de estudos o

meditação. Há, portanto, uma mútua interdependência, e se houver uma conjugação da teoria com a prática, os meios se tornarão mais fáceis e os resultados mais rápidos e seguros.

Tal é o escopo desta síntese, que é um real compêndio de auto-realização místico-filosófica posto a serviço dos que aspiram aprofundar a solução de seus problemas internos, e assim experimentar e estabelecer em si aquela "paz que ultrapassa o entendimento", de que tanto nos têm falado os místicos e yogues.

# Auto-realização através do amor a Deus

(Bhakti-Yoga)

A melhor definição dada à Bhakti-Yoga está talvez resumida no verso: "Que o amor que os faltos de discernimento nutrem pelos fugazes objetos dos sentidos, jamais abandone este meu coração, que é o de quem Te busca!"

Sabemos quão forte é o amor que os homens, nada conhecendo de melhor, têm pelos objetos dos sentidos, como dinheiro, roupas, suas esposas, filhos, amigos, e propriedades. Como se agarram tremendamente a todas essas coisas! Por isso, na prece acima, o sábio diz: "Terei um apego assim - esse tremendo agarramento - mas somente em relação a TC.

Esse amor, quando dado a Deus, é chamado Bhakti. Bhakti não é destrutivo. Ensina que nenhuma das faculdades que temos nos foi dada em vão, e que é através delas que encontramos o caminho natural para a libertação. Bhakti não mata nossas tendências, não vai contra a natureza, mas só lhes dá uma direção mais nobre e mais poderosa. Quando o mesmo amor dedicado aos objetos dos sentidos é dedicado a Deus, esse amor se chama Bhakti. O principal é desejar Deus. Só quando nos saciamos de tudo que aqui existe é que olhamos para o além, em busca de suprimento. Parai com os brinquedos infantis do mundo assim que puderdes, e então notareis a necessidade de algo para além do mundo, e virá o primeiro passo na religião.

Há uma forma de religião que segue a moda. Minha amiga tem tal mobília em sua sala; é moda ter um vaso japonês; portanto, ela precisa também ter um ainda que custe mil dólares. Da mesma maneira teremos uma pequena religião, e freqüentaremos uma igreja. Bhakti não é para essas pessoas. Isso não é desejar. Desejar é querer algo sem o qual não se pode viver., Desejamos respirar, desejamos alimento, desejamos roupas. Sem isso não podemos viver. Quando um homem ama uma mulher neste mundo, há momentos em que ele imagina não poder viver sem ela, embora isso seja um engano. Quando um marido morre, a esposa pensa que não poderá viver sem ele, mas vive, apesar de tudo. Esse é o segredo da necessidade. Algo sem o qual não se pode viver. Devemos ter esse algo, senão morreremos. Quando chegar a ocasião de assim nos sentirmos em relação a Deus, ou, em outras palavras, desejarmos algo para além deste mundo algo acima de todas as forças materiais, então poderemos tornar-nos bhaktas.

## Primeira parte

Vemos, claramente, que Bhakti é uma série ou sucessão de esforços mentais para a compreensão da religião, começando com o culto comum e terminando com uma intensidade suprema de amor por Ishvara (Deus pessoal).

Bhakti-Yoga é uma procura real, autêntica, do Senhor, uma procura que começa, continua e termina amor.

Um simples momento da loucura do amor extremado a Deus nos traz a liberdade eterna. "Bhakti" – diz Narada em sua explicação dos Aforismos Bhaktis - "é o intenso amor por Deus". "Quando um homem o obtém, ama tudo, nada odeia, torna-se satisfeito para sempre." "Esse amor não pode ser reduzido a qualquer benefício terreno" - porque enquanto houver um desejo mundano, essa espécie de amor não virá.

Bhakti é maior do que Karma-Yoga, maior do que Raja-Yoga, porque estas têm um objetivo em vista, ao passo que Bhakti é sua própria fruição, seus próprios meios, e seu próprio fim."

Não há, realmente, muita diferença entre conhecimento (jnana) e amor (bhakti), como às vezes se imagina.

Veremos, na continuação, que por fim ambos convergem e se encontram no mesmo ponto. Assim acontece com Raja-Yoga, que, quando procurada como meio de libertação, e não (como, infelizmente, se converte, com freqüência, em mãos de charlatões e vendedores de mistérios) como instrumento para iludir os incautos, leva-nos também ao mesmo escopo.

A verdadeira e grande vantagem de Bhakti é ser o caminho mais fácil e mais natural para alcançar-se o grande fim divino em vista. Sua grande desvantagem é que, em suas formas inferiores, com freqüência se degenera em hediondo fanatismo. O grupo fanático entre o hinduísmo e o maometismo ou o cristianismo, sempre tem sido recrutado quase que exclusivamente entre esses devotos das camadas mais baixas de Bhakti. O apego exclusivo a um objeto amado, sem o que nenhum amor genuíno rode crescer, é, com muita freqüência, também a causa da intolerância contra tudo quanto difere desse amor. Todas as mentes fracas e não desenvolvidas, em todas as religiões e em todos os países, só têm uma forma de amar seu próprio ideal, isto é, detestando todos os outros ideais. Aqui temos a explicação do fato do mesmo homem, tão amorosamente apegado ao seu próprio ideal de Deus, tão devotado a seu próprio ideal de religião, tornar-se UM fanático vociferante assim que vê ou ouve alguma coisa que não seja o seu ideal. Essa espécie de amor é, de certa forma, igual ao instinto canino de guarda à propriedade de seu dono contra a invasão.

Acontece, apenas, que o instinto do cão é melhor do que a razão do homem, pois o cão jamais confunde seu dono com um inimigo, seja qual for o traço com que aquele se lhe apresente.

O fanático perde todo o poder de julgamento. As considerações pessoais lhe são, nesse caso, de tão absorvente interesse que não lhe importa se o que um homem diz é certo ou errado, mas o que o preocupa particularmente saber é quem o diz. O mesmo homem que é bom, benévolo, honesto e amoroso para os que partilham de sua própria opinião, não hesitará em cometer as ações mais vis para com aqueles que ficam fora do pálio de sua fraternidade religiosa.

Mas esse perigo existe apenas no estágio de Bhakti que é chamado preparatório. Quando o bata amadurece e passa para a forma chamada a suprema, não há mais receio dessas hediondas manifestações de fanatismo. A alma que é dominada por esta forma superior de Bhakti está demasiado próxima do Deus do amor para se tornar um instrumento para a difusão do ódio.

Não é dado a todos nós sermos harmoniosos na construção de nosso caráter nesta vida. Não obstante, sabemos que esse caráter é do tipo mais nobre, no qual todos os três - o conhecimento, o amor e a Raja- Yoga - estão harmoniosamente fundidos. Três coisas são necessárias a um pássaro para poder voar: as duas asas e a cauda, sendo esta como um leme para a direção. Inana é uma asa, Bhakti é a outra, e Raja- Yoga é a cauda que nos mantêm em equilíbrio. Os que não podem seguir todas essas três formas de culto reunidas em harmonia, e tomam, portanto, apenas Bhakti como seu caminho, precisam lembrar-se sempre de que os ritos e cerimônias, embora absolutamente necessários para a alma em progresso, não têm outro valor senão o de nos levar àquele estado em que sentimos o mais intenso amor por Deus.

Vemos claramente, portanto, que Bhakti é uma série ou sucessão de esforços mentais para a realização religiosa, começando no culto comum e terminando na suprema intensidade de amor por Ishvara (Deus Pessoal).

Sempre se deve compreender que o Deus Pessoal cultuado pelo Mâta não é separado ou diferente de Brama. Tudo é Brama, o Único sem segundo. Contudo, como Unidade, ou Absoluto, Brama é uma abstração excessiva para ser amado e cultuado. Assim, o bhakta escolhe um aspecto relativo de Brama, isto é, Ishvara, o Governante Supremo. Para usar um símile: Brama é a argila ou a substância da qual uma infinita variedade de artigos é moldada. Como argila, tais artigos são apenas um, mas formam diferentes manifestações dela. Antes que cada um deles fosse feito, todos existiam potencialmente na argila, e, como é natural, eram idênticos no que se refere à substância. Mas, uma vez formados, e enquanto a forma permanece, são separados e diferentes. O rato de argila jamais pode tornar-se um elefante de argila, porque, na qualidade de manifestações, somente a forma faz deles o que são, embora como argila informe sejam apenas um. Ishvara é a mais alta manifestação da Realidade Absoluta, ou, em outras palavras, a leitura mais alta do Absoluto que a mente humana pode fazer. A Criação é eterna, como eterno é Ishvara.

Bhakti-Yoga, como já dissemos, se divide em duas formas: a suprema e a preparatória. Verificaremos, conforme caminhamos, como, no estágio preparatório, ficamos, inevitavelmente, na necessidade de auxílios concretos que nos ajudem a prosseguir. E, realmente, as partes mitológicas e simbólicas de todas as religiões são decorações naturais que de início circundam a alma aspirante e a ajudam a tomar a direção de Deus. Também é um fato significativo terem sido os gigantes espirituais produzidos apenas nos sistemas de religião onde há exuberante riqueza

de ritualismo e mitologia. As formas secas e fanáticas de religião, que tentam despojá-la de tudo quanto é poético, de tudo quanto é belo e sublime, de tudo quanto oferece um forte ponto de apoio à mente infantil que vai cambaleando em seu caminho para Deus - as formas que tentam destruir os próprios paus de cumeeira do telhado espiritual, e em suas concepções ignaras e supersticiosas da verdade tentam expulsar tudo quanto dá vida, tudo quanto fornece o material formador da planta espiritual que viceja na alma humana - tais formas de religião bem depressa terão verificado que só lhes restou uma casca vazia, moldura insatisfatória de palavras e sofismas, que talvez tenham ligeiro odor de uma espécie de varredura social, ou do chamado espírito de reforma.

A vasta massa daqueles cuja religião é desse tipo, são materialistas conscientes ou inconscientes, sendo o fim e a meta de suas vidas, aqui e no além o prazer, que, realmente, constitui para eles o alfa e o ômega da vida humana. Para esses, trabalho como o de limpeza de imundícies, visando dar conforto material ao homem, constitui a razão de ser, e a finalidade da existência humana. E quanto mais depressa os seguidores dessa curiosa mistura de ignorância e fanatismo surgirem sob suas cores verdadeiras, e se reunirem, como merecem fazer, às fileiras dos ateus e materialistas, melhor será para o mundo. Uma grama de prática de integridade e de auto-realização espiritual, ultrapassa em peso toneladas e toneladas de palavreado frívolo e sentimentos disparatados. Mostrai-nos um, apenas um, gigantesco gênio espiritual que tenha nascido de toda essa ressecada poeira de ignorância e fanatismo. Se não o podeis fazer, fechai vossas bocas, abri as janelas de vossos corações à luz clara da verdade, e senti-vos como crianças aos pés daqueles que sabem o de que estão falando - os sábios da Índia. Ouçamos, pois, atentamente, o que eles dizem.

## Segunda parte

Conquista a simpatia de todos, senta-te com todos, anota o nome de todos, dize sim, sim mas mantém-te firme em teu lugar.

Cada alma se destina ao aperfeiçoamento, e todos os seres, ao fim, atingirão o estado de perfeição. O que quer que sejamos agora é o resultado de nossos atos e pensamentos no passado, e o que quer que sejamos no futuro será o resultado do que pensamos e fazemos agora. Mas esta modelação de nossos próprios destinos não nos impede de receber ajuda do exterior. Ainda mais, na vasta maioria dos casos, tal ajuda é absolutamente necessária; quando vem, os poderes e possibilidades superiores da alma são ativados, a vida espiritual é despertada, o crescimento é animado, e o homem se torna, por fim, santo e perfeito.

Esse impulso para a frente não pode ser haurido nos livros. A alma só pode receber impulsos de outra alma, e de nada mais. Podemos estudar os livros toda a nossa vida, podemos tornar-nos muito intelectuais, mas ao fim verificaremos que não nos desenvolvemos absolutamente no sentido espiritual \* Não é verdade que uma ordem mais alta de desenvolvimento intelectual acompanhe sempre o desenvolvimento espiritual proporcionado ao homem.- Estudando livros somos às vezes levados à ilusão de pensar que por eles estamos sendo espiritualmente auxiliados. Mas, se analisarmos o efeito desses livros sobre nós, veremos que, no máximo, é apenas o nosso intelecto o que tira proveito de tais estudos, e não o nosso espírito interior. Essa inaptidão dos livros para acelerarem o crescimento espiritual é a razão pela qual, embora cada um de nós possa falar maravilhosamente sobre assuntos espirituais, quando chega o momento da ação e de viver a verdadeira vida espiritual, verificamos quão tremendas são nossas deficiências. Para ativar-nos o espírito, o impulso deve vir-nos de uma outra alma.

A pessoa de cuja alma esse impulso vem, é chamada gurú, o mestre; e a pessoa a cuja alma o impulso é dirigido, chama-se estudante. Para comunicar tal impulso a qualquer alma, em primeiro lugar, a alma da qual ele procede deve possuir o poder de transmiti-lo, por assim dizer, a outros. Em segundo lugar, a alma à qual é transmitido o impulso deve estar preparada para recebê-lo. A semente deve ser semente viva, e o campo deve estar arado, preparado; quando ambas essas condições se realizam, tem lugar um florescimento maravilhoso da genuína religião.

Só esses são os verdadeiros mestres, e só esses são os verdadeiros estudantes, os verdadeiros aspirantes.

Todos os outros estão apenas brincando com a espiritualidade. Podem ter somente uma pequena curiosidade despertada, somente uma pequena aspiração intelectual acesa neles, mas ainda permanecem na ala externa do horizonte da religião. Há, não há dúvida, algum valor mesmo nisso, pois daí pode, no correr do tempo, resultar um despertar da real sede de religião, e, por uma lei misteriosa da natureza, assim que o campo está preparado, a semente deve chegar, e chega. Assim que a alma deseja ansiosamente ter religião, o transmissor da força religiosa deve aparecer, e aparece, para ajudar essa alma.

Quando o poder que atrai a luz da religião na alma do recipiendário é integral e forte, o poder que responde a essa atração e lhe envia a luz, surge como coisa natural.

Há, entretanto, certos perigos no caminho. Há, por exemplo, o perigo para a alma recipiendária, de confundir suas emoções momentâneas com o autêntico desejo de religião. Podemos estudar isso em nós mesmos. Muitas vezes, em nossas vidas morre alguém que amávamos. Recebemos um golpe, sentimos que o mundo está-nos fugindo entre os dedos, que desejamos algo mais seguro e mais alto, e que devemos nos tornar religiosos. Em poucos dias aquela onda de sentimentos passa, e ficamos encalhados no mesmo ponto em que estávamos antes. Todos nós confundimos, com freqüência, tais impulsos com a verdadeira sede de religião, mas, enquanto essas emoções momentâneas forem assim confundidas, o anseio autêntico e contínuo de religião não nos virá e não encontraremos o transmissor de espiritualidade. Assim, sempre que estejamos tentados a nos queixar de que nossa pesquisa em relação à verdade que tanto desejamos está-se revelando vã, nosso primeiro dever, em lugar de nos queixarmos, deve ser olhar dentro de nossas almas e verificar se o anseio do coração é autêntico. Então, na imensa maioria dos casos, descobriremos que não estamos preparados para receber a verdade, que não existe aquela sede genuína de espiritualidade.

Há ainda perigos maiores com referência ao transmissor, o gurú. Há muitos que, embora ainda imersos na ignorância, imaginam, no orgulho de seus corações, que sabem tudo, e não só não se detêm aí, mas oferecem-se para levar outros em seus ombros. E assim, cegos conduzindo cegos, tombam juntos no fosso.

O mundo está cheio dessas pessoas. Todos querem ser mestres. Todo o mendigo quer fazer doações de um milhão de dólares! Assim como esses mendigos são ridículos, ridículos são esses mestres.

Como podemos conhecer um mestre, então? O Sol não precisa de tocha que o torne visível. Não precisamos acender uma vela para contemplá-lo. Quando o Sol se levanta, tornamo-nos instintivamente conscientes do fato, e quando um mestre de homens vem-nos ajudar, a alma saberá instintivamente que a verdade de já começou a brilhar sobre ela. A verdade apoia-se em seu próprio testemunho, e não requer qualquer outro para provar que é verdade. É auto-refulgente. Penetra nos mais recônditos escaninhos de nossa natureza, e à sua presença todo o universo se ergue e diz: "Esta é a verdade". Os mestres cuja sabedoria e verdade brilham como a luz do Sol, são os maiores que o mundo conheceu, e vêem-se cultuados como Deus pela maioria da humanidade. Mas também poderemos obter auxílio de outros relativamente menores. Apenas, não possuímos bastante intuição para julgar com propriedade o homem do qual recebemos ensinamento e orientação. Assim, precisa haver determinados testes, certas condições que o instrutor deve satisfazer, o mesmo se dando com o aprendiz.

As condições necessárias para o aprendiz são pureza, sede real de conhecimento, e perseverança.

No que se refere ao instrutor, devemos verificar se ele conhece o espírito das escrituras. Todo o mundo lê a Bíblia, os Vedas, o Corão, mas são apenas palavras, sintaxe, etimologia, filologia - os ossos secos da religião. O instrutor que usa palavra demais e permite que a mente seja distraída pela força das palavras, perde o espírito. Os que empregam tais métodos para ensinar religião a outros, estão apenas desejosos de exibir sua erudição, para que o mundo venha louvá-los como grandes eruditos. Verificareis que nem um só dos grandes instrutores do mundo jamais entrou nessas variadas explanações dos textos. Com eles não houve tentativa de "torturar com os textos", nem o eterno jogo quanto à significação das palavras e suas raízes. Ainda assim, ensinaram nobremente, enquanto outros que nada têm a ensinar tomaram às vezes uma palavra, e escreveram um livro em três volumes sobre a sua origem, sobre o homem que a usou em primeiro lugar, sobre o que esse homem costumava comer, quanto tempo dormia, e assim por diante. Bhagavan Ramakrishna costumava contar a história de alguns homens que foram a um pomar de mangueiras e se ocuparam em contar as folhas, os rebentos, os galhos, examinando sua cor, comparando seu tamanho, e anotando tudo muito cuidadosamente. Depois, meteram-se em erudita discussão sobre cada um daqueles tópicos, que, indubitavelmente, lhes pareciam altamente interessantes. Mas um deles, mais sensato do que os demais, não fez caso algum daquilo, e começou a comer uma manga. Não se revelou ele um sábio?

A segunda condição necessária para o instrutor é a impecabilidade. Ele deve ser perfeitamente puro, e só então suas palavras terão valia, porque só então ele é o verdadeiro transmissor. Que poderá ele transmitir se não tiver em si poder espiritual? Deve haver a valiosa vibração da espiritualidade na mente do instrutor, de forma que possa ser simpaticamente dirigida à mente do aluno. A função do instrutor é realmente um caso de transferência de algo, e não mero estímulo das faculdades intelectuais, ou de outras que existam no aprendiz. Algo real e apreciável como influência, vem do instrutor e vai para o aprendiz. Portanto, o instrutor deve ser puro.

A terceira condição relaciona-se com o motivo. O instrutor não deve ensinar por qualquer motivo ulterior, egoístico - por dinheiro, nome, ou fama. Seu trabalho deve ser simplesmente oriundo do amor puro pela humanidade em conjunto. O único meio através do qual a força espiritual pode ser transmitida é o amor.

Qualquer motivo egoístico, tal como o desejo de ganho ou de nome, destruirá imediatamente esse método de comunicação. Deus é amor, e só quem conheceu Deus como amor, pode ser instrutor das coisas divinas e de Deus aos homens.

Quando virdes que em vosso instrutor tais condições são integralmente preenchidas, estais seguros. Se não o são, não é seguro permitirdes ser ensinados por ele, pois há o grande perigo de, não podendo comunicar bondade ao vosso coração, ele comunique perversidade. Esse perigo deve ser evitado, por todos os meios. "Quem é culto nas escrituras, sem pecado, impoluído pela luxúria, esse é o maior conhecedor de Brama, é o verdadeiro instrutor."

Quem abre os olhos do aspirante depois da religião é o instrutor. Com o instrutor, portanto, nossas relações são idênticas às existentes entre um ancestral e seu descendente. Sem fé, humildade, submissão, e veneração em nossos corações para com o nosso instrutor, não haverá em nós qualquer florescimento religioso. É fato significativo que onde há essa espécie de relação entre o instrutor e o aprendiz, e só aí, surgem os homens de espiritualidade gigantesca, enquanto que nos países onde negligenciaram manter essa espécie de relação, o instrutor religioso se tornou um simples conferencista - o instrutor esperando seus cinco dólares e a pessoa ensinada esperando que seu cérebro se encha com as palavras

do instrutor, e cada qual seguindo seu, caminho depois que isso foi feito. Sob tais circunstâncias a espiritualidade se torna quase uma quantidade desconhecida. Não há nada a transmitir nem nada a receber. A religião de tais pessoas se torna um negócio. Pensam que podem obtê-la com os seus dólares. Prouvesse a Deus que a religião fosse obtida tão facilmente! Mas, infelizmente, isso não é possível.

A religião, que é o mais alto conhecimento e a mais alta sabedoria, não pode ser comprada, nem adquirida através dos livros. Podeis meter vossas cabeças em todos os cantos do mundo, podeis explorar os Himalaias, os Cáucacos, os Alpes; podeis sondar o fundo do mar e esquadrihar cada nesga do Tibete e do deserto de Gobi, mas não a encontrareis em parte alguma, enquanto vosso coração não estiver preparado para recebê-la e o vosso instrutor não tenha chegado. E quando o instrutor divinamente nomeado chegar, servi-o com a confiança e a simplicidade de uma criança, abri à sua influência, amplamente, o vosso coração, e vede nele Deus manifestado. Aos que procuram a verdade com tal espírito de amor e veneração, o Senhor da verdade revela as coisas mais maravilhosas com relação à verdade, à bondade e à beleza.

Onde quer que Seu nome seja pronunciado, esse lugar se santifica. Quanto mais santificado ficará o homem que pronuncia Seu nome, e com que veneração devemos nos aproximar do homem do qual vem ter a nós a verdade espiritual! Tais grandes instrutores da verdade espiritual são, realmente, muito poucos em número, neste mundo, mas o mundo jamais está inteiramente destituído deles. São sempre as mais belas flores da vida humana um oceano de misericórdia, sem qualquer motivação".

Mais nobre e mais alto do que todos os demais é outro grupo de instrutores, os avatares (18). Podem transmitir espiritualidade, com um toque, e mesmo com o simples desejo. Os mais baixos e degradados dos caracteres se tornam santos num segundo, sob a ordem deles. São os instrutores de todos os instrutores, as mais elevadas manifestações de Deus através do homem. Não poderemos ver a Deus, senão por intermédio deles. Não podemos deixar de cultuá-los. E, realmente, são eles os únicos que nos cabe cultuar.

Deus compreende as deficiências do homem e torna-se homem para fazer bem à humanidade. "Onde quer que a virtude decaia e a perversidade prevaleça, Eu me manifesto. Para estabelecer a virtude, para destruir o mal, para salvar o bem, Eu venho de época em época." "Os tolos escarnecem-Me por ter assumido forma humana, sem conhecer Minha real natureza como Senhor do Universo." Essa é a declaração de Sri Krishna no Bhagavad-Gitâ sobre a Encarnação. "Quando flui uma grande maré" - diz Bha-gavam Sri Ramakrishna - "enchem-se todos os pequenos riachos e fossos, sem qualquer esforço ou consciência de sua parte. Assim, quando a Encarnação vem, uma maré espiritual inunda o mundo, e as pessoas sentem a espiritualidade na própria atmosfera."

Quem aspira a ser um bhakta, deve saber que "quantas as opiniões tantos os caminhos". Deve saber que todas as várias seitas das diferentes religiões são as várias manifestações da glória do mesmo Senhor.

"Chamam-Vos por muitos nomes. Dividem-Vos, por assim dizer, por diferentes nomes, e mesmo assim, em cada um destes se encontra a Vossa onipotência... Alcançais o devoto através de todos estes, e não há qualquer tempo especial, desde que a alma sinta intenso amor por Vós. É tão fácil aproximarmo-nos de Vós, e para mim seria um infortúnio não poder amar-Vos." Não apenas isso. O bhakta deve ter o cuidado de não odiar, sequer de criticar, esses radiantes filhos da

luz que são os fundadores das várias seitas. Nem sequer deve ouvir dizer mal deles.

Muito poucos, realmente, são os que são, ao mesmo tempo, possuidores de ampla simpatia e poder de apreciação, bem como de intensidade de amor. Verificamos, como regra, que as seitas liberais e humanitárias perdem a intensidade dos sentimentos religiosos, e em suas mãos a religião tende a degenerar-se numa espécie de vida de clube político-social. Por outro lado, os sectários intensamente estreitos, enquanto exibem um amor bastante meritório pelos seus próprios ideais, mostram ter adquirido cada partícula desse amor através do ódio contra todos os que não sejam exatamente de sua mesma opinião. Quisera Deus que este mundo estivesse cheio de homens que fossem tão intensos em seu amor quão amplos em suas simpatias.! Mas tais homens são muito poucos e raros.

Ainda assim, sabemos que é possível educar um grande nú. mero de seres humanos no ideal de uma fusão maravilhosa da amplitude com a intensidade do amor. E a maneira de o conseguir é através do caminho do "ideal escolhido". Cada seita de cada religião apresenta à humanidade apenas um ideal que lhe é próprio.

Mas a eterna religião vedantina abre ao gênero humano um número infinito de portas para ingressar-se no santuário recôndito da Divindade, e coloca diante da humanidade um quase inesgotável desfile de ideais, existindo em cada um deles uma manifestação do Eterno.

Bhakti-Yoga, portanto, nos impõe o mandamento imperioso de não odiar ou negar qualquer dos vários caminhos que conduzem à salvação. Contudo, a planta que está crescendo deve ser cercada a fim de protegê-la enquanto não se torna uma árvore. A tenra planta da espiritualidade morrerá, se exposta cedo demais à ação da constante mudança de idéias e de ideais. Muitas pessoas, em nome do que pode ser chamado liberalismo religioso, podem ser vistas alimentando sua ociosa curiosidade com uma contínua sucessão de ideais diferentes. Ouvir coisas novas constituem, para elas, uma espécie de doença, uma forma de ebriedade religiosa. Desejam ouvir coisas novas só para obter uma excitação nervosa temporária, e quando uma dessas influências excitantes já produziu seu efeito sobre elas, estão preparadas para outras.

A devoção a um ideal é absolutamente necessária ao principiante na prática da devoção religiosa. Ele deve dizer, como Hanuman no Ramayana<sup>19</sup>: "Embora eu saiba que o Senhor de Sri (Vishnu) e o Senhor de Janaki (Rama) são ambas manifestações do mesmo Ser Supremo, contudo o meu máximo em tudo é o Rama de olhos de lótus". Ou, como disse o sábio Tulsidas: "Conquista a simpatia de todos, senta-te com todos, anota o nome de todos, dizei sim, sim - mas mantém-te firme em teu lugar".

Então, se o aspirante devocional for sincero, dessa pequena semente virá uma árvore gigantesca, como a banyan da Índia, lançando galho após galho, raiz após raiz, para todos os lados, até cobrir todo o campo da religião. Assim, o verdadeiro devoto compreende que Aquele que era seu próprio ideal na vida, é cultuado em todos os Ideais, por todas as seitas, sob todos os nomes, e através de todas as formas.

Com relação ao método e aos meios da Bkati-Yoga, lemos no comentário do Bhagavan Ramanuja sobre os Sutras da Vedanta: "A obtenção de Bhakti vem através do discernimento do domínio das paixões, dos exercícios, do trabalho sacrificial, da pureza, da energia, e da supressão da excessiva alegria".

Rarnayana, um poema de 50.000 versos cantando as façanhas do filho de Daçaratha Rama, é atribuído ao poeta Valmiki.

Viveka, ou discernimento consiste, segundo Ramanuja, em discernir, entre outras coisas, o alimento puro do impuro. "Quando o alimento é puro, o elemento sattva (20) se purifica e a memória se aprimora."

A questão de alimentos sempre foi das mais vitais no que se refere aos bhaktas. Excluída a extravagância a que atingiram algumas das seitas de Bhakti, há uma grande verdade subjacente nesta questão de alimentos. Os materiais que recebemos através da nossa alimentação, para a estrutura do nosso corpo, determinam, em grande parte, a nossa constituição mental. Portanto, o alimento que ingerimos deve ser visto de maneira muito particular.

Este discernimento do alimento é, afinal, de importância secundária. A passagem acima citada é explicada por Shankara de uma forma diferente, dando significação inteiramente diversa à palavra ahara, traduzida geralmente por "alimento". Segundo ele, "ahara é o que se recolhe. O conhecimento das várias sensações, tal como o do som, é recolhido para prazer do gozador. A purificação do conhecimento recolhido pelos sentidos se chama purificação do alimento (ahara). Purificação do alimento significa a aquisição do conhecimento de sensações não maculadas pelos defeitos do apego, da aversão, da desilusão. Tal é o significado. Portanto, sendo purificado tal conhecimento, ou abara, o sattva material de seu possuidor – o órgão interno - se tornará puro, e purificado o sanva, resultará uma ininterrupta memória do Infinito".

Essas duas explicações mostram-se aparentemente conflitantes, mas ambas são verdadeiras e necessárias. A manipulação e controle do que pode ser chamado corpo mais sutil, isto é, a mente, são funções mais elevadas, sem dúvida alguma, do que o controle do corpo físico, mais grosseiro. Mas o controle do mais grosseiro é absolutamente necessário para capacitar uma pessoa a chegar ao controle do corpo mais sutil. Portanto, o principiante deve dar atenção especial às regras dietéticas transmitidas por uma sucessão de instrutores acreditados. Mas o fanatismo extravagante e destituído de significação, que levou a religião inteiramente para a cozinha, como se pode observar em algumas de nossas seitas, é uma espécie peculiar de puro e simples materialismo. Não é inana, nem Bhakti, nem Karma. É uma forma especial de demência. Portanto, o racional é que é necessário haver discernimento na escolha da alimentação, para se obter esse estado de composição mental superior, que de outra maneira não se pode obter facilmente.

Domínio das paixões é o passo seguinte. Refrear os órgãos em sua tendência de procurar os objetos dos sentidos, controlá-los, e trazê-los sob a orientação da vontade, eis a virtude central na cultura religiosa.

Então vem a prática do autodomínio e da auto-negação. Todas as imensas possibilidades de compreensão divina da alma não podem ser efetivadas sem luta e sem essa prática por parte do devoto aspirante. "A mente deve pensar sempre no Senhor." É muito duro, de início, levar a mente a pensar sempre no Senhor, mas com cada novo esforço se fortalece em nós o poder de fazer tal coisa.

Depois, quanto ao trabalho sacrificatório entende-se que os cinco grandes sacrifícios" (culto, estudo, e diversas espécies de atividades humanitárias) devem ser habitualmente realizados.

Pureza é a disciplina absolutamente básica, a rocha em que se assenta todo o edifício de Bhakti. Limpar o corpo externamente e selecionar o alimento são coisas fáceis, mas sem a limpeza e pureza internas, as práticas externas não têm nenhum valor. Na lista de qualidades que conduzem à pureza, tal como foi dada por Rãmãnuia, estão enumeradas a veracidade; a sinceridade; fazer o bem a outros sem qualquer ganho pessoal; não ofender ninguém por pensamento, palavra ou ação; não cobiçar as posses alheias; não manter pensamentos vãos; e não ruminar as injúrias recebidas de outrem.

Nesta lista, a idéia que merece referência especial é ahimsa, a inofensividade. O dever de não ofender, é, por assim dizer, obrigatório em nossas relações com todos os seres. Não significa, simplesmente, como acontece com alguns, não prejudicar os seres humanos, mas não ter misericórdia para com os animais inferiores. Nem significa, como pensam outros, proteger cães e gatos e alimentar formigas com açúcar, mas mantendo a liberdade de prejudicar o seu irmão humano da maneira mais horrível. É notável observar como quase todas as boas idéias deste mundo podem ser levadas a um extremo repulsivo. Uma boa prática levada ao extremo e executada de acordo com a letra da lei, torna-se um mal positivo. Os monges malcheirosos de certas ceitas religiosas, que não se banham para que a vermina de seus corpos não seja morta, jamais pensam no desconforto e nas doenças que levam a seus semelhantes. Não pertencem, portanto, à religião dos Vedas.

Devemo-nos lembrar sempre, em conseqüência, de que as práticas externas só têm valor como meios auxiliares para desenvolver a pureza interior. É melhor ter apenas pureza interna, quando não é praticável a minuciosa atenção às observâncias externas. Mas aí do homem e aí da nação que esquecem a parte essencial, real, interna, e espiritual, da religião, e agarram-se mecanicamente, com apego mortal, a todas as formas externas e jamais se separam delas! As formas só têm valor enquanto são expressões da vida interior. Se cessaram de expressar vida, esmagai-as sem misericórdia.

O meio seguinte para a obtenção de Bhakti é energia. "Esse Atman não será obtido pelos fracos." Tanto a força física como a mental estão aqui englobadas. "Os fortes, os resistentes" são os únicos estudantes adequados. Que podem fazer as coisinhas débeis, decrépitas? Irão quebrar-se em pedaços sempre que as misteriosas forças do corpo e da mente forem acordadas, mesmo levemente, pela prática de qualquer das Yogas. "Os jovens, os sadios, os fortes- são os que podem lograr sucesso. Força física, portanto, é absolutamente necessária. Só um corpo forte pode suportar o choque da reação que resulta das tentativas para controlar os órgãos. O que deseja tornar-se um bhakta, deve ser forte, deve ser sadio. Quando os miseravelmente fracos tentam qualquer das Yogas, possivelmente irão adquirir moléstia incurável, ou enfraquecer a mente. Enfraquecer voluntariamente o corpo não é, realmente, uma receita para o esclarecimento espiritual.

Os fracos mentalmente também não podem ter sucesso na obtenção de Atman. Quem aspire ser um bhakta deve ser animado. No mundo ocidental, a idéia de um homem religioso é a daquele que jamais sorri, que parece ter sempre uma nuvem escura pendendo sobre seu rosto, que deve ser comprido, com a mandíbula quase deslocada. As pessoas de corpos emaciados e rostos compridos são pacientes para médicos; não são yogues. A mente animada é que se faz perseverante. A mente forte é que desbasta seu caminho através de milhares de dificuldades. E a mais dura de todas as tarefas, o abrir nosso caminho entre as redes de maya, pertence às vontades de gigantes.

Ainda assim, ao mesmo tempo, a alegria exagerada deve ser evitada. A alegria exagerada torna-nos impróprios para o pensamento sério, e também desperdiça em vão as energias da mente. Quanto mais forte a vontade, menor é a submissão às vacilações emocionais. Hilaridade excessiva é tão censurável quanto o excesso de triste seriedade, e toda a compreensão religiosa só é possível quando a mente está em condições firmes, pacíficas, de equilíbrio harmonioso.

É assim que se deve começar a aprender como amar o Senhor.

---

18 Avatar - Palavra sânscrita, que significa literalmente "descida" e fala da encarnação de Deus sob forma humana. Krishna, seria assim, o avatar do Vishnu, a segunda pessoa da Trindade Hinduista, tal como Cristo foi um avatar da segunda pessoa da Trindade Cristã no corpo de Jesus.

19 Ramayána - Palavra sânscrita que significa, literalmente, "Jornada de Rama" (Rama é personagem histórico da Índia, ou, em outros casos, como aqui, por exemplo, a sétima encarnação de Vishnu).

20 Sattva - Qualidade de pureza, harmonia e paz que deve prevalecer entre os místicos e yogues.

## Terceira parte

Na Bhakti-Yoga o segredo central é saber que as várias paixões, sentimentos e emoções do coração humano não são errados em si mesmos; apenas devem ser cuidadosamente controlados e receber uma condição superior de excelência. A direção mais elevada é a que nos leva a Deus; toda outra direção é inferior.

Terminamos a consideração do que podemos chamar a Bhakti preparatória, e entraremos agora no estudo da suprema devoção. Todas as preparações pretendem apenas a purificação da alma. A repetição de nomes, de rituais, de formas, e os símbolos todas essas várias coisas são para a purificação da alma.

O maior purificador, entre essas coisas, um purificador sem o qual não se pode entrar nas regiões da devoção superior, é a renúncia. Isso assusta muitos, mas, sem ela não pode haver crescimento espiritual.

Em todas as Yogas a renúncia é necessária. Eis a pedra de toque, o centro real e o coração real de toda a cultura espiritual: a renúncia. Eis religião: a renúncia. Quando a alma humana se retrai das coisas do mundo e tenta penetrar nas coisas mais profundas, quando o homem, o Espírito, que de certa forma aqui se materializou e concretizou, compreende que ele vai ser destruído e reduzido quase a simples matéria, e volve seu rosto à matéria - então começa a renúncia, então começa o verdadeiro crescimento espiritual.

A renúncia do karma-yogue toma a forma de desistir de todos os frutos de suas ações. Ele não se apega aos resultados de seus trabalhos, não se importa com recompensas, já ou depois.

O raia-yogue sabe que o conjunto da natureza se destina a ser um meio para a alma adquirir experiências, e que o resultado de todas as experiências da alma é tornar-se ela consciente de sua eterna separação da natureza. A alma humana tem de entender e realizar que ela tem sido espírito, e não matéria, através da eternidade, e que a sua junção com a matéria é, e pode ser, apenas temporária. O raja-yogue aprende a lição da renúncia através de suas próprias experiências da natureza.

O jnane-yogue tem de passar pela mais rigorosa das renúncias, e precisa compreender, desde o princípio, que a totalidade desta natureza aparentemente sólida não passa de uma ilusão. Tem de compreender que toda e qualquer espécie de manifestação de poder da natureza pertence à alma e não à natureza. Tem de saber, desde o início, que todo o conhecimento e toda a experiência estão na alma e não na natureza; assim tem, de pronto e pela penetrante força da convicção racional, de romper todo aprisionamento à natureza. Deixa a natureza e tudo quanto a ela pertence; deixa-os desvanecer-se e procura manter-se sozinho.

De todas as renúncias, a mais natural, por assim dizer, é a do bhakta-yogue. Aqui não há violência, nada a abandonar, nada a arrancar de nós mesmos, nada de que devamos ser violentamente separados. A renúncia do bhakta é fácil, corre maciamente, e é tão natural como as coisas que nos rodeiam. Vemos a manifestação desse tipo de renúncia, embora mais ou menos sob forma caricaturesca, todos os dias, em torno de nós. Um homem começa a amar uma mulher; depois de algum tempo ama outra, e deixa que se vá a primeira. Ela se esvai de sua mente de maneira suave, delicada, sem que ele sinta, absolutamente, sua falta. Uma mulher ama um homem. Começa, então, a amar outro homem, e o primeiro desaparece de sua mente com toda a naturalidade. Um homem ama sua própria cidade, depois começa a amar seu país, e o amor intenso por sua cidadezinha vai caindo maciamente, naturalmente. O homem aprende a amar todo o mundo: seu amor por seu país, seu patriotismo intenso e fanático fene-se sem magoá--lo, sem qualquer manifestação de violência. Um homem sem cultura ama intensamente os prazeres dos sentidos; conforme vai--se educando, começa a amar os prazeres intelectuais, e seu prazer dos sentidos vai diminuindo cada vez mais. Homem algum pode gozar uma refeição com o mesmo sabor e prazer com que a gozam um cão ou um lobo, Mas o deleite que um homem sente em suas realizações e experiências intelectuais, um cão jamais sentirá.

Quando um homem ascende cada vez mais alto no plano do intelecto, muito além do simples perisamento, quando galga o plano da espiritualidade e da divina inspiração, acha-se num estado de beatitude, comparado com o qual nada são todos os prazeres dos sentidos, ou mesmo do intelecto, nada são. Quando a Lua brilha intensamente, todas as estrelas se turvam, e quando o Sol brilha, é a Lua que se turva. A renúncia necessária para a obtenção de Bhaki não se obtém por matar seja o que for, mas chega naturalmente, tal como em presença de uma luz crescentemente mais forte as luzes menos intensas se obscurecem cada vez mais até desaparecerem por completo. Assim, o amor aos prazeres dos sentidos e do intelecto se obscurece, e é posto de lado, atirado à sombra criada pelo próprio amor de Deus.

Esse amor a Deus cresce até assumir a forma do que se pode chamar devoção suprema. As formas desaparecem, os rituais fogem, os livros são ultrapassados; as imagens, templos, igrejas, religiões e seitas, países e nacionalidades - todas essas pequenas limitações e entraves se desprendem, por sua própria natureza, daquele que conhece esse amor de Deus. Nada resta para entravá--mo-nos, ou para algemar a sua liberdade. Assim, na renúncia que auxilia a devoção não há aspereza, nem escura, nem luta, nem repressão, nem supressão. O bhakta não precisa suprimir uma só de suas emoções. Esforça-se, apenas, por intensificá--las e dirigi-Ias para Deus.

Na natureza vemos amor por toda a parte. O que quer que na sociedade seja bom, grande, sublime, é trabalho do amor. O que quer que em sociedade seja mau, negativo, diabólico, é também o trabalho mal dirigido da mesma emoção de amor. 9 essa mesma emoção que nos dá o puro e santo amor conjugal entre marido e mulher, bem como a espécie de amor que satisfaz as formas mais baixas

de paixão animal. A emoção é a mesma, mas sua manifestação é diferente, nos diferentes casos.

Bhaki-Yoga é a ciência do amor superior. Mostra-nos como dirigi-lo, como controlá-lo, como governá-lo, como usá-lo, como dar--lhe alvo novo, por assim dizer, e disso obtém os mais altos e gloriosos resultados, isto é, o modo de o fazer conduzir-nos à bem-aventurança espiritual. Bhakti-Yoga não diz: "Abandona!" Diz, apenas: "Ama - ama o Supremo!" E tudo quanto é inferior larga naturalmente aquele cujo objeto de seu amor é o Supremo.

"Nada posso falar a Teu respeito, a não ser que és o meu amor. És belo! És a própria beleza!" O que realmente se nos exige nessa Yoga é que nossa sede de beleza seja dirigida para Deus. Que é a beleza num rosto humano, no céu, nas estrelas, e na Lua? É apenas uma apreensão particular da real, envolvente beleza divina. "Ele brilha, e tudo brilha. É através de Sua luz que todas as coisas brilham." Tomai esta alta posição de Bhakti, que vos faz esquecer imediatamente vossas pequenas personalidades. Afastai-vos de todos os pequenos e egoísticos apegos mundanos. Não contempleis a humanidade como sendo o centro de todos os vossos interesses humanos e superiores. Conservai-vos como uma testemunha, como um estudante, e observai os fenômenos da natureza. Mantende o sentimento de desapego pessoal no que se refere ao homem, e observai como esse poderoso sentimento de amor se manifesta no mundo. As vezes se produz uma pequena fricção mas é apenas no curso da luta para obter o superior, o verdadeiro amor. As vezes há uma pequena luta, ou uma pequena queda, mas isso é apenas passageiro. Ficai de lado e deixai que essas fricções venham, livremente. Sentis a fricção apenas quando estais na corrente do mundo, mas quando estais fora dela, simplesmente como testemunha ou estudante, podereis ver que há milhões e milhões de canais através dos quais Deus se está manifestando como amor.

"Onde quer que haja qualquer beatitude, mesmo na mais sensual das coisas, há uma faísca da beatitude eterna, que é o próprio Senhor." Mesmo na mais baixa forma de atração, há um germe do amor divino. Um dos nomes do Senhor em sânscrito é Hari, que significa que Ele atrai todas as coisas para si. E Sua atração é, realmente, a única digna dos corações humanos. Quem pode atrair realmente uma alma? Somente Ele!

Pensais que matéria morta possa realmente atrair uma alma? jamais o fez e jamais o fará. Quando vedes um homem seguindo um belo rosto, pensais que é um punhado de moléculas materiais organizadas o que realmente atrai esse homem? Absolutamente. Atrás daquelas partículas materiais deve haver, e há, o jogo da divina influência e do amor divino. O homem ignorante não o sabe, mas, não obstante, consciente ou inconscientemente, é atraído por esse amor, e apenas por ele. Assim, mesmo as mais baixas formas de atração, derivam seu poder do próprio Deus. O Senhor é o grande ímã, e nós somos todos como que limalhas de ferro; estamos sendo sempre atraídos por Ele, e todos lutamos por alcançá-Lo. Toda essa nossa luta neste mundo não tem, seguramente, fins egoísticos. Os tolos não sabem o que estão fazendo; a obra de sua vida, afinal, é aproximarem-se do grande ímã. Todas as tremendas lutas e combates da vida visam fazer-nos caminhar para Ele, fundamentalmente, e com Ele nos unificarmos.

O bhakta-yogue, entretanto, conhece o significado das lutas da vida. Compreende-as. Passou por uma longa série dessas lutas e sabe o que elas significam, e deseja, ansiosamente, libertar-se de suas fricções.

Deseja evitar a colisão e vai diretamente para o centro de toda a atração, o grande Hari. Tal é a renúncia do bhakta. Essa poderosa atração em direção a Deus faz com que todas as demais atrações lhe desapareçam.

Esse poderoso e infinito amor de Deus, que lhe entra no coração, não deixa lugar para que outro amor qualquer ali viva. Como poderia ser de outra maneira? Bhakti enche seu coração com as águas divinas do oceano do amor, que é o próprio Deus. Não há lugar ali para pequenos amores. Isso quer dizer que a renúncia do bhakta é esse desapego por todas as coisas que não sejam Deus, o qual resulta do grande apego a Deus.

Essa é a preparação ideal para atingir o supremo Bha-kti. Quando advém essa renúncia, as portas se abrem para a alma passar e alcançar as elevadas regiões da devoção suprema. Só o bhakta atingiu aquele supremo estado de amor comumente chamado fraternidade do homem. Os demais indivíduos apenas falam. Ele não vê distinções. O poderoso oceano do amor entrou nele, que não vê o homem no homem, mas vê seu Bem-Amado em toda a parte. Através de todos os rostos, para ele, brilha Hari. A luz do Sol ou da Lua são a Sua manifestação. Onde quer que haja beleza e sublimidade, para ele provêm de Hari. Tais bhaktas ainda vivem; o mundo nunca está sem eles. Embora mordidos por uma serpente, dizem apenas que um mensageiro do seu Bem-Amado veio até eles. Só esses homens têm o direito de falar em fraternidade universal. Ignoram ressentimentos; suas mentes jamais reagem sob a forma de ódio ou ciúme.

O exterior, o sensual, desvaneceu deles para sempre. Como podem ter cólera, quando, através de seu amor, estão sempre capacitados a ver a Realidade atrás dos cenários?

Na Bhakti-Yoga o segredo central é saber que as várias paixões, sentimentos e emoções do coração humano não são erradas em si próprias. Apenas têm de ser cuidadosamente controladas, recebendo direção cada vez mais elevada, até que atinjam a própria e mais alta condição de excelência. A direção superior é a que nos leva a Deus: toda a direção que não seja essa, é inferior.

A conclusão a que chega o bhākta é que, se insistirdes em amar apenas uma pessoa após a outra, podeis continuar amando-as por uma infinita vastidão de tempo, sem serdes absolutamente capazes de amar o mundo como um todo. Todavia, quando, por fim, a idéia central é alcançada, que a sorna total de todo o amor é Deus; que a soma total das aspirações de todas as almas do universo, estejam livres, ou prisioneiras, ou em luta pela libertação, é Deus, então, e só então será possível o indivíduo fazer nascer o amor universal. Se amamos essa soma total, amamos tudo. Amar o mundo e fazer-lhe bem será então coisa fácil. Temos de obter esse poder apenas amando a Deus em primeiro lugar; senão, não passa de um divertimento fazer bem ao mundo.

"Tudo é Ele e Ele é o meu Amante; eu O amo" - diz o bhakta. Desta maneira tudo se torna sagrado para o bhakta, porque todas as coisas são d'Ele. Todos são Seus filhos, Seu corpo, Sua manifestação. Como podemos, pois prejudicar alguém? Como podemos, pois, não amar alguém? Como o amor de Deus virá, como segura consequência, o amor de tudo no universo. Quanto mais próximos de Deus chegamos, mais começamos a ver que todas as coisas estão n'Ele. Quando a alma consegue apropriar-se da beatitude desse amor supremo, começa, também, a vê-Lo em tudo. Nosso coração se torna, assim, uma fonte eterna de amor. E quando alcançamos estados ainda mais elevados neste amor, todas as pequenas diferenças entre as coisas do mundo se perdem completamente. O homem já não é visto como homem, mas só como Deus. Não mais se vê o animal como simples animal, mas como Deus. Mesmo o tigre já não é um tigre, mas a manifestação de Deus. Assim, nesse intenso estado de Bhakti, o culto é ofereci-\* do a tudo: a toda a vida e a todos os seres.

Como resultado desta espécie de intenso e onívoros amor, vem o sentimento de perfeita autoabnegação e a convicção de que nada que acontece é contra nós. Então, a alma amorosa está apta a dizer, se a dor vier: "Bem-vinda sejas, dor!" Se a angústia vier, ela dirá: "bem-vinda sejas, angústia! Também tu vens do Bem-Amado!- Se a serpente vier, dirá: "Bem-vinda sejas, serpente!" . Se a morte vier, recebela-á o bhakta com um sorriso: "Abençoado sou eu porque todos vêm a mim; todos são bem-vindos -. Nesse estado de perfeita resignação nascido do intenso amor por Deus e por tudo que é Seu, o bhakta cessa de distinguir entre o prazer e a dor, no que lhe afetam. Não sabe o que é queixar-se de dor ou de angústia, e essa espécie de resignação sem queixas diante da vontade de Deus, que é todo amor, vem a ser, realmente, uma aquisição mais valiosa do que toda a glória das grandes e heróicas realizações.

Para a imensa maioria da humanidade, o corpo é tudo, é todo o universo, e os prazeres corporais são o máximos. Podemos todos lidar por manter nossos corpos mais ou menos satisfatoriamente corpos, e durante períodos de tempo maiores ou menores. Apesar disso, nossos corpos têm que desaparecer: não são permanentes. Abençoados são aqueles cujos corpos são destruídos a serviço de outros. "Riqueza, e mesmo a própria vida, o sábio sempre as mantém para serviço de outros. Neste mundo há apenas uma coisa certa, que é a morte, e é muito melhor que o corpo morra por uma boa 'causa do que por uma causa má." Podemos arrastar nossa vida por cinquenta ou cem anos, mais, depois, disso, o que acontece? Tudo quanto é resultado de combinação deve dissolver--se e morrer. Deverá chegar uma época em que ocorrerá a sua decomposição, Jesus, Buda, Maomé, estão todos mortos. Todos os grandes profetas e instrutores do mundo estão mortos. "Neste mundo evanescente, onde tudo está caindo em pedaços, temos que fazer o mais elevado uso do tempo de que dispomos" - diz o bhakta. E, realmente, o mais elevado uso da vida é mantê-la a serviço de todos os seres.

É a horrível idéia do corpo o que nutre todo o egoísmo do mundo - apenas essa ilusão de que somos inteiramente o corpo que possuímos, e que devemos fazer o possível por preservá-lo e satisfazê-lo. Se souberdes que sois positivamente outra coisa que não o vosso corpo, nada tereis contra o que lutar, nada tereis para combater. Estareis mortos para toda a idéia de egoísmo. Assim o bhakta declara que nos devemos manter como se já estivéssemos mortos para todas as coisas do mundo, e que isso é realmente, a auto-abnegação. Que as coisas venham como puderem. Este é o significado da expressão: "Faça-se a Tua vontade". Neste estado de sublime resignação tudo quanto tenha a forma de apego desaparece completamente, exceto esse onívoros amor por Aquele no qual todas as coisas vivem e se movem, e tem o seu ser. Esse apego do amor de Deus, é, com efeito, um apego alma; antes rompe, efetivamente, todos os que não encadeia a grilhões.

## Quarta parte

Apanha-se objeto após objeto, e o ideal interior é sucessivamente projetado neles todos. E nota-se que todos esses objetos externos são inadequados como expoentes do ideal interior sempre em expansão, e, são, naturalmente, rejeitados, um após o outro. Por fim, o aspirante começa a refletir que é inútil a tentativa de colocar o ideal em objetos externos, pois estes nada são, comparados com o próprio ideal. E, com o decorrer do tempo, adquire o poder de realizar o mais alto o mais generalizado ideal abstrato, inteiramente como uma abstração, que, para ele, é bastante viva e real.

Podemos representar o amor como um triângulo, em que cada ângulo corresponde a uma de suas características inseparáveis. Não pode haver triângulo sem os três ângulos, e não pode haver amor verdadeiro sem as três seguintes características:

O primeiro ângulo do nosso triângulo do amor é o fato do amor não conhecer transações. Sempre que se procura algo em retribuição, não pode haver amor real. Ele torna-se uma questão de venda-e-compra.

Enquanto houver em nós qualquer idéia de obter tal ou qual favor de Deus em retribuição de nosso respeito e fidelidade a Ele, não haverá verdadeiro amor florescendo em nosso coração. Os que adoram Deus porque desejam que Ele lhes prodigalize favores, com certeza não O adorarão se tais favores não forem outorgados. O bhakta ama o Senhor porque Ele é adorável. Não há outro motivo originando ou dirigindo a divina emoção do verdadeiro devoto.

Ouvimos dizer que um grande rei foi certa vez a uma floresta e ali encontrou um sábio. Conversou um pouco com ele e ficou muito satisfeito com a sua pureza e sabedoria. Desejou então que o sábio aceitasse dele um presente, o que o outro recusou, dizendo: "Os frutos da floresta são alimento bastante para mim.

As puras correntes de água que fluem da montanha dão-me bastante de beber. As cascas das árvores fornecem-me cobertas, e as grutas da montanha formam o meu lar. Por que receberia eu presentes de vós ou de quem quer que seja?"

O rei falou: "Apenas para me ser agradável, senhor, recebei, por favor, algo de minhas mãos, e por favor, vinde comigo à cidade, ao meu palácio".

Depois de muita insistência, o sábio consentiu, por fim, em fazer o que o rei desejava, e acampanhou-o até o palácio.

Antes de oferecer o presente ao sábio, o rei fez suas orações nestes termos: "Senhor, dai-me mais filhos.

Senhor, dai-me mais riqueza. Senhor, dai-me mais território. Senhor, mantende meu corpo em melhor saúde. . . " E assim por diante.

Antes que o rei terminasse de fazer sua oração, o sábio se havia levantado e saído caladamente do aposento. Vendo aquilo, o rei ficou perplexo e começou a segui-lo, exclamando: "Senhor, estais indo embora! Não recebestes ainda os meus presentes!"

O sábio voltou-se para ele e disse: "Não mendigo de mendigos. Nada mais sois do que um mendigo. Assim, como podeis me dar alguma coisa? Não sou tolo para pensar em tomar seja o que for de um mendigo como vós. Ide daqui, Não me sigais".

Fica bem estabelecida a distinção entre simples mendigos e reais amantes de Deus. Mendicância não é linguagem de amor.

Cultuar Deus, mesmo por amor da salvação ou de outra recompensa, é igualmente uma degeneração. O amor não conhece recompensa. O amor é sempre por amor do amor. O bhakta ama porque não pode deixar de amar. Quando vedes uma bela paisagem e vos apaixonais por ela, não pedis que essa paisagem vos faça um favor, nem a paisagem exige algo de vós. Ainda assim, aquela visão vos dá um estado beatífico da mente, acalma toda a fricção de vossa alma, faz-vos calmos, quase vos eleva, na ocasião, acima de vossa natureza mortal, colocando-vos na condição de um êxtase bastante divino. Essa natureza do verdadeiro amor é o primeiro ângulo do nosso triângulo. Não peçais coisa alguma em troca de vosso amor. Que vossa posição seja sempre a do dador. Dai vosso amor a Deus, mas nem a Ele peçais nada em retribuição.

O segundo ângulo do nosso triângulo de amor é que o amor não conhece medo. Os que amam a Deus através do medo, são os seres humanos de tipo mais ínfimo, muito pouco desenvolvidos como homens.

Cultuam Deus porque têm medo de castigos; para eles Deus é um grande ser, com um chicote numa das mãos e um cetro na outra. Se não O obedecerem, receiam ser chicoteados. É uma degradação cultuar Deus através do medo do castigo. Tal culto, se culto se pode chamar, é a mais rude forma de culto através do amor. Enquanto houver qualquer medo em vosso coração, como pode haver ali amor, também? O amor vence o medo, naturalmente. Pensai numa jovem mãe que vai pela rua, e um cão lhe late. Tem medo e corre para a casa mais próxima. Suponde, porém, que no dia seguinte ela está na rua com seu filho, e um leão salta sobre ele. Qual será agora a atitude daquela mãe? Por certo na própria boca do leão, protegendo seu filho.

O amor vence todo o medo. O medo provém da idéia egoísta de nos separarmos do universo. Quanto menor e mais egoísta eu me faço, maior é o meu medo. Se um homem pensa que ele é um pequenino nada, o medo virá seguramente sobre ele. E quanto menos pensardes em vós como uma insignificante

pessoa, menos medo tereis. Enquanto houver o menor lampejo de medo em vós, não podereis ter amor.

Amor e medo são incompatíveis. Deus nunca é temido por aqueles que O amam. O mandamento: "Não tomes o nome do Senhor em vão", faz rir o verdadeiro amante de Deus. Como pode haver qualquer blasfêmia na religião do amor? Quanto mais tomardes o nome do Senhor, tanto melhor para vós, qualquer que seja o modo como o façais. Apenas repetis Seu nome porque O mais.

O terceiro ângulo do triângulo do amor é que o amor não tem rival, pois sempre corporifica o mais alto ideal do amante. O verdadeiro amor jamais nos chega enquanto o objeto do nosso amor não se tornar o nosso mais alto ideal. Pode ser que em muitos casos o amor humano seja mal dirigido e mal colocado, mas para a

pessoa que ama, a coisa que ama é sempre seu mais alto ideal. É possível que uns vejam esse ideal no mais vil dos seres, e outros no mais elevado dos setes. Contudo, em cada caso é o ideal, apenas, que pode ser verdadeira e intensamente amado. O supremo ideal de cada homem se chama Deus. Ignorante ou sábio, santo ou pecador, homem ou mulher, educado ou não, culto ou ignorante - para cada ser humano o ideal supremo é Deus. A síntese de todos os mais elevados ideais de beleza, de sublimidade, e de poder nos dá a mais completa concepção do amoroso e amável Deus.

Esses ideais existem, naturalmente, sob essa ou aquela forma, em todas as mentes: formam uma parte de todas as mentes. Todas as manifestações ativas da natureza humana são lutas para que esses ideais sejam concretizados na vida prática. Todos os vários movimentos que vemos em torno de nós, na sociedade, são causados pelos vários ideais em várias almas, tentando manifestar-se e concretizar-se. O que está no interior pressiona para se exteriorizar. Essa influência perenemente dominante do ideal é a única energia, a única força motriz que se pode ver atuando constantemente no meio da humanidade, Pode ser que depois de centenas de nascimentos e de lutas através de milhares de anos, um homem verifique ser inútil tentar fazer com que o ideal interior modele completamente as condições externas, e a elas se ajuste. Depois de compreender isto, ele não mais tenta projetar seu ideal no mundo exterior, mas cultua o ideal como ideal em si, do mais alto ponto de vista do amor.

Este ideal abstratamente perfeito compreende todos os ideais menores. Todos admitem como verdadeiro o ditado: "O amoroso vê a beleza de Helena no rosto de uma etíope". O homem que está de lado, como observador, vê que o amor está aqui mal colocado; mas, não obstante, o amoroso vê a sua Helena, e de maneira alguma a etíope. Helena ou etíope, os objetos do nosso amor são os centros em torno dos quais nossos ideais se cristalizam. Que cultua o mundo, habitualmente? Não, por certo, o onivoltante e perfeito ideal do supremo devoto e amante. O ideal que homens e mulheres cultuam habitualmente é o que está neles próprios. Cada qual projeta seu próprio ideal no mundo exterior, e ajoelha-se diante dele. Eis porque notamos que os homens que são cruéis e sedentos de sangue concebem um Deus sedento de sangue; é que só podem amar seus próprios ideais mais elevados. Eis por que os homens bons têm uma idéia muito alta de Deus, e seus ideais, são, realmente, muitíssimo diferentes dos ideais dos outros.

Qual é o ideal do amante que superou a idéia de egoísmo, de permuta, de transação, e que não conhece o medo? Mesmo ao grande Deus tal homem dirá: 'Mar-Te-ei tudo o que é meu e nada quero de Ti.

Realmente, nada há que eu possa chamar meu". Quanto um homem adquire tal convicção, seu ideal se torna um ideal de perfeito amor, de perfeita intrepidez,

nascida do amor. O ideal mais elevado de uma pessoa assim não está envolto em nenhuma estreiteza da particularidade; é amor universal, amor sem limites ou entraves, o próprio amor, o amor absoluto. Esse grande ideal da religião do amor é cultuado e amado absolutamente como tal, sem ajuda de quaisquer símbolos ou sugestões. Esta é a forma mais elevada da suprema Bhakti, a que cultua como ideal o ideal onibancante; todas as demais formas de Bhakti são apenas etapas intermediárias para atingi-la.

Todos os nossos insucessos e todos os nossos êxitos quando seguimos a religião do amor, estão no caminho para a realização desse ideal único. Objeto após objeto é tomado, e o ideal interior é sucessivamente projetado neles todos; e todos esses objetos externos provam serem inadequados como expoentes do ideal interior sempre em expansão, e são naturalmente rejeitados, um após outro. Por fim, o aspirante começa a pensar que é inútil a tentativa de colocar o ideal em objetos externos, pois tais objetos nada são comparados ao ideal em si. E, com o correr do tempo, adquire o poder de realizar o mais alto e mais generalizado ideal abstrato inteiramente como uma abstração,\* que, para ele, é bastante viva e real.

Quando o devoto atingiu tal ponto, não mais se vê impelido a indagar se Deus pode ou não ser demonstrado, se é onipotente e onisciente ou não. Para ele, trata-se apenas do Deus do amor. Ele é o mais alto ideal de amor, e isso é suficiente para todos os seus propósitos. Ele, como amor, é auto-evidente, não requer provas para demonstrar ao amoroso a existência do amado. Os Deuses-magistrados das outras formas de religião podem exigir muitas provas para evidenciá-los, mas o bhakta não pensa e não pode jamais pensar em tais Deuses. Para ele, Deus existe inteiramente como amor.

Há quem diga que o egoísmo é a única força motriz por trás das atividades humanas. Isso também é amor, inferiorizado por ser particularizado. Quando penso em mim mesmo como compreendendo o Universal, não pode haver, seguramente, egoísmo em mim, mas quando, erroneamente, penso que sou algo pequeno, meu amor se torna particularizado e estreito. O erro consiste em estreitar e restringir a esfera do amor.

Todas as coisas no universo são de origem divina e merecem ser amadas. É preciso, contudo, conservar em mente que o amor do todo inclui o amor das partes.

Este todo é o Deus dos bhaktas, e todos os outros Deuses, Pais do Céu, Governantes, ou Criadores, e todas as teorias e doutrinas e livros, não têm para eles nenhum propósito nem significação, já que, através do seu amor e devoção supremos, eles se ergueram inteiramente acima dessas coisas. Quando o coração é purificado, limpo, e cheio até as bordas com o néctar divino do amor, todas as idéias de Deus se tornam simplesmente pueris e são rejeitadas como inadequadas e sem Valor. Tal é, com efeito, o poder do amor supremo. O perfeito bhakta não mais vai ver Deus nos templos e igrejas; sabe que não há lugar onde não O encontre. Encontra-O tanto fora como dentro do templo. Encontra-o tanto na perversidade dos perversos como na santidade dos santos, porque já O instalou em glória em seu próprio coração, como a única, poderosa, inextinguível luz do amor que está sempre refulgindo e eternamente presente.

É impossível expressar em linguagem humana a natureza desse ideal supremo e absoluto. Mesmo o mais alto vôo da humana imaginação é incapaz de compreender isso em toda a sua infinita perfeição e beleza.

Contudo, os seguidores da religião do amor em sua forma mais alta como na mais baixa, em todos os países, têm precisado usar a humana linguagem para compreender e definir seu próprio ideal de amor.

Ainda mais: o próprio amor humano, em todas as suas variadas formas, foi feito para simbolizar esse amor divino inexprimível. Os homens só podem pensar nas coisas divinas à sua maneira humana: para nós, o Absoluto pode ser expresso apenas em nossa linguagem relativa. Todo o universo é, para nós, uma composição do Infinito escrita na linguagem do finito. Portanto,, na relação de Deus e Seu culto através do amor, os bhaktas usam todos os termos comuns associados com o amor comum da humanidade.

Alguns dos grandes escritores da Bhakti suprema tentaram compreender e experimentar esse divino amor de muitas maneiras. A forma mais baixa na qual esse amor é apreendido, está no que chamam o pacífico - o shanta. Quando um homem cultua Deus sem o fogo do amor dentro de si, sem sua loucura em seu cérebro; quando o amor é apenas calmo, banal, um pouco mais alto do que as meras formas, cerimônias e símbolos, mas de forma alguma caracterizado pela loucura do amor intensamente ativo, é chamado shanta.

Vemos pessoas no mundo que gostam de mover-se lentamente, e outras que vão e vêm como turbilhões. O shanta-Máta é calmo, pacífico, delicado.

O tipo seguinte, mais alto, é o do dasya, serventia. Vem quando um homem pensa ser o servo do Senhor. O apego do servo fiel ao mestre é o seu ideal.

O tipo seguinte de amor é sakhya, amizade. "És nosso amigo querido." Tal como um homem abre seu coração ao seu amigo e sabe que o amigo jamais o irá censurar por sua faltas, mas sempre procurará ajudá-lo, tal como existe a idéia de igualdade entre ele e seu amigo - amor igual flui e reflui entre o adorador e seu amistoso Deus. Assim, Deus se torna nosso amigo, o amigo que está próximo, o amigo ao qual podemos contar francamente todas as histórias de nossa vida. Os mais recônditos segredos de nossos corações lhe podem ser expostos, com a grande certeza de segurança e apoio. Ele é o amigo que o devoto aceita como igual. Deus é aqui visto como que nosso companheiro de folguedos.

Podemos bem dizer que estamos todos brincando neste universo. Tal como as crianças fazem seus jogos, tal como os mais gloriosos reis e imperados fazem seus próprios jogos, assim o próprio bem amado Senhor se recreia com este universo. Ele é perfeito. Nada deseja. Por que criaria? A atividade, para nós, está sempre em função da realização de certo desejo, e o desejo sempre pressupõe imperfeição. Deus é perfeito. Não tem desejos. Por que continuaria Ele com este trabalho de uma criação sempre ativa? Que propósito tem em vista? As histórias que falam de Deus criando o mundo, com uma ou outra finalidade que imaginamos, são boas apenas como histórias, e nada mais. Tudo são realmente folguedos; o universo é o jogo continuo de Deus. O universo todo deve ser, afinal, um grande e agradável motivo de divertimento para Ele. Se sois pobres, gozai essa pobreza como divertimento. Se sois ricos, gozai o divertimento de serdes ricos. Se vem o perigo, também é divertimento, e se vem a felicidade, há nela mais e melhor divertimento. O mundo não passa de um parque de diversões, e estamos tendo bom divertimento, estamos gozando de um jogo. E Deus está jogando conosco, todo o tempo. E estamos jogando com Ele. Deus é o nosso eterno companheiro de folguedos. Como Ele é belo jogando! O jogo termina quando um ciclo chega ao fim. Há repouso por um período de tempo menor ou maior, e de novo tudo se manifesta e torna a jogar.

Só quando vos esqueceis de que tudo não passa de jogo e de que também estais auxiliando o jogo, é que a angústia surge, com os desgostos. Então o coração se torna pesado, então o mundo faz carga sobre vós com tremendo poder. Mas, assim que abandonais vossa crença séria na realidade dos incidentes mutáveis dos três minutos da vida, e sabeis que ela não passa de um estágio no qual estamos-nos divertindo, ajudando-O a divertir-se, imediatamente toda a angústia cessa para vós. Ele se diverte em cada átomo.

Está-se divertindo quando constrói terras, e sóis, e luas. Está-se divertindo com o coração humano, com os animais, com as plantas. Somos Suas peças de xadrez, que Ele coloca sobre o tabuleiro, sacudindo-as.

Arranja-nos primeiro de uma forma, depois de outra, e estamos, consciente ou inconscientemente, ajudando-O em seu jogo. E, 6 bem-aventurança! somos seus parceiros de folguedos!

A seguir vem o que é conhecido como vatsalya, amar a Deus não como nosso pai mas como nosso filho.

Isto pode parecer estranho, mas é uma disciplina que nos capacita a afastar toda idéia de poder em relação ao conceito de Deus. A idéia de poder traz consigo repetoso temor. Não deve haver receio no amor. As idéias de obediência e reverência são necessárias para a formação do caráter, mas quando o caráter está formado, quando o amoroso deu provas do amor calmo e pacífico, e deu provas também de um pouco da intensa loucura do amor, já não há necessidade de lhe falar mais sobre ética e disciplina. Conceber Deus como poderoso, majestoso e glorioso, como Senhor do universo, ou como Deus dos Deuses - é coisa que não preocupa o amoroso.

Para evitar a associação com Deus da sensação de poder que gera o medo, é que ele O adora como seu próprio filho. A mãe e o pai não sentem receoso temor em relação ao filho. Não podem ter reverência alguma pela criança. Não podemos pensar em pedir-lhe qualquer favor. A posição da criança é sempre a de quem recebe, e por amor ao filho os pais dariam centenas de vezes seu próprio corpo. Milhares de vidas sacrificariam por esse seu filho. Portanto, Deus é amado como um filho.

A idéia de amar a Deus como filho surge e cresce naturalmente entre as seitas religiosas que acreditam na encarnação de Deus. Para os maometanos é impossível nutrir a idéia de Deus como filho; recuariam de horror diante dela. Mas os cristãos e os hindus podem compreendê-la facilmente, porque têm o Menino Jesus e o Menino Krishna. As mulheres da Índia se vêem com freqüência na qualidade de mães de Krishna.

As mães cristãs também podem adotar a idéia de que são mães de Cristo, e essa idéia levará ao Ocidente o conhecimento da divina maternidade de Deus, de que o ocidental tanto necessita. Superstições, respeitoso temor, reverência em relação a Deus, são sentimentos profundamente arraigados no âmago de nosso coração, e por isso levamos longos anos para mergulhar inteiramente em amor nossas idéias de reverência e veneração, de respeitoso temor, majestade e glória, com referência ao Senhor.

Há mais uma representação humana do divino ideal do amor. É conhecida como madhura, a relação entre enamorados, que é a mais alta de tal representação. Está baseada, realmente, na mais alta manifestação de amor deste mundo, e esse amor é também o mais forte que o homem conhece. Que amor sacode toda a natureza do homem, que amor percorre todos os átomos de seu ser,

enlouquece-o, fá-lo esquecer sua própria natureza, transforma-o, torna-o um deus ou um demônio, como o amor entre homem e mulher?

Nessa doce representação do amor divino, Deus é nosso esposo. Todos somos mulheres, não há homens neste mundo. Há apenas um Homem, e é Ele, nosso Bem-amado. Todo o amor que um homem dá à mulher, ou a mulher ao homem, aqui está, para ser dado ao Senhor.

Todas as diferentes espécies de amor que vemos neste mundo, e com as quais estamos mais ou menos meramente brincando, têm Deus como finalidade única. Mas, infelizmente, o homem não conhece o oceano infinito para o qual esse poderoso rio de amor está constantemente fluindo, e assim, loucamente, muitas vezes procura dirigi-lo para bonequinhos de seres humanos. O tremendo amor pelo filho, que está na natureza humana, não é pelo bonequinho que é o filho. Se o aplicardes exclusiva e cegamente no filho, sofrereis as conseqüências. Mas através desse sofrimento virá o despertar mediante o qual descobrireis seguramente que se o amor que está em vós é dado a qualquer ser humano, mais cedo ou mais tarde trará dor e desgosto como resultado.

Portanto, vosso amor deve ser dado ao Supremo, que nunca morre nem se altera, e é o oceano em cujo amor não há fluxo nem refluxo. O amor deve ir para seu destino certo, deve ir para Ele, que é, realmente, o infinito oceano de amor. Todos os rios fluem para o oceano. Mesmo a gota de água que desce do flanco da montanha não pode cessar sua caminhada quando alcança um regato ou um rio, por muito grande que seja.

Por fim, mesmo essa gota encontrará de alguma forma seu caminho para o oceano.

Deus é a meta de todas as nossas paixões e emoções. Se quereis encolerizar-vos, encolerizai-vos com Ele.

Censurai vosso Bem--amado, censurai vosso amigo. Quem mais podereis censurar com segurança?

Nenhum homem mortal suportaria pacientemente vossa cólera, e haveria uma reação. Se vos encolerizais contra mim, estou certo de que reagirei rapidamente, porque não posso suportar com paciência a vossa cólera. Dizei ao Bem-amado: "Por que não vindes a mim? Por que me deixais assim sozinho?" Onde há prazer, a não ser n'Ele? Que prazer pode haver nos pequenos torrões de terra? Devemos procurar a essência cristalizada do infinito prazer, que é Deus. Que nossas paixões e emoções subam até Ele. Foram feitas para Ele, porque, se falharem no ir de encontro ao seu destino e se dirigirem para baixo, tomam-se vis. Quando vão direito para o seu destino, para o Senhor, mesmo a mais baixa delas se transfigura. Todas as energias do corpo e da mente, como quer que se expressem, têm o Senhor como seu destino único.

Todos os amores e todas as paixões do coração humano devem dirigir-se para Deus. Ele é o Bem-amado.

A quem mais este coração pode amar? Ele é o mais belo, o mais sublime. Ele é a própria beleza, a própria sublimidade. Quem, neste universo, é mais belo que Ele? Quem neste universo é mais adequado que Ele para ser o esposo? Quem no universo é mais adequado que Ele para ser querido? Portanto, seja Ele o esposo, seja Ele o Bem-amado.

Sim, o verdadeiro amante espiritual não descansa mesmo ali; mesmo o amor de esposo e esposa não é bastante alucinante para ele. Aos bhaktas não repugna também a idéia do amor ilegítimo, por ser tão forte.

A sua impiedade é coisa de que não cogitam. A natureza do amor é tal que quanto mais obstruções houver ao seu livre jogo, mais apaixonante se torna. O amor entre marido e mulher é suave, sem obstruções.

Assim, os bhaktas tipificam a moça que ama seu próprio bem-amado, e sua mãe e pai, ou esposo, fazem objeções a tal amor, e quanto mais alguém obste o curso de seu amor, tanto mais ele tende a intensificarse.

A linguagem humana não pode descrever quanto Krishna, nos bosques de Brindaban, foi loucamente amado; quanto, ao som de sua voz, as sempre abençoadas gopis (21) corriam ao seu encontro, esquecendo tudo, este mundo e seus entraves, seus deveres, suas alegrias e suas dores.

Homem, 6 homem! Falais de amor divino e ao mesmo tempo sois capaz de atender a todas as vaidades deste mundo. Sois sincero? "Onde Rama está, não há lugar para desejo algum.

Onde o desejo está, não há lugar para Rama! Tais coisas jamais coexistem. Como a luz e as trevas, nunca estão juntas."

## Quinta parte

Só esta bendita loucura de amor divino pode curar para sempre a doença do mundo que esta em nós. Quando se atinge o mais alto ideal de amor, a filosofia é expulsa. Quem se importará com ela? Liberdade, salvação, nirvana - tudo é expulso. Quem se importa de tornar-se livre enquanto no gozo do amor divino? "Senhor, eu não desejo riquezas, nem amigos, nem beleza, nem conhecimentos, nem mesmo liberdade. Fazei-me nascer muitas e muitas vezes, e sê sempre o meu amor. Sê sempre o meu amor.- "Quem quer tornar-se açúcar?" - diz o bhakta. "Desejo provar o açúcar." Quem, pois, desejará tornar-se livre o uno com Deus? -Possosaber que sou Ele, e contudo d'Ele me afastarei e me tornarei diferente, afim de poder gozar do Bem-amado." Isso é o que diz o bhakta. Amar por causa do amor é o seu maior deleite. Quem não se deixaria prender, de pés e mãos, mil vezes, para se deleitar no Bem-amado?

Ao bhakta nada interessa, exceto amar e ser amado. Seu amor extraterreno é como a maré subindo o rio. Esse amante sobe o rio, contra a correnteza. O mundo chama-o de louco. Conheço um que o mundo costumava chamar de louco, e esta era a sua resposta: Meus amigos, o mundo inteiro é um hospício. Uns são loucos pelo amor mundano, e outros pelo nome, uns pela fama, e outros por dinheiro, uns pela salvação, e outros para ir ao céu. Nesse grande hospício, também eu sou louco; sou louco por Deus. Se sois loucos por dinheiro, eu sou louco por Deus. Sois loucos; eu sou louco. E penso ser a minha loucura, afinal, a melhor". O amor do verdadeiro bhakta é esta ardente loucura, ante a qual tudo o mais se lhe desvanece. Todo o universo está, para ele, cheio de amor, e de amor apenas. Assim parece ao amante. Portanto, quando um homem tem esse amor em si, torna-se bem-aventurado para sempre, eternamente feliz. Só essa bendita loucura de amor divino pode curar para sempre a doença do mundo que existe em nós. Com o desejo, desvaneceu-se o egoísmo. Ele se aproximou de Deus, e expulsou todos os vãos desejos de que antes estava repleto.

Todos temos de começar como dualistas na religião do amor. Deus é, para nós, um ser separado, e nos sentimos também como seres separados. Então o amor intervém, e o homem começa a aproximar-se de Deus. Deus também começa a estar mais perto do homem. O homem experimenta todas as relações da vida -

como pai, como mãe, como filho, como amigo, como senhor, como amante - e projeta-as em seu ideal de amor, em seu Deus. Para ele Deus existe sob aquelas manifestações. E o ápice do progresso é atingido quando ele sente que se tornou absolutamente imerso no objeto do seu culto.

Todos começamos com o amor por nós mesmos, e as solicitações incorretas do eu inferior tornam egoísta o próprio amor. Por fim, entretanto, vem o fulgor integral da luz, na qual se vê este eu inferior unificar-se com o Infinito. O homem se transfigura na presença desta luz de amor, e compreende, finalmente, a bela e inspiradora verdade de que o amor, o amante, e o amado são um só.

21 Na mitologia hinduísta são as pastoras, companheiras de folguedos de Krishna, entre as quais se encontrava sua esposa Radha.

# **Karma Yoga**

## **A Educação da Vontade**

## **Swami Vivekananda**

ÍNDICE

PREFÁCIO

SWAMI VIVEKANANDA

CAPÍTULO 1 - KARMA E SEUS EFEITOS SOBRE O CARÁTER

CAPÍTULO 2 - CADA UM É GRANDE EM SEU PRÓPRIO MEIO

CAPÍTULO 3 - O SEGREDO DO TRABALHO

CAPÍTULO 4 - O QUE É O DEVER

CAPÍTULO 5 - NÃO É AO MUNDO QUE AJUDAMOS, E SIM A NÓS MESMOS

CAPÍTULO 6 - DESAPEGO E ABNEGAÇÃO COMPLETOS

CAPÍTULO 7 - LIBERDADE

CAPÍTULO 8 - O IDEAL DE KARMA-YOGA

**SWAMI VIVEKANANDA**, discípulo dileto do famoso místico hindu, Sri Ramakrishna, é um pensador também filho da Índia, que se impôs ao mundo por sua cultura, alicerçada numa salutar filosofia prática e aureolada por uma alta espiritualidade. Seu renome refulgiu com mais intensidade e amplitude depois da Conferência das Religiões, realizada nos Estados Unidos em 1903, que reuniu os mais notáveis representantes de religiões da época. Ali Vivekananda se destacou por sua serenidade, sabedoria e lucidez mental.

Conferencista notável e autor de várias obras sobre Yoga e temas filosófico-sociais, considerada por muitos um verdadeiro roteiro para quem quer que aspire a ser senhor e não escravo de suas ações, e se disponha a discipliná-las para torná-las mais inteligentes e eficientes.

Karma significa, sinteticamente, ação, e Yoga, união. Todo ser humano há de ter um ideal na vida' seja de família, pátria, humanidade ou Deus, e por meio de Karma Yoga ele pode unificar-se e integrar-se em seu ideal. Por isso, toda esta obra gira em torno da maneira como pode e deve cada qual cumprir o seu dever nesse sentido e aumentar sua eficiência e utilidade ' qualquer que seja a sua vocação e objetivo.

Sob o ponto de vista cristão, Karma Yoga interpreta e desenvolve o incisivo pensamento de São Paulo: "*A fé sem obras é morta*". Uma das grandes dificuldades de todos é levar sua teoria à prática, sua crença à realização. Pois nesta obra terão uma chave que lhes poderá abrir o portal. para essa consecução. Essa chave está ao alcance de todos, qualquer que seja a sua concepção da vida, a sua capacidade e a sua posição social. Basta que queiram aumentar a sua eficiência, ampliar sua atuação e encurtar o caminho de seus esforços em busca do êxito.

Toda ação, para ser positiva, obedece a leis fixas e imutáveis, que, se desatendidas ou omitidas, podem levar-nos ao fracasso e a decepções inevitáveis. Karma Yoga significa ação positiva, correta, aplicada segundo as mais sábias leis da vida. Estudá-la é aprofundar o conceito da vida. Praticá-la é fortalecer o seu caráter, desenvolver a sua capacidade pessoal, e valorizar o seu Eu. Eis o que o leitor aprenderá nestas páginas.

## Prefácio

Desde remotas eras, a vida espiritual ou religiosa tem sido interpretada como incompatível com a vida social ou material. Os "filhos de Deus" não deviam misturar-se com os "filhos do homem", e vice-versa. Os místicos em geral eram acoimados de sonhadores ou lunáticos, abstratos, indiferentes e alheios ao mundo onde nasciam, viviam e comiam. Ao passo que seus acusadores se diziam indivíduos práticos, de pés firmes Pia terra e integrados nos deveres impostos pela vida social ou material. Entre os povos, o hindu tem sido o mais-particularmente focalizado por essa crítica, pois que em regra ele se absorve na vida religiosa ou mística com o mesmo ardor com que o ocidental se empolga, por exemplo, pela política ou uma partida esportiva.

Todavia, a crítica imparcial discerne sem dificuldade que o erro tanto pode estar com o místico como com o prático, ao exagerar cada qual as suas próprias convicções e excluir de sua conduta outras leis igualmente importantes da vida, sem cuja observância não pode haver a harmonia que traz a verdadeira felicidade.

Errado anda o místico que, aborrecido do mundo, o considera uma simples tentação ou ilusão, e o abandona para desaparecer num mosteiro ou floresta e ali mergulhar-se na calma vida contemplativa por meio da automortificação e oração. Errado também se mostra o prático que, nada alcançando além dos sentidos, toma este mundo como a única dádiva de Deus ou do homem, e os resultados imediatos e utilitários como o mais positivo objetivo da vida.

Ambos esses encarnam extremadas concepções mentais, que finalmente lhes acarretarão fatal sofrimento ou fracasso. A verdade meridiana se ergue eqüidistante entre essas duas concepções, e é da conjugação destas que depende a salvação ou felicidade perdurável do indivíduo.

Mas como desvendar essa verdade? Eis o que poderá o leitor aprender nas lúcidas páginas que seguem, escritas por um notável filósofo hindu, que soube aliar magistralmente o senso místico oriental ao pendor prático do ocidental. Além de revelarem essa verdade, mostram ser o hindu um indivíduo "prático" na lídima acepção da palavra, pois sabe como coordenar a vida espiritual com a material, e como se pode comportar espiritualmente num mundo material, sem necessidade de embrenhar-se em bosques ou enclausurar-se em mosteiros.

Em última análise, "Prático" não é o indivíduo imediatista, que se esquece de que "nem só de pão vive o homem", como remístico " não é quem ignora que não se encarnam neste mundo para viver fora dele. "Prático" no real sentido, é quem

seja capaz de ser "filho do homem" mas também "filho de Deus" de "dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"; enfim, de atuar neste mundo como o faz toda pessoa inteligente num país estrangeiro, onde cumpre seus deveres mas tem seu coração preso à pátria distante. Esse é o karma-yogue.

Eis, em resumo, o que é Karma-Yoga, a lição que aprendemos do brilhante autor desta obra, já traduzida em muitas línguas e que agora brindamos aos leitores do nosso vernáculo. É uma réstia de luz a mais projetada numa época em que o mundo sonha com um melhor padrão econômico, cultural e espiritual para seus habitantes. Nosso escopo é contribuir deste, modo para que essa lição seja sábia e proveitosamente assimilada por todos.

## Swami Vivekananda

*"Ide a Calcutá e tereis um filho"*, tais foram as palavras ouvidas em sonho, no templo de Visvevaránata, em Benares, por uma mãe penitente e sem filhos.

Narendranath Dutt (Vivekananda) nasceu em Calcutá, a 12 de janeiro de 1863. Seu pai, que era advogado notável e político influente, deu-lhe a melhor educação possível, de acordo com os princípios modernos, desde mui jovem, Vivekananda foi atraído pela religião e a filosofia; devido, porém, à sua cultura ocidental, tinha o espírito cheio de dúvidas. Há um Deus? É este mundo todo ilusão ou realidade? Estas perguntas oprimiam seu cérebro, sem poder alcançar uma resposta satisfatória. A incredulidade e a sede do divino, alternativamente, tomavam posse de seu intelecto. Foi neste período de sua vida que um amigo o levou a Sri Ramakrishna, que reconheceu de momento o futuro grande homem que ia comover o mundo. Em tom sarcástico, perguntou o jovem: *"Há um Deus?"* *"Sim, meu filho"*, respondeu Ramakrishna, colocando seus dedos sobre o coração do jovem; e, com isto, desapareceu o jovem céptico Narendra e nasceu Vivekananda, o sacerdote e profeta da humanidade. O tumulto de seu coração se havia acalmado, pois nascera a certeza que lhe permitiu declarar mais tarde, no Congresso das Religiões: *"Eu vi Deus, conheci a Verdade"*.

Vivekananda graduou-se aos 19 anos e se destinava a seguir a carreira da advocacia; porém Ramakrishna o dissuadiu disso. Por morte do seu pai, viveu com seu mestre até o falecimento deste, submetendo-se às severas disciplinas das diferentes Yogas.

Em 1893, como Delegado ao Congresso das Religiões, em Chicago, apareceu, pela primeira vez, ante um público ocidental, empregando, daí por diante, seu tempo a ensinar no Ocidente a verdadeira filosofia oriental. Como fruto de suas conferências, nasceu o extraordinário movimento espiritualista que se nota nas Américas do Norte e do Sul.

Vivekananda passou os últimos dias de sua vida num mosteiro de Calcutá e morreu a 4 de julho de 1902.

\*\*\*

# Capítulo 1 - Karma e seus efeitos sobre o caráter

A palavra karma se deriva do sânscrito kri, fazer; toda ação é karma. Tecnicamente, esta palavra quer dizer: os efeitos das ações. Metafisicamente é usada com o seguinte significado: é o efeito provocado por nossas ações anteriores. Porém em Karma-Yoga só tratamos da palavra karma como equivalente de ação. A meta da humanidade é o conhecimento; este é o ideal unívoco da filosofia oriental.

O propósito do homem não é gozar, e sim conhecer. A felicidade tem seu fim. É um erro supor que o prazer é a meta. O motivo das misérias do mundo está em o homem pensar ingenuamente que o prazer é a finalidade que ele deve buscar. Depois de algum tempo, ele descobre não ser à felicidade porém ao conhecimento que se dirige; compreende que tanto o prazer como a dor são seus mestres e que tanto aprende através do bem como do mal.

O desfilar do prazer e da dor ante sua alma lhe sulca diferentes traços, e estas impressões combinadas formam o seu "caráter". Se considerardes o caráter de um homem, notareis que ele não é mais do que um agregado de suas tendências, a soma das ou inclinações de sua mente; achareis que a desgraça e a felicidade são fatores equivalentes na formação de seu caráter. O bem e o mal atuam de forma semelhante na formação do caráter.

Em certas ocasiões a desgraça é melhor mestre do que a felicidade. Se estudássemos os grandes caracteres, chegaríamos a crer que na maioria dos casos a desgraça lhes ensinou mais do que a felicidade; que a pobreza lhes ensinou mais do que a riqueza, e que foram os reveses mais do que os elogios o que lhes despertou o fogo interior.

Sabemos, porém, que este conhecimento é inato; nada nos vem do exterior; tudo está no interior. Quando dizemos que um homem "conhece", deveríamos dizer que ele "desconhece"; o que um homem "aprende" é em realidade apenas aquilo que ele descobre ao tirar as envolturas de sua alma, a qual é um depósito inesgotável de conhecimentos.

Dizemos que Newton descobriu a gravitação. Estaria ela por acaso oculta em algum lugar à sua espera? Não. Estava em sua própria mente; chegou o momento determinado e ela se descobriu. O conhecimento que o mundo possui como um tesouro provém da mente; a grandiosa biblioteca do universo está oculta em vossa própria mente. A queda de uma maçã chamou a atenção de Newton, e então ele estudou a sua própria mente; pôs em ordem os seus pensamentos e descobriu um

novo, ao qual denominou "lei de gravitação". Isto não estava na maçã nem em lugar algum. Portanto, todo conhecimento mental ou espiritual está na mente. Em muitos casos ele permanece oculto até que sua cobertura vai se retirando pouco a pouco e então dizemos que "estamos aprendendo".

O progresso no conhecimento é o resultado do processo de descobrir. O homem em que se vai levantando este véu, é o que mais conhece; naquele em que o véu se mantém caído, é ignorante, e quem conseguiu erguê-lo de todo, chegou a onisciência. Sempre existiram homens oniscientes e espero que haverá milhares deles nos séculos futuros.

O conhecimento está na mente como o fogo está na pedra. É a fricção que o faz brotar. O mesmo acontece com os nossos sentimentos e ações: sorrisos e lágrimas, alegrias e tristezas, gargalhadas e gemidos, maldições e bênçãos, elogios ou censuras. Se nos estudássemos com imparcialidade, veríamos que cada um deles surgiu do nosso interior, por um impulso provocado por golpes exteriores. O resultado é aquilo que somos. A reunião de todos estes golpes é o que chamamos Karma, ou ação. Cada impulso mental ou físico dada à alma, através do qual é provocada a chispa, e que se apresenta como poder e conhecimento, é, karma; usando a palavra em seu sentido mais amplo, estamos sempre acumulando karma. Quando estou falando, é karma; os que me escutam, é karma; respiramos Karma; andamos, karma. Tudo quanto fazemos física ou mentalmente e deixa suas marcas em cada um de nós, é karma.

Há certas ações que são como uma reunião, a soma total de um grande número de ações pequenas. Se nos aproximarmos das costas do mar e escutarmos as ondas arrebatando-se contra as rochas, percebemos um grande barulho; no entanto, uma onda está formada por milhões de pequeninas ondas, cada uma das quais percebemos um ruído característico que nós não percebemos; a única coisa que ouvimos é o conjunto de todas elas. Do mesmo modo, cada batida do coração é uma ação; certas ações as sentimos e se tornam tangíveis para nós, sendo, no entanto, nada mais do que uma reunião de pequenas ações. Se desejais conhecer o caráter de um homem, não vos detenhais em seus grandes atos. Qualquer néscio pode se converter em herói em certas circunstâncias. Observai um homem quando executa suas ações comuns e insignificantes; essas são em verdade as que revelam o seu verdadeiro caráter, ou o caráter de um grande homem. As grandes ocasiões fazem grande o mais vulgar dos homens, porém só é grande aquele cujo caráter é sempre grande, sempre igual em todos os momentos.

Em seus efeitos sobre o caráter, o karma é o poder maior que o homem tem que enfrentar. O homem é de certo modo um centro que atrai para si todos os poderes do universo, e uma vez reunidos, os emite novamente numa poderosa corrente. Este centro é o homem real, o onipotente, o onisciente, e atrai a si todo o universo. Bem e mal, felicidade e miséria, tudo corre para ele e se reúne ao seu redor, e modela a poderosa corrente das tendências que formam o seu próprio caráter, e as atira para o exterior. Assim como tem o poder de atrair, tem também o poder de emitir.

Todas as ações que vemos no mundo, os movimentos sociais, tudo quanto nos rodeia, não representa nada mais do que o produto do pensamento, a manifestação da vontade do homem. Máquinas, instrumentos, cidades, tudo é manifestação da vontade humana; e a vontade resulta do caráter, e o caráter é ação do karma. Como é karma, é a manifestação da sua vontade.

Os homens de vontade poderosa têm sido grandes trabalhadores; almas gigantescas dotadas de uma vontade capaz de arrancar os mundos de suas órbitas,

e' essa vontade foi adquirida mediante um trabalho persistente efetuado durante séculos. A vontade de um Buda ou de um Jesus não podia ser adquirida em uma só vida. Sabemos quem foram. seus pais, porém, nada nos prova que eles tivessem pronunciado uma só palavra em benefício da humanidade.

Milhões de carpinteiros como José têm existido, milhões vivem ainda. Têm existido no mundo milhões de pequenos reis como o pai de Buda. Se somente se tratasse de uma transmissão hereditária, como explicar que esse rei, que não foi obedecido nem pelos seus criados, fosse pai de um filho a quem meio mundo adora? Como explicar o abismo que medeia entre o carpinteiro e seu filho, a quem milhões de seres humanos adoram como um Deus? A resposta escapa à teoria da hereditariedade. Donde lhes veio a gigantesca vontade que Buda e Jesus impuseram ao mundo! Donde provém o acúmulo de poder?

Deve ter estado neles presente durante idades sem conta, crescendo sempre, até que para o bem da sociedade apareceu um Buda, e depois um Jesus que continua expandindo Seu poder através de nossos dias.

Tudo isto é produto do karma, isto é, ação. Ninguém pode obter coisa alguma, a não ser merecendo a. Esta é uma lei eterna. Um homem pode lutar toda a sua vida para conseguir riquezas, pode enganar a mil pessoas, porém no fim, se não merece ser rico, sua vida se torna insuportável. Podemos acumular milhares de objetos para o nosso bem-estar físico, porém só o que merecemos é realmente nosso. Um néscio pode comprar todos os livros do mundo e ordená-los em sua biblioteca, porém só será capaz de ler aqueles que merece; e este merecimento é resultado do karma. Nosso karma determina o que merecemos e o que somos capazes de assimilar.

Somos responsáveis pelo que somos e podemos nos converter naquilo que desejamos ser. O que somos agora é resultante de nossas ações passadas. Devemos atuar bem no presente, a fim de modelar resultados bons para o futuro que ambicionamos. Direis: "qual é a utilidade de aprender a atuar? Cada qual faz como quer". Porém não devemos desperdiçar nossas energias. Falando sobre Karma-Yoga, o Bhagavad-Gita diz que devemos executar todo trabalho com habilidade, como se fosse uma ciência; sabendo-se como trabalhar, obtêm-se os maiores resultados. Deveis recordar que a ação não é nada mais do que a exteriorização do poder da mente ' que já existia nela. O poder está dentro de cada homem, da mesma forma que o conhecimento. As ações são golpes que o despertam e o fazem surgir.

O homem se move por vários motivos; não pode haver ação sem um motivo que a determine. Algumas pessoas desejam ser famosas e trabalham para isso. Outras ambicionam dinheiro e lutam por ele. Outras buscam poder e se esforçam por alcançá-lo. Há as que desejam o céu e tentam conquistá-lo. Há as que querem imortalizar seu nome. Isto não acontece na China, onde nenhum homem consegue um título em vida; é um costume melhor de que o nosso, apesar de tudo. Na China, quando um homem se revelava em qualquer coisa, davam-lhe um título de nobreza a seu pai já morto, ou a seu avo. Os militantes de certas seitas maometanas trabalham toda a vida para obter um título importante. Conheço seitas em que, quando nasce uma criança, já lhe preparam um título. Segundo eles, este é o maior trabalho do homem, e quanto maior e suntuoso for o título, tanto mais rico se supõe que o homem é. Outros fazem benefícios; depois de cometerem toda a classe de maldades, levantam um templo ou dão dinheiro aos sacerdotes para que lhes assegurem um lugar no céu. Pensam que esta dádiva os purificará e assim receberão o perdão de suas culpas. São estes os motivos que levam o homem a agir. Há, porém, aqueles que trabalham por amor ao trabalho.

Em cada país existe uma elite que trabalha só por amor ao trabalho, sem se preocupar com recompensa alguma. Trabalha simplesmente porque o trabalho lhe faz bem. Há outros que beneficiam os pobres e a humanidade por motivos mais elevados; só por amor ao bem. Quando se pretende o renome ou a fama, raras vezes se consegue resultados imediatos, pois geralmente eles são alcançados quando já estamos velhos e fatigados desta vida.

Se um homem trabalha sem motivo egoísta, será que não ganha coisa alguma? Sim, ganha algo de mais elevado. O altruísmo é a maior recompensa, melhor mesmo do que a saúde, porém os homens não têm paciência de praticá-lo. Amor, verdade e altruísmo não são meras figuras de retórica, sem as realidades que devem constituir nosso mais elevado ideal, mesmo que seja apenas pelo poder que estas qualidades lhe conferem. Primeiramente, um homem que trabalha cinco dias ou só cinco minutos sem nenhum motivo egoísta, sem pensar no futuro, no céu, nem no castigo, chegará a ser um poderoso gigante moral.. É difícil de se levar isto à prática, porém, em nosso íntimo reconhecemos o seu valor e o bem que produz.

Quando o homem se torna impessoal, possui a maior manifestação de poder. Um carro arrastado por quatro cavalos pode precipitar-se de uma montanha, estando sem freios, ou pode também o cocheiro brecá-lo. Qual a maior manifestação de poder: refrear os cavalos ou deixá-los precipitar-se? Uma bala de canhão atravessa o espaço, corre uma distância considerável e cai; outra é detida por uma parede, e o choque gera um calor intenso. Toda manifestação de energia impulsionada por um motivo egoísta, é uma delapidação, pois não produzirá poder que volte ao seu agente; porém, se ela for contida, desenvolverá potência.

Este autocontrole produzirá uma vontade enérgica, um Buda ou um Cristo. Os ignorantes não conhecem este segredo; no entanto ambicionam dirigir a humanidade. Mesmo um tonto pode dirigir o mundo, se ele trabalhar e esperar; basta aguardar alguns anos, reprimir a néscia idéia de governar, e quando tiver alcançado isto, terá conquistado o verdadeiro poder. A maioria das pessoas não enxerga além de alguns anos, como certos animais não vêem além de alguns passos. O mundo é um círculo estreito. Não temos paciência de olhar um pouco além, e por isto nos tornamos perversos e imorais. Esta é a nossa debilidade e impotência.

Nenhuma forma de ação, por inferior que seja, deve ser desprezada. Deixai que o homem que não conhece o que existe de melhor, trabalhe com fins egoístas, em busca do nome e da fama; porém, aproximai-vos cada vez mais de motivos mais elevados e procurai empreendê-los. "Temos direito ao trabalho, porém não ao seu fruto". Não penseis nos frutos. "Por que preocupar-se com os resultados?" Se desejais ajudar um homem, nunca penseis no agradecimento. Se necessitais realizar uma obra grande ou boa, não vos inquieteis pelo resultado.

Surge agora uma pergunta difícil, relativa ao ideal da ação. É necessária atividade intensa; devemos trabalhar sempre. Não podemos estar um minuto sem trabalhar. Então, como descansar? Eis aqui um aspecto da luta da vida: o trabalho em cujo torvelinho somos rapidamente arrastados. E eis o outro: A calma, a sossegada renúncia; tudo é paz ao seu redor, há muito pouco ruído e exibição; só a natureza com seus animais, suas plantas e montanhas. Nenhum deles apresenta um quadro perfeito.

Se um homem acostumado à solidão se põe em contato com o torvelinho do mundo, será sacrificado por ele; da mesma forma que o peixe que vive no fundo do mar e é levado à sua superfície, morre pela ausência da pressão que mantinha a sua integridade. Pode um homem habituado ao tumulto da vida encontrar-se à

vontade num lugar tranqüilo? Não. Sofrerá, e é bem possível que perca a razão. O homem ideal é aquele que em meio do maior silêncio e solidão encontra atividade intensa, e em meio da maior atividade sente o silêncio e a tranqüilidade do deserto. Um homem assim aprendeu o segredo da restrição: governa-se a si mesmo. Enquanto anda pelas ruas de uma grande cidade repleta de tráfico, sua mente está tranqüila como se estivesse em uma caverna aonde não pudesse chegar um único som, e trabalha intensamente todo o tempo. Este é o ideal do Karma-Yoga, e se o tiverdes alcançado, tereis aprendido realmente o segredo da ação.

Devemos, porém, começar pelo princípio, aceitar os trabalhos tal qual nos chegam, e nos tornar cada dia mais altruístas. Devemos realizar a obra e encontrar o motivo que a inspira; e quase sem exceção, nos primeiros anos acharemos que nossos motivos são sempre egoístas; porém gradualmente este motivo se desvanecerá, até que por fim possamos realizar uma obra verdadeiramente altruísta.

Todos podemos esperar que um dia ou outro, lutando continuamente pela senda da vida, chegará um tempo em que sejamos perfeitamente altruístas; e no momento que o conseguirmos, todos nossos poderes se concentrarão e o conhecimento que já é nosso se manifestará.

## Capítulo 2 - Cada um é grande em seu próprio meio

Segundo a filosofia sânkya, a natureza se manifesta mediante três forças ou modalidades, chamadas em sânscrito satwa, rajas e tamas. Estas forças são no mundo físico o que podemos chamar equilíbrio, atividade e inércia. O que caracteriza tamas, é a obscuridade ou inércia; rajas é atividade expressa como atração e repulsão, e satwa é o equilíbrio das duas.

Em cada homem existem três forças. Algumas vezes predomina tamas; então nos tornamos preguiçosos, inativos; achamo-nos escravizados por certas idéias e nos sentimos pesados. Outras vezes prevalece a atividade, e outras, enfim, este repousado equilíbrio de ambas. Porém, nos homens comuns predomina sempre uma destas forças. A característica de certos homens é a inatividade, a preguiça; a de outros, a atividade, o poder, a energia; e em outros encontramos a doçura, a calma e a nobreza, resultantes do equilíbrio entre a ação e a inação. Tanto nos animais como nas plantas e nos homens encontramos as manifestações mais ou menos típicas destas diferentes forças.

Karma-Yoga trata especialmente destes três fatores. Ensinando o que são e como empregá-los, auxilia-nos a realizar melhor nossas ações e com maior satisfação. A sociedade humana é uma organização hierárquica. Todos sabemos o que é moralidade; ninguém ignora o que é dever; não obstante, é fácil comprovar que sua interpretação difere em cada país. O que é moral em um pode não o ser no outro. Por exemplo: num país os primos podem casar-se e noutros este fato é imoral. O mesmo se pode dizer entre cunhados. Em certos países as pessoas podem casar-se uma só vez, e em outros, muitas vezes, e assim sucessivamente. No entanto, deve haver uma regra fixa, universal, de moralidade.

O mesmo acontece relativamente ao dever. A idéia de dever varia muito entre as diferentes nações; porém temos intuição de que deve existir alguma idéia universal do dever. Do mesmo modo, uma certa classe da sociedade supõe que certas coisas constituem o seu dever ? enquanto que outra classe crê o contrário, e se horroriza se os tivesse que fazer. Aparecem dois caminhos: o do ignorante que pensa existir uma única senda que conduz à verdade, e o do sábio que, de acordo com a nossa constituição mental ou dos distintos planos da existência em que nos encontramos supõe que a moral e o dever têm de variar. O importante está em saber que há graduações no dever e na moralidade; que o dever de um estado de vida em certas circunstâncias não pode ser o de outro.

Daremos um exemplo: Todos os grandes mestres nos ensinaram que não devemos oferecer resistência ao mal, que a não-resistência é o mais elevado dever de moralidade. Todos sabemos que se certo número de pessoas tentasse por em prática esta máxima, o edifício social cairia em pedaços, os malvados tomariam posse de nossas propriedades e de nossas vidas, e fariam conosco o que desejassem. Bastaria que esta não-resistência fosse, praticada um só dia, para haver um desastre. No entanto, reconhecemos a verdade contida no ensinamento de "não resistir ao mal".

Isto nos parece o mais elevado dos ideais; porém, ensinar esta doutrina equivaleria a condenar grande parte do gênero humano. Mais ainda, seria fazer-lhes sentir que estão sempre agindo mas seria causar-lhe escrúpulos de consciência por todos os seus atos. Isto os debilitaria, e esta constante autodefesa aprovação alimentaria mais vícios do que qualquer outra debilidade. Para o homem que começou a odiar-se, a porta da degeneração está aberta, e o mesmo acontece a uma nação.

Nosso primeiro dever é não nos odiarmos, pois para progredir precisamos primeiro ter fé em nós e em seguida em Deus. Portanto, a única alternativa que nos resta é reconhecer que o dever e a moralidade variam segundo as circunstâncias. Não devemos crer que o homem que resiste ao mal está praticando o mal, pois, segundo as circunstâncias em que se acha colocado, pode até ser este o seu dever.

Lendo o Bhagavad-Gita, muitos de nós têm ficado assombrados ao deparar no segundo capítulo Sri Krishna chamando Arjuna de hipócrita e covarde, por se recusar a lutar e resistir. Sendo seus adversários parentes e amigos, disse-lhe Arjuna que a não-resistência era o mais elevado ideal do amor. O ensinamento contido nestas palavras significa que todas as ações possuem dois extremos iguais: o positivo e o negativo.

Quando as vibrações luminosas são muito lentas, não as vemos, da mesma maneira que não as vemos quando são demasiado rápidas. A mesma coisa acontece com o som; quando muito baixo, não o ouvimos, nem quando é muito alto. O mesmo se dá com a resistência e a não-resistência. Um homem não resiste porque é débil e preguiçoso, e portanto não resiste porque não pode agir assim; outro, sabe que pode dar um golpe irresistível se quiser, e no entanto, não só não o dá, como bendiz seu inimigo. O que não resiste por debilidade, peca, e portanto não pode receber nenhum benefício da não-resistência; enquanto que o outro cometeria um pecado se resistisse.

Buda abandonou seu trono e renunciou à sua posição social, o que foi uma verdadeira renúncia; porém não pode haver renúncia no caso de um mendigo que não tem nada a renunciar. Assim, pois, devemos ser sempre muito cuidadosos quando falarmos sobre a não-resistência e o amor ideal. Primeiramente, é necessário sabermos se temos, realmente o poder de resistir ou não. Então, se o temos e renunciamos, estamos realizando um grande ato de amor; porém, se não podemos resistir e estamos nos enganando com a idéia de que somos guiados por motivos do mais elevado amor, estamos fazendo exatamente o contrário. Arjuna se tornou covarde em presença do poderoso exército que tinha contra si; seu amor o fez esquecer seu dever para com sua pátria e seu rei. Por isto lhe disse Sri Krishna que era um hipócrita: *"Falas como um sábio, porém tuas ações te denunciam como um covarde; portanto, levanta-te e luta"*.

Esta é a idéia central de Karma-Yoga. Karma-yogue é o homem que compreende que o mais elevado ideal é a não-resistência, e além disso que, esta não-resistência é a mais alta manifestação de Poder, quando realmente se possui;

e também que a resistência ao mal é um passo no caminho para alcançar o, poder da não-resistência. Enquanto não so tiver alcançado este ideal, o dever do homem é resistir ao mal; deve trabalhar, deve lutar e resistir com toda a força de que seja capaz. Só então, quando tiver obtido o poder de resistir, será uma virtude a não-resistência.

Certa vez encontrei em meu país um homem que anteriormente eu havia conhecido como muito ignorante e estúpido. Não sabia nada nem desejava saber; vivia como um bruto. Perguntou-me o que deveria fazer para conhecer a Deus; o que faria para ser livre. *"Podeis dizer uma mentira?"*, perguntei-lhe. *"Não"*, respondeu-me. *"Então deveis aprender à dize-la. É melhor dizer uma mentira do que ser um bruto ou um pedaço de madeira. Sois inativo Porque, com certeza, ainda não alcançastes o mais elevado estado, aquele que está além de todas as ações, o estado de serenidade e calma; sois demasiado torpe para fazer o mal"*.

Mas, este é um caso extremo, e eu caçoava com ele; o que eu desejava demonstrar é que um homem deve ser ativo para chegar à perfeita calma.

A inatividade deveria ser evitada por todos os meios. Atividade é sinônimo de resistência. Resistir a todos os males mentais e físicos, e quando o tiverdes conseguido, virá a calma. É muito fácil dizer: "Não odeies ninguém, não resistas ao mal", Porém todos sabemos o que isto significa na prática. Quando nos observam, podemos fazer unia ostentação de não-resistência, porém em nossos corações se encontra o câncer que nos corrói. Não experimentamos a calma que provém da não-resistência, mas compreendemos que seria melhor resistir.

Se ambicionais riquezas, porém ao mesmo tempo sabeis que o mundo considera mau o que desejais, talvez não vos atireis à luta para as conseguirdes mas vossa mente ficará dia e noite atrás do dinheiro. Isto é hipocrisia e não serve de nada. Atira-vos ao inundo e depois de algum tempo, quando tiverdes sofrido e gozado de tudo o que há nele, a renúncia virá, e com ela a calma. Assim, pois, satisfazeis vossos desejos, e logo chegará o momento em que reconheceréis quão pouco valem; porém, antes de terdes realizado esses desejos e passado por essa atividade, é impossível que vos encontreis em estado de completa calma, serenidade e autodomínio.

Estas idéias de serenidade e renúncia têm sido pregadas desde milhares de anos; todos as conhecem desde a infância, e no entanto muito poucos no mundo alcançaram realmente esse estado. Não sei se já vi em minha vida vinte pessoas que gozassem realmente de calma e praticassem a não resistência; eu que já percorri a metade do mundo!

Cada homem deveria fixar seu próprio ideal e esforçar-se em realizá-lo; esta é a maneira mais segura de progredir do que impondo seus ideais aos outros homens, ideais que jamais conseguirão realizar. Por exemplo, se dermos à criança a tarefa de caminhar vinte milhas, ou ela morre, ou uma apenas entre mil se arrasta até a meta para chegar ao fim, rendida de cansaço. Algo semelhante a isto é o que fazemos geralmente com o mundo. Nem todos os indivíduos de urna sociedade determinada possuem a mesma mentalidade, a mesma capacidade e idêntico poder de fazer as coisas; devem, pois, auxiliar diferentes ideais, e nós não temos o direito de criticar nenhum ideal.

Cada pessoa deve esforçar-se tanto quanto possível para realizar seu próprio ideal. Não é justo que eu seja julgado por vossos métodos, nem os vossos pelos outros. A macieira não deve ser julgada como se fosse um carvalho, nem o

carvalho como uma macieira. Para julgar a macieira deveis aplicar o sistema da macieira, e para o carvalho, o seu próprio sistema.

Unidade na variedade é o plano da criação. Por muito que os homens e mulheres sejam diferentes entre si, há uma unidade fundamental. Os diferentes caracteres individuais e as diversas classes de homens e mulheres são variações naturais na criação. Por isto não devemos julgar sempre da mesma forma nem abdicar do nosso ideal. Tal procedimento só dá lugar a uma luta antinatural, e o resultado é que o homem começa a odiar a si mesmo e se vê impedido de ser um bom religioso. Nosso dever é ajudar para que cada um viva melhor o seu ideal, esforçando-se ao mesmo tempo para que este ideal se aproxime o mais possível da verdade.

Na ética hindu este fato foi reconhecido há muito tempo; suas escrituras estabelecem diferentes regras para as várias classes de homens: para o chefe de família, para o sannyasin (o que renunciou ao mundo) e para o estudante.

A vida do indivíduo, segundo as escrituras hindus, tem seus deveres particulares, à parte dos que interessam à comunidade. O hindu principia a sua vida como estudante, depois se casa e se converte em chefe de família; na velhice retira-se e finalmente abandona o mundo e se torna sannyasin. Estas diferentes etapas de sua vida estão determinadas por certos estados. Nenhum desses estados é considerado superior ao outro; a vida do casado é tão nobre como a do celibatário que se dedicou à obra religiosa.

O varredor da rua é tão importante e glorioso como o rei em seu trono. Tirai este do seu trono e obrigá-lo a realizar o trabalho do varredor, e vereis como ele se comporta. Colocai o varredor no trono e vereis como governa. É inútil dizer que o homem que vive fora do mundo é maior do que o que vive nele. É muito mais difícil viver no mundo e adorar a Deus, do que abandoná-lo e viver uma vida pobre e cômoda.

As quatro classes da Índia foram ultimamente reduzidas a duas: a de chefe de família e a de monge. O chefe de família se casa e cumpre os seus deveres de cidadão; e o dever do outro é dedicar todas as suas energias à religião, pregar e adorar a Deus.

Direi algumas passagens do MahaNirvanaTantra, que trata deste assunto, e vereis que é uma tarefa difícil ser um homem chefe de família e cumprir ao mesmo tempo todos os seus deveres:

*"O chefe de família deve ser devoto de Deus: o conhecimento de Deus deve constituir a finalidade de sua vida. No entanto, deve trabalhar constantemente, cumprir seus deveres e abandonar os frutos de suas ações a Deus.*

*"É coisa muito difícil trabalhar e não se preocupar com os resultados, ajudar um homem e não pensar no agradecimento, fazer alguma boa obra renunciando de antemão o proveito econômico e moral que nos pudesse resultar. Até o mais tímido covarde se torna valente quando o mundo o enaltece.*

*"Um louco pode executar ações heróicas quando a sociedade as aprova e aplaude, porém, um homem ser sempre bom sem contar com a aprovação de seus semelhantes, é em verdade o maior sacrifício que pode fazer! O dever do chefe de família é ganhar o sustento para ele e os seus, porém deve ter o cuidado de não fazê-lo valendo-se de mentiras ou enganos, nem roubando aos seus semelhantes; deve lembrar que sua vida é para Deus e os pobres.*

*"Sabendo que o pai e a mãe são os representantes visíveis de Deus, o chefe de família deve tratar de agradá-las por todos os meios ao seu alcance. Se o pai e a mãe estão contentes, Deus está satisfeito com o filho. É realmente um bom filho aquele que nunca diz palavras grosseiras a seus pais.*

*"Diante dos pais não deve mostrar-se engraçado, nem revelar impaciência ou raiva. Em presença do pai e da mãe, o filho deve inclinar-se respeitosamente, permanecer de pé, e não sentar-se sem que eles lho ordenem.*

*"Se o chefe de família tem alimentos, bebidas e roupa sem olhar primeiro se seus pais, filhos, esposa e pobres estão necessitando destas coisas, ele comete pecado. A mãe e o pai são as causas de seu corpo; por conseguinte, o filho deve sofrer todos os aborrecimentos para fazê-los felizes. Do mesmo modo são os seus deveres para com a sua esposa; ninguém deve desprezá-la; deve considerá-la como se fosse sua própria mãe. E ainda quando se encontre em dificuldades, o marido não deve irritar-se com a esposa.*

*"Aquele que pensa numa mulher a não ser sua esposa, e a prejudica mesmo que seja mentalmente, vai para o inferno.*

*"Diante de mulheres não se deve dizer palavras grosseiras, nem se gabar. Não se deve dizer: "Eu fiz isto ou aquilo.*

*"O chefe de família deve agradar sua esposa com dinheiro, roupas, amor, fé e palavras doces, sem aborrecê-la. O homem que conquistou o amor de uma casta esposa, alcançou um grande êxito em sua religião e possui todas as virtudes".*

São os seguintes os deveres dos pais para com os filhos:

*"Um filho deve ser criado carinhosamente até os quatro anos; instruído até os dezesseis; aos vinte, empregado, nalgum trabalho, e então ser tratado afetuosamente pelo pai como seu igual. Da mesma forma deve ser tratada uma filha, e educada com o maior cuidado. E quando se casar, o pai deve dar-lhe jóias e bens.*

*"Depois, o dever do homem é atender seus irmãos e irmãs, e os filhos destes se são pobres; e ainda os demais parentes, seus amigos e serviçais. É seu dever auxiliar as pessoas da mesma povoação, os pobres e todos os necessitados de ajuda. Se um homem possui meios suficientes e não ajuda seus parentes e pobres, é considerado um bruto e desumano.*

*"Deve evitar excessiva atração por alimentos, roupas, cuidados com o corpo, pois que isto ressumbra luxo.*

*O chefe de família deve ser puro de coração e limpo de corpo, sempre ativo e disposto a agir. "Para com os seus inimigos deve ser herói. É dever seu resistir-lhes. Este é o dever do chefe de família. Não deve lamentar-se nem mostrar-se passivo. Se não se comporta como herói perante os inimigos, ele deixa de cumprir o seu dever. Para os amigos e parentes deve ser manso como um cordeiro.*

*"É dever do chefe de família não reverenciar os malvados, porque se os reverencia, estimula-lhes a perversidade. Cometerá grande erro se não considerar os que são dignos de respeito ou as pessoas honradas. Não deve ser demasiadamente pródigo de sua amizade; deve observar as ações e as atitudes das pessoas com as quais deseja ter amizade, e só se tornar amigo delas depois de bem observá-las.*

*"Deve abster-se destas três coisas: falar de si mesmo, proclamar seu nome e seus poderes e referir-se às riquezas e aos segredos que os outros lhe confiaram.*

*"O homem não deve dizer se é pobre ou rico, nem jatar-se de sua fortuna. Não deve consultar opiniões alheias. Tudo isto é dever religioso, não é uma vã sabedoria profana; se o homem não cumprir estes preceitos, deverá ser considerado imoral.*

*"O chefe de família é a base do edifício social; o que mais possui. O pobre, o débil, as crianças e as mulheres que não trabalham, dependem do chefe de família; portanto, ele deve cumprir os seus deveres sem se sentir humilhado. Se se mostra fraco ou cometeu algum erro, não deve falar em público, e se te me fracassar em qualquer empreendimento, não devia falar nele.*

*"Por-se em evidência não somente é impróprio como o torna inapto para a execução de seus legítimos deveres na vida. Ao mesmo tempo deve esforçar-se para adquirir conhecimentos e fortuna. Este é o dever, e se não o cumpre, não será considerado. O chefe de família que não se esforça por conseguir fortuna, é desconsiderado, porque dele dependem centenas de pessoas. Se obtiver fortuna, estas pessoas poderão gozar dela.*

*"Se não fossem centenas de homens que têm se esforçado para se tornarem ricos e o têm conseguido, o que seria desta civilização, destes asilos e destes grandes edifícios?*

*"Nestes casos não é, censurável buscar riqueza, porque é para distribuí-la. O chefe de família é o centro vital de qualquer sociedade. Para ele é um culto adquirir e gastar nobremente a riqueza, pois o que luta para tornar-se rico por meios lícitos e propósitos bons, está fazendo praticamente a mesma coisa que o anacoreta em sua cela, orando, pela salvação das almas. Em ambos encontramos o mesmo aspecto de uma mesma virtude, que é a abnegação e sacrifício inspirados pelo sentimento de devoção a Deus e a tudo quanto é seu.*

*"Deve lutar para adquirir um bom nome; não deve jogar nem freqüentar a companhia de malvados, nem mentir nem provocar inquietude a ninguém.*

*"Comumente os homens empreendem coisas que não podem realizar, e buscam enganar e enganam as pessoas que possuem os meios que lhes faltam. Há também o fator tempo. O que no momento é um fracasso, pode em seguida transformar-se em êxito.*

*"O chefe de família deve dizer a verdade, falar carinhosamente, utilizando-se das expressões que condizem com a cultura daquele que as ouve; não deve falar da vida alheia.*

*"O chefe de família, fazendo lagos, plantando árvores à beira dos caminhos, construindo logradouros e abrigos para homens e animais, abrindo estradas e construindo pontes, alcança a mesma meta que o maior dos yogues".*

Esta é uma parte da doutrina de Karma Yoga a atividade e dever do chefe de família. Mais além se diz:

*"Se o chefe de família morre na batalha, lutando pelo seu país ou por sua religião, chega à, mesma meta que o yogue pela meditação", mostrando assim que o que é dever para um não o é para outro. Isto não quer dizer, que este dever humilhe e o outro eleve; cada dever tem seu lugar adequado, e segundo*

as circunstâncias em que nos achemos colocados, assim será a maneira de cumprirmos os nossos deveres.

Do mesmo modo se infere que a debilidade é condenável. Esta idéia particular de nossos ensinamentos ocorre tanto na filosofia como na religião e no serviço. Se lerdes os "Vedas", encontrareis muitas vezes repetida esta palavra: "intrepidez". O temor denota debilidade. Um homem deve cumprir o seu dever sem se preocupar com a crítica dos demais.

Se um homem se isola do mundo para adorar a Deus, não deve pensar que aqueles que ali vivem e agem não estão adorando a Deus. Nem os que vivem no mundo dedicados às suas esposas e filhos devem pensar que os que o abandonaram sejam desprezíveis e vagabundos. Cada um é grande em seu meio.

Ilustrarei este pensamento com um conto.

Certo rei costumava formular esta pergunta aos sannyasins que chegavam ao seu país: *"Qual é o homem de maior mérito: o que abandona o mundo e se torna sannyasin ou o que vive no mundo e cumpre os seus deveres de chefe de família?"* Muitos sábios tinham pensado em resolver este problema. Uns asseguravam que o sannyasin era o de maior mérito; porém o rei lhe pedia que provassem esta afirmação. Quando não conseguiam fazê-lo, ordenava-lhes a se tornarem chefes de família. Outros diziam: *"O chefe de família que cumpre seus deveres, é o homem meritório por excelência"*. Ao que o rei respondia pedindo provas. Quando não podiam dar-lhas, ordenava-lhes que fossem chefes de família. Chegou por último um jovem sannyasin a quem o rei dirigiu a mesma pergunta. *"Cada um, oh! rei, é grande em seu próprio meio"*. Prova-mo, disse o rei. *"Provar-vos-ei"*, respondeu o sannyasin, *"porém primeiro deveis vir viver comigo durante alguns dias para que eu possa prová-lo"*. O rei consentiu e seguiu o sannyasin fora de seu território. Atravessaram muitos países, até chegarem a um grande reino em cuja capital se realizava uma solene cerimônia. O rei e o sannyasin ouviram o ruído dos tambores e das músicas, e também dos discursos;

O povo estava reunido nas ruas enfeitadas de flores. O rei e o sannyasin pararam para ver e ouvir o que se passava. O pregador proclamava em alta voz que a princesa, filha do rei daquele país, estava ali para escolher esposo entre os que aparecessem diante dela. Era um antigo costume da Índia que as damas escolhessem esposo desta maneira; cada uma tinha uma idéia sobre a classe de homem que ela desejava para marido: umas preferiam o mais rico, e assim sucessivamente. Os príncipes dos países vizinhos se apresentavam ante ela com suas mais luxuosas vestes. As vezes também se serviam de pregadores que apregoavam suas qualidades e as razões que os levavam a alimentar a esperança de ser os preferidos. A princesa era conduzida em seu trono de um lado a outro, com grande pompa. Olhava os admiradores, ouvia suas declarações e se não lhe agradavam, dizia: "Adiante", esquecendo-se por completo dos pretendentes desprezados. Se, pelo contrário, algum lhe agradava, atirava sobre ele uma coroa de flores, e casavam-se.

A princesa do país no qual o nosso rei e sannyasin tinham chegado, celebrava uma dessas interessantes cerimônias. Era a princesa mais bela do mundo, e seu esposo governaria seu reino depois da morte de seu pai. O gosto da princesa era casar-se com o mais formoso, porém não encontrava nenhum que a agradasse. Várias vezes já esta cerimônia havia se realizado, porém a princesa não escolhera o esposo. Esta reunião era a mais bela de todas, e a mais concorrida. A princesa surgiu em seu trono, conduzida pelos seus cortesãos. Parecia não olhar para ninguém, e todos começaram a ficar descontentes. Neste momento chegou

um jovem, um sannyasin, belo como o sol descendo à terra, e colocou-se num recanto para observar o que estava acontecendo.

O trono com a princesa foi levado até ele, e logo que ela o viu, parou e atirou-lhe a grinalda sobre o peito. O jovem sannyasin devolveu-a, dizendo: *"Que absurdo é este? Eu sou um sannyasin. A mim que me importa o matrimônio?"* O rei pensou que aquele homem fosse pobre e por esse motivo não se atrevia a casar-se com a princesa, e então lhe disse: *"Com minha filha te entrego metade do meu reino agora, e o resto depois de minha morte"*, e pôs novamente a grinalda na cabeça do sannyasin. O jovem a devolveu de novo, dizendo: *"É, um absurdo. Não preciso casar-me"*. E seguiu rapidamente o seu caminho. Mas a princesa, que se tinha enamorado profundamente daquele jovem, disse: *"Se não me casar com ele, morrerei"*, e foi-lhe ao encalço.

Então o nosso sannyasin disse ao rei: *"Rei, sigamos este par"*, e caminharam atrás dele uma distância regular. O jovem sannyasin que havia recusado casar-se, internou-se para dentro algumas milhas. Chegou então a um bosque, onde penetrou seguido da princesa, e ambos, por sua vez, eram seguidos pelos outros dois personagens. Mas o cobiçado sannyasin conhecia muito bem o bosque com suas intrincadas sendas, de modo que logo desapareceu, sem que a princesa pudesse descobri-lo. Depois de procurá-lo em vão, durante muito tempo, sentou-se sob uma árvore e começou a chorar, pois não sabia como sair do bosque. Neste momento nosso rei e o sannyasin se aproximaram e lhe disseram: *"Não choreis; ensinar-vos-emos o caminho para sair daqui, porém a esta hora já está muito escuro. Ali está uma árvore frondosa, descansemos sob sua copa, que pela manhã partiremos cedo e vos mostraremos o caminho"*.

Naquela árvore morava um passarinho com sua companheira e seus filhinhos. O passarinho olhou para baixo, e ao ver os estrangeiros, disse à sua esposa: *"Que faremos, querida? Há três hóspedes em casa; faz frio e não temos fogo"*. Começou a voar e conseguiu um pequeno tição de fogo; levou-o no bico e deixou-o cair entre os hóspedes que lhe ajuntaram lenha e puderam acender bom fogo. Porém o passarinho não estava satisfeito. De novo disse à sua esposa: *"Que faremos, querida? Estas pessoas têm fome e não temos alimentos. Somos donos da casa; nosso dever é dar alimento a todos os que chegam à nossa porta. Devo fazer o que possa, e lhes darei meu corpo"*. Dito isto, lançou-se em meio do fogo e pereceu. Os hóspedes o viram cair e trataram de salvá-lo, porém não houve tempo.

A companheira do passarinho viu o que seu esposo havia feito e disse: *"Aqui há três pessoas, e elas só têm um pássaro para comer. Não é bastante; meu dever, como esposa, é não deixar que tenham sido vãos os esforços de meu esposo. Que os hóspedes disponham de meu corpo também!"* E atirou-se à chama, que a queimou.

Então os três filhotinhos, ao verem que ainda não era suficiente o alimento para os três hóspedes, disseram: *"Nossos pais fizeram o que puderam e todavia não basta. Nosso dever é continuar sua obra. Que vão nossos corpos também!"* E se atiraram igualmente ao fogo.

Assombrados com o que viram, os personagens não puderam, como é lógico, comer aqueles pássaros. Passaram a noite sem comer, e de manhã o rei e o sannyasin indicaram o caminho à princesa, que regressou para a casa de seu pai.

Então o sannyasin disse ao rei: *"Rei, vistas como cada um é grande em seu próprio meio. Se quiserdes viver no mundo, vivei como aqueles pássaros, disposto a qualquer momento a vos sacrificardes pelos outros. Se quiserdes renunciar a ele,*

*sede como aquele jovem, para quem a mais formosa mulher e um reino nada significaram. Se quiserdes ser um chefe de família, fazei com que vossa vida seja um sacrifício pelos demais. Se escolherdes a vida da renúncia, não olheis a beleza nem o dinheiro, nem o poder. Cada um é grande em seu próprio meio; porém o dever de um não é o dever do outro".*

## **Capítulo 3 - O segredo do trabalho**

Ajudar os outros aliviando suas necessidades físicas é muito importante, porém o auxílio é tanto maior quanto maior é a necessidade e duradouro o auxílio. Se as necessidades de um homem podem ser aliviadas durante uma hora, devemos ajudá-lo; se podem ser remediadas por um ano, o auxílio será maior; porém se for eliminado para sempre, este será, sem dúvida, o melhor auxílio que lhes será prestado.

O conhecimento espiritual é o único que pode destruir nossas misérias para sempre; os demais só satisfazem as necessidades por algum tempo. O conhecimento do espírito é o único que consegue destruir para sempre o desejo; assim, o auxílio espiritual é o mais elevado auxílio que se pode oferecer ao homem.

Quem dá conhecimento espiritual é o maior benfeitor do gênero humano, e por isto vemos que foram sempre os homens de maior poder que têm auxiliado a humanidade em suas necessidades espirituais, porque a espiritualidade é a verdadeira base de nossa vida.

Um homem são e espiritualmente forte, será forte em qualquer outro aspecto, se assim o desejar; enquanto não houver fortaleza espiritual no homem, nem mesmo suas necessidades físicas poderão ser satisfeitas.

Depois do auxílio espiritual vem o intelectual; a dádiva de conhecimento é muito mais elevada do que a de alimento e roupa; é ainda maior do que a de dar vida a um homem, porque a vida deste consiste realmente no conhecimento. A ignorância é morte, o conhecimento é vida. E esta é de pouco valor se transcorre na obscuridade, engolfada na ignorância e na miséria.

Vem em seguida o auxílio físico. Ao considerarmos a questão do auxílio ao demais, devemos tratar sempre de não cometer o erro de crer que o auxílio físico é o único que se pode dar. Não só é o último como também o menor, pelo motivo de não produzir uma satisfação permanente.

A necessidade que sinto quando tenho fome, satisfaço-a comendo, porém, a fome volta; meu sofrimento só termina quando estou satisfeito, acima de toda necessidade. Então a fome não me fará infeliz; nenhum sofrimento nem dor poderá comover-me. Portanto, aquele auxílio que tende a nos tornar espiritualmente fortes, é o mais elevado; segue o intelectual, e em último lugar o físico.

As misérias deste mundo não podem ser resolvidas somente pelo auxílio físico; enquanto a natureza do homem não mudar, as necessidades físicas persistirão, bem como as desventuras, sem que auxílio físico algum possa remediá-

las totalmente. A única solução está em purificar a humanidade. A ignorância é a mãe de todos os males e misérias. Quando o homem tiver luz, e for puro e espiritualmente forte e educado, então a miséria findará. Ainda que convertamos nossas casas em asilos de caridade e povoemos a terra de hospitais, as misérias humanas não terminarão enquanto não se mudar a índole do homem.

Lemos, no Bhagavad-Gita, repetidas vezes, que todos devemos trabalhar incessantemente. Toda obra é por sua própria natureza composta de bem e mal. Não podemos realizar obra alguma que não redunde em benefício de algo ou de alguém; nem pode haver coisa alguma que não provoque mal em algum lugar. Em cada ação tem que haver necessariamente partes de bem e de mal; no entanto nós aconselhamos que atuemos sem parar. Ambos, o bem e o mal, produzirão seus resultados, seu karma.

A boa ação nos trará bom efeito, e a má, a sua má consequência; porém, tanto uma como a outra estão ligadas à nossa alma. A solução obtida no Gita relativamente a esta propriedade da ação, é que, se deixamos de nos ligar à ação que praticamos, ela não produzirá nenhum efeito sobre a nossa alma. Procuremos compreender o significado desta frase: "não ligar-se" à ação. O sentido do Gita é o seguinte: Agir incessantemente, porém desligado da ação. Samskara pode ser traduzido aproximadamente por "tendência inerente". Comparando a mente com um lago, cada onda que vem à superfície não desaparece totalmente; deixa atrás de si um movimento que a pode fazer ressurgir novamente. A este movimento capaz de tornar a manifestar-se uma nova onda, é que se chama saraskara.

Cada trabalho que cumprimos, cada movimento que realizamos, cada pensamento, deixa uma impressão na substância mental, e mesmo que esta não seja visível na sua superfície, age profundamente, isto é, subconscientemente. O que nós sabemos é determinado a cada instante pela soma destas impressões mentais. O que eu sou neste momento é o resultado das impressões de minha vida passada. A isto chamamos caráter; é o que está determinado em cada homem pela soma total de suas impressões. Se prevalecem as boas, seu caráter será bom; se o contrário, será mau.

Se um homem diz freqüentemente más palavras, tem maus pensamentos e executa más ações, sua mente estará cheia de más impressões; estas influirão em seus pensamentos e ações sem que ele seja consciente delas. Portanto, estas más impressões atuam continuamente, e o resultado deve ser mau; esse homem tem que ser mau, e não poderá evitá-lo. O produto dessas impressões desenvolverá nele um forte poder que constituirá o motivo de suas más ações; será como uma máquina em mãos daquelas impressões, e estas o obrigarão a praticar o mal.

Da mesma forma, se um homem tem bons pensamentos e pratica boas ações, a soma total dessas impressões será boa, e o levará a praticar boas ações, talvez mesmo inconscientemente. Quando um homem praticou certo número de boas obras e teve bons pensamentos, experimenta uma tendência irresistível para o bem; e mesmo quando quiser praticar o mal, sua mente, que é a soma total de suas tendências, não lho permitirá. Neste caso se diz que o bom caráter do homem já está firme.

Assim como a tartaruga oculta as patas e a cabeça dentro de sua carapaça, e embora a façais em pedaços não a descobriremos, assim o caráter do homem que tem controle sobre si está definitivamente firmado.

Controla as suas forças internas e ninguém poderá modificar sua vontade. Por este contínuo reflexo de bons pensamentos, de boas impressões que se movem

na superfície da mente, a tendência para o bem se robustece, resultando disto que nos sentimos capazes de controlar os indryas (os órgãos dos sentidos ou centros nervosos).

Só desta forma o carácter será moldado; só então o homem conhece a verdade, e já não pode fazer mal a ninguém. Podeis deixá-lo em qualquer companhia; não haverá perigo nenhum para ele.

Há, todavia, um estado superior a este: é o desejo de libertação. Deveis lembrar-vos que a liberdade da alma é a meta de todas as yogas, e cada uma destas conduz ao mesmo resultado. Por meio das obras, os homens podem chegar ao estado que Buda alcançou em grande parte pela meditação e Cristo pela devoção. Buda foi um jnani<sup>1</sup> ativo; Cristo um bhakta<sup>2</sup>, porém ambos alcançaram a mesma meta. A dificuldade está em que a libertação implica inteira liberdade; liberdade de fazer o bem, tanto como de praticar o mal.

É como uma cadeia de ouro, que escravisa tanto como uma de ferro. Tenho um espinho cravado num dedo e uso outro espinho para extraí-lo; depois, atiro fora os dois; não tenho necessidade de guardar nenhum espinho, porque acima de tudo, são espinhos. Da mesma forma, as más tendências têm de ser contrapostas pelas boas, e as más impressões da mente, pelas ondas frescas e boas, até que todo o mal desapareça quase por completo, ou seja submetido e controlado num recanto da mente; porém as boas tendências também devem ser conquistadas. Desta forma o homem "ligado", "desliga-se". Agi, porém não permitais que a ação ou o pensamento produza uma profunda impressão em vossa mente; deixai que as ondas vão e venham. Que as ações importantes provenham dos músculos do cérebro, porém não permitais que se gravem profundamente em vossa alma.

Como pode isto acontecer? Observemos que as impressões de uma ação à qual nos ligamos perduram. Posso encontrar-me com centenas de pessoas durante o dia, e entre elas com uma apenas a quem amo; quando chega a noite e penso em todas as fisionomias que vi, só unia se apresenta em minha mente: a que talvez não olhou menos, porém que amo; as demais se terão. desvanecido. Minha atração por aquela pessoa causou em minha mente uma impressão mais profunda do que todas as outras. Fisiologicamente as impressões foram todas iguais; cada uma das fisionomias que vi se retratou na retina e o cérebro se apoderou da imagem; no entanto, o efeito na mente não foi o mesmo. Muitas das pessoas eram talvez inteiramente novas para mim, porém aquela da qual tive um rápido vislumbre, encontrou associações internas. Talvez já a tivesse gravada em minha mente durante anos, talvez conhecesse muitíssima coisa sobre ela, e esta nova visão despertou centenas de recordações adormecidas em minha mente; e talvez esta impressão já fora repetida um sem numero de vezes do que as outras fisionomias, e por isto produziu tal efeito em minha mente.

Por conseguinte, sabe "desligados"; deixai que as coisas atuem, porém que atuem nos centros cerebrais. Agi constantemente, porém não permitais que uma só onda domine vossa mente. Trabalhai como se fósseis estrangeiros aqui na terra; trabalhai incessantemente, porém não vos ligueis à ação; ligar-se é algo terrível.

Este mundo não é nossa habitação; é somente um dos muitos estados pelos quais estamos passando. Recordai aquele grande ditado da filosofia sânkya: "A totalidade da natureza é para a alma, não é a alma para a natureza". A natureza não existe senão para a educação da alma; não tem outro significado; está aqui, porque a alma (leve ter conhecimento e libertar-se pelo conhecimento).

Se tivéssemos sempre este pensamento, jamais nos ligaríamos à natureza; saberíamos que esta é um livro aberto que devemos ler, e que já não terá valor

algum para nós quando tivermos adquirido o conhecimento que ele encerra. No entanto, nos identificamos com a natureza; pensamos que a alma lhe pertence, que o espírito é para a carne, e, como afirma o provérbio, pensamos que o homem "vive para comer" e não que "come para viver". Consideramos a natureza como se fôssemos nós mesmos e deste modo nos ligamos a ela. E quando nos ligamos a ela, em nossa alma se produz uma profunda impressão, que nos domina e nos leva a agir não como homens livres mas como escravos.

O ponto capital deste ensinamento é que devemos agir como "senhores" e não como "escravos". Não vedes como todos trabalham? Ninguém pode estar em absoluto repouso. Noventa e nove por cento dos homens trabalham como escravos e o resultado é a miséria; todos trabalham egoístamente. Trabalhai por liberdade. Trabalhai por amor. A palavra Amor é muito difícil de ser compreendida. O amor não existe, enquanto não existir liberdade. Não há possibilidade do verdadeiro amor no escravo. Se conquistais um escravo e o fazeis trabalhar em vosso proveito, ele cumprirá seu ganha-pão, porém não haverá amor nele. Do mesmo modo, quando nós trabalhamos para as coisas do mundo como escravos, não pode haver amor em nós, e o nosso trabalho não é verdadeiro trabalho.

Isto é tão certo com referência ao trabalho que realizamos para os nossos parentes e amigos, como ao trabalho feito para nós mesmos. Trabalho egoísta é trabalho de escravo, e eis aqui uma prova: Cada ato de amor acarreta felicidade; não há ato de amor que não traga paz e alegria. A existência ! o conhecimento e o amor estão intimamente relacionados; onde está um também estão os outros dois. São os três aspectos do Um sem Segundo. Existência-Conhecimento-Felicidade.

Quando esta existência se torna relativa, conhecêmo-la como mundo; este conhecimento se modifica logo como conhecimento das coisas do mundo, e esta felicidade constitui a base do amor que o coração do homem é capaz de sentir. Portanto, o verdadeiro amor nunca pode reagir de maneira a causar dor ao ser amado. Suponde que um homem ame uma mulher. Ele a quer só para si e a zela constantemente; necessita tê-la a seu lado; que coma e se mova a seu mandato. É escravo dela e quer possuí-la como escrava. Isto não é amor, mas apenas uma espécie de afeto mórbido de escravo. Não pode ser amor, porque provoca dor. O amor não produz reações dolorosas; o amor só produz felicidade. Quando tiverdes conseguido amar vossa esposa, esposo e filhos, a todo o mundo, ao universo, de tal modo que não haja reação de dor ou de ciúmes, nem sentimento egoísta algum, então estareis no estado apropriado de desligar-vos.

Krishna disse: "Contempla-Me, Arjuna. Se Eu deixasse de agir um só instante, o universo todo desapareceria. Nada tenho a ganhar na ação; sou o Senhor único. Por que atuo então? Porque amo o mundo". Deus está desligado porque ama; um amor assim verdadeiro, desfaz nossas ligações. Onde quer que haja apego pelas coisas mundanas, há atração física entre grupos de partículas de matéria; algo que atraia os corpos cada vez mais próximos e que não se podem juntar bem, produz dor, porém, onde há amor real não existem de nenhum modo atrações físicas. Tais amantes podem estar a mil milhas de distância um do outro e seu amor será sempre o mesmo; não morre, e jamais provocará dor.

Obter este desapego pode ser o trabalho de uma vida, porém, logo que o tivermos alcançado, nos encontraremos na meta do amor e conquistaremos a liberdade; nos libertaremos das cadeias da natureza e a contemplaremos tal qual é. Não conseguirá mais prendermos; seremos inteiramente livres e não tomaremos em consideração o resultado das ações. Para que nos preocuparmos com os resultados?

Pedis recompensa a vossos filhos. Nosso dever consiste em trabalhar para eles, e aí termina o assunto. Em tudo, aquilo que fizerdes por um semelhante, por uma cidade ou por um Estado, assumi idêntica atitude: não espereis recompensa. Se podeis tomar invariavelmente a posição de quem dá livremente, sem pedir recompensa alguma, então vosso trabalho não produzirá ligações. Estas somente vêm quando esperamos recompensa.

Se agir como escravos produz egoísmo e trevas, agindo como senhores de nossas próprias mentes gozaremos a felicidade de retidão e justiça; porém vemos que no mundo o reto e o justo são palavras vãs de crianças. Há duas coisas que guiam a conduta do homem: o poder e a compaixão. O exercício do poder leva invariavelmente ao egoísmo. Os homens e as mulheres aproveitam-se tanto quanto possível do poder, ou das vantagens que dele podem tirar.

A compaixão é a essência do céu. Para ser bons, devemos ser clementes. Até a justiça e o direito devem ser apoiados na clemência. Pensar em tirar proveito da obra que realizamos, prejudica nosso progresso espiritual; ainda mais: provoca a miséria. Há outra maneira de levar à prática a misericórdia e a caridade altruísta: é considerar as obras como "adoração" (quando cremos num Deus pessoal). Deste modo abandonamos o fruto de nossas ações ao Senhor; e adorando assim, não temos o direito de esperar nenhuma gratidão pelas obras que fazemos.

O Senhor age incessantemente e está sempre livre de ligações. Assim como a, água não pode molhar a folha do Loto, assim também a obra não pode escravizar o homem altruísta. O altruísta e desligado pode viver em meio da multidão de uma cidade pecadora e não ser manchado pelo pecado.

Esta idéia de abnegação absoluta está ilustrada no seguinte conto: Depois da batalha de Kurukshetra, os cinco irmãos pândavas celebraram um imponente sacrifício, dando ao mesmo tempo esmolas aos pobres.

Todos estavam assombrados ante a magnificência do sacrifício e diziam que nunca se vira outro igual no mundo. Mas depois da cerimonia chegou ali um pequeno rato, cuja metade do corpo era doirada e outra metade parda. Principiou então a espojar-se no assoalho da sala do sacrifício, e depois disse: *"Isto não é sacrifício". "Como?", disseram, "dizes que isto não é sacrifício? Ignoras quanto dinheiro e jóias foram distribuídos aos pobres e quanto cada um deles se tornou rico e feliz? Este foi o sacrifício maior que um homem já realizou".*

Porém o ratinho retrucou: *"Certa vez, numa pequena aldeia residia um pobre brâmine com sua esposa, seu filho e sua nora. Eram muito pobres e viviam das pequenas dádivas que lhes eram oferecidas por pregarem e ensinarem. Aquela cidade passou por um período de fome durante três anos e o pobre brâmine sofreu muito mais do que outrora. Finalmente, quando à família que há dias já não se alimentava, o pai trouxe uma maçã e um pouco de farinha de cevada que tivera a sorte de conseguir, dividiu tudo em quatro partes iguais e deu uma a cada familiar. Preparavam-se para comê-la, porém nesse momento bateram à porta. O pai a abriu e apareceu um hóspede. (n bom saber que na Índia um hóspede é pessoa sagrada: é considerado como um Deus enquanto dura a hospedagem, e deve ser tratado com devoção). Então o pobre brâmine lhe disse: "Entrai, Senhor; bem-vindo sejais". Pôs diante do hóspede seu alimento, que ele comeu rapidamente, dizendo: "Oh! Senhor, faz dias que não como, e este alimento ainda veio aumentar a minha fome". Então a esposa disse a seu marido: "Dá-lhe a minha parte", ao que ele disse: "não". Porém ela insistiu, dizendo: "Está aqui um esfomeado e nosso dever como chefes de família é dar-lhe de comer. Como esposa cumpro o meu dever dando a minha parte, visto que não tens nada mais para lhe oferecer". E deu-lha. Mas, depois de comê-la, o hóspede ainda estava com fome.*

*Em vista disso, o filho disse: "Tomai também a minha parte. O dever de um filho é ajudar os pais a cumprirem suas obrigações". O hóspede comeu, mas não se mostrou satisfeito, e por isto a esposa do filho lhe deu a sua ração. O hóspede saiu bendizendo-os. Naquela mesma noite, os quatro morreram de fome. Alguns grãos daquela farinha caíram no chão, e ao espojar-me nela, a metade de meu corpo ficou doirado, como vedes. Desde então venho correndo o mundo inteiro, procurando outro sacrifício como aquele, porém em nenhuma parte o encontro, o que não me permitiu doirar a outra parte do meu corpo. Portanto, afirmo que isto não é sacrifício".*

A caridade começa a desaparecer na Índia; os grandes homens diminuem em número. Quando estudava inglês, li um conto sobre um menino que trabalhava e dava algo à sua mãe, e por isso era elogiado! Que significa isto? Nenhum menino hindu. poderá compreender esta espécie de moral. Eu a compreendo agora depois de conhecer a idéia ocidental: cada qual para si; e alguns homens ficam com tudo o que possuem, abandonando pais, mães, esposas e filhos! Este não deve ser nunca o ideal de um chefe de família.

Estais agora em condições de compreender um karma-yogue: ajudar, ainda que seja à custa de sua vida, dos seus semelhantes, sem esperar o fruto da ação. Mesmo quando fordes enganados milhões de vezes, não vos impressioneis nem penseis no que estais fazendo. Nunca vos orgulheis de vossas esmolas aos pobres, nem espereis sua gratidão; ficai, ao contrário, agradecido porque tivestes ocasião de praticar a caridade. Também vereis claramente que ser perfeito chefe de família é muito mais difícil do que ser sannyasin. A verdadeira vida de trabalho é, em verdade, tão dura, se não mais, do que a verdadeira vida de renúncia.

- 1 *Quem pratica Jnana Yoga, ou Yoga do conhecimento.*
- 2 *Devoto ou seguidor de Bhakti Yoga.*

---

## Capítulo 4 - O que é o dever

No estudo de Karma-Yoga é preciso saber o que é o dever. Se devo fazer algo, primeiramente devo conhecer meu dever. A idéia do dever é diferente em cada nação. Os maometanos afirmam que o que está escrito no Corão é seu dever; os hindus o que está nos Vedas, e os cristãos o que está na Bíblia. Vemos, pois, que há diversas idéias sobre o dever, as quais mudam segundo os estados da vida, os períodos históricos e as nações. É impossível definir claramente o termo "dever", bem como nenhum outro termo abstrato universal; só podemos fazer uma idéia do que ele representa, mediante o conhecimento de seus resultados.

Quando certos acontecimentos ocorrem em nossa presença, experimentamos um impulso natural ou adquirido a agir de certa maneira; quando surge este impulso, a mente reflete sobre a situação; umas vezes pensa que é bom agir de certo modo em certas condições, e outras que é injusto fazê-lo em condições idênticas. O conceito mais universal do dever é que o homem bom deve agir de acordo com a sua consciência. Porém, como se pode atribuir que um ato se converta em dever? Se um cristão encontra um pedaço de carne e não o come para salvar sua própria vida, nem para conservar a de outrem, sem dúvida, sentirá que não cumpriu o seu dever. Porém, se um hindu se atreve a comê-la ou dá-la a outrem, com certeza sentirá também que não cumpriu o seu dever (3).

No século passado teve grande popularidade na Índia um bando de ladrões chamados thugs; acreditavam que seu dever consistia em matar a todos quantos fossem ricos e tirar-lhes o dinheiro; quanto maior fosse o número de vítimas, tanto mais se estimavam a si mesmos. Porém, geralmente, se um homem sai à rua e inata um semelhante, sente remorso e percebe que praticou um mal; porém, se este mesmo homem como soldado de um regimento, mata não um, mas vinte, com certeza se sente feliz e pensa que cumpriu seu dever. Dar uma definição do dever é, pois, impossível. No entanto, existe o dever em seu aspecto subjetivo.

Qualquer ação que nos aproxime de Deus, é boa e representa nosso dever; qualquer outra que nos afaste de Deus, é má e não representa nosso dever. Do ponto de vista subjetivo, vemos que certos atos têm tendência a exaltarmos e enobrecer-nos, enquanto que outros tendem a nos degradar e embrutecer. Mas não é possível estabelecer com certeza o resultado que determinados atos terão nas pessoas. Há, no entanto, um conceito do dever que foi universalmente aceito, em todas as idades, seitas e países, e que está sintetizado neste aforismo sânscrito: *"Não façais mal a nenhum ser. Não fazer mal a ninguém é virtude; fazer mal a alguém é pecado"*.

O Bhagavad-Gita alude freqüentemente aos deveres que dependem do nascimento e da posição social. O nascimento, a posição na vida e na sociedade determinam, em grande parte, a atitude moral e mental dos indivíduos e as suas

diversas atividades na vida. Portanto, nosso dever é praticar a ação que nos exalte e enobreça de acordo com as atividades e idéias da sociedade na qual nascemos. Devemos, porém, recordar muito particularmente que os mesmos ideais e atividades não prevalecem em todas as sociedades e países; a ignorância deste preceito é a causa principal dos ódios entre nações. O americano pensa que quando realiza um acordo segundo os costumes de seu país, este é o melhor, e quem não agir da mesma forma, é malvado. O hindu crê que seus costumes são os melhores do mundo e quem os não pratica são perversos para os seres humanos. Este erro é muito comum, porém é muito prejudicial, porque é causa da metade dos egoísmos existentes no mundo.

Quando visitei a exposição de Chicago, alguém me tirou o turbante. Olhei o vi que se tratava de um homem muito bem vestido e de boa aparência. Falei-lhe, e como o fiz em inglês, ficou envergonhado. Noutra ocasião, achando-me no mesmo local, alguém me deu um empurrão. Quando lhe perguntei porque fazia isto, me disse envergonhado: "*Por que vos vestis desta maneira?*" As simpatias dos dois homens estavam limitadas à sua maneira de falar e de vestir. A opressão que as nações poderosas exercem sobre as mais débeis, é causada por este princípio: falta de fraternidade. O homem que me perguntou por que não me vestia como ele e o que me maltratou por causa do meu traje, talvez fossem bons, excelentes pais e corretos cidadãos; porém, sua bondade desapareceu diante de um homem vestido de maneira diferente. Os estrangeiros são explorados em todos os países porque não sabem como se defenderem; por isso levam à sua terra falsas impressões dos povos que visitaram. Os maridos, soldados e comerciantes se comportam de modo diferente; talvez por isto os chineses chamem aos europeus e americanos "diabos estrangeiros". Não diriam assim se conhecessem o lado bom e generoso dos ocidentais.

Por conseguinte, devemos sempre nos habituar a observar o dever dos demais segundo o seu ponto de vista e não julgar os costumes dos outros povos de acordo com os nossos usos. Devo acomodar-me ao mundo e não ele a mim. Assim, vemos que o ambiente corrige a índole de nossos deveres e o melhor que temos a fazer no mundo é cumprir nossos deveres a todo o momento. Cumpramos primeiramente nossos deveres naturais, e assim cumprimos o dever correspondente à nossa posição social na vida. Existe, no entanto, um mal considerável na natureza humana. É que ninguém se observa a si mesmo. Crê ser sempre digno de ocupar um trono como o próprio rei; no entanto, mesmo que saiba cumprir primeiro os deveres de sua posição, outros lhe advirão mais elevados.

Quando trabalhamos com entusiasmo, a natureza nos recompensa de toda a forma e logo nos coloca na posição apropriada. Nenhum homem pode ocupar por muito tempo a posição à qual não está adaptado. De nada serve queixar-se e indispor-se com a natureza. Quem executa uma tarefa inferior, nem por isto é um homem inferior. Ninguém deve ser julgado pela natureza de seus deveres, e sim pela maneira e espírito com que os executa.

Mais tarde constataremos que a idéia de dever sofre mudanças e que a obra maior só se cumpre quando não existe nenhum motivo egoísta. No entanto, a obra realizada com um dever é a que nos faz atuar independentemente da idéia de dever. Quando a obra se converte em culto, a realizamos por amor a ela mesma. Diremos que a teoria do dever é idêntica nas outras yogas, sendo seu objetivo a atenuação do eu inferior para que o Eu superior possa brilhar; isto é, diminuir a perda de energias no mundo inferior de existência para que a alma possa manifestar-se em planos mais elevados. Isto se alcança pelo cumprimento do dever, que é a causa da perda dos desejos inferiores. A organização social vem se desenvolvendo desta forma, consciente ou inconscientemente, no campo da

ação e experiência, onde, pela limitação do egoísmo, damos lugar a uma ilimitada expansão da verdadeira natureza do homem.

O dever raras vezes é agradável; só quando o amor o impulsiona consegue evitar os atritos. Se assim não fosse, como poderiam os pais cumprir os deveres para com seus filhos? Os esposos para com suas esposas e vice-versa? Não vemos diariamente como os seres se desentendem? O dever é agradável se realizado com amor, porém o amor não brilha em todo o seu esplendor quando se tira a sua liberdade de expressão. É livre aquele que é escravo dos sentidos, da cólera, dos ciúmes e de inumeráveis erros que ocorrem na vida humana? Em todas as asperezas que encontramos na vida, a mais alta expressão de liberdade consiste em suportá-las com paciência. As mulheres escravas de seus próprios temperamentos, irritáveis e ciumentas, estão propensas a culpar os seus maridos, e a afirmar sua "liberdade" tal como elas a entendem, ignorando que de tal modo provam ser escravas.

A castidade é a primeira virtude do homem e da mulher, e é muito raro o homem que, por extraviado que esteja, não seja atraído por uma terna e casta esposa. O mundo não é, apesar de tudo, tão mau como parece. Muito se fala de maridos brutais e de impureza dos homens, porém, não é certo que existe o mesmo número de mulheres brutais e impuras? Se as mulheres fossem tão boas e puras como o são as suas freqüentes afirmações, seguramente não haveria no mundo um só homem impuro. Que brutalidade existe que não possa ser conquistada pela castidade e pureza? Uma boa e casta esposa para quem todos os homens, exceto seu esposo, são como filhos, e que assume para todos eles uma atitude de mãe, se tornará tão, grande no poder de sua pureza que não haverá um só homem, por brutal que seja, que não sinta uma atmosfera de santidade em sua presença. Do mesmo modo, cada homem deve olhar todas as mulheres, exceto a sua, como olharia sua própria mãe, filha ou irmã. De outro lado, o homem que ministre religião deve considerar todas as mulheres como se fossem sua própria mãe, e portar-se diante delas como um filho.

A posição da mãe é: a mais elevada do mundo, pois é o único posto onde podemos aprender e praticar o altruísmo. O amor a Deus é o único que supera o amor de mãe; todos os demais são inferiores. O dever da mãe é pensar primeiro em seus filhos e depois em si mesma. Mas, se os pais pensam primeiramente em si mesmos, o resultado se, rã que entre pais e filhos se estabelece a mesma relação que entre os pássaros e sua descendência, os quais logo que podem voar, desconhecem os pais.

Bendito, em verdade, é o homem que pode olhar todas as mulheres como a representação da maternidade de Deus. Benditas, em verdade, as mulheres para as quais os homens representam a paternidade de Deus.

Benditos os filhos que consideram seus pais como a Divindade manifestada na terra.

A única maneira do homem progredir é cumprir os deveres com os mais próximos, e deste modo ir acumulando forças para poder ir mais alto. Um jovem sannyasin foi a um bosque; ali meditou, adorou e praticou yoga por muito tempo. Depois de alguns anos de rude trabalho, achando-se um dia sentado sob uma árvore, caíram sobre sua cabeça umas folhas secas. Olhou para cima e avistou um corvo e uma gralha que discutiam no alto da árvore. Muito contrariado, lhes disse: *"Como vos atreveis a atirar estas folhas secas sobre a minha cabeça?"*, e como ao pronunciar estas palavras os olhou colérico, de sua cabeça saiu um raio de fogo que converteu os pássaros em cinza. Sentiu-se então muito feliz pelo desenvolvimento desse poder; podia fulminar um corvo e uma gralha só com um

olhar. Passado algum tempo, precisou ir à cidade mendigar pão. Chegou à porta de uma casa e disse: *"Mãe, dá-me de comer?"* Ao que respondeu uma voz: *"Espera um pouco, filho meu"*. O jovem pensou: *"Desgraçada mulher, como vos atreveis a fazerme esperar? Ainda não conheceis meu poder"*. Enquanto pensava isto, ouviu-se de novo a voz que dizia: *"Menino, não vos envaideçais tanto, pois aqui não há corvos nem gralhas"*.

O sannyasin, todo assombrado, ficou esperando. Por fim, apareceu uma mulher, e ele, caindo a seus pés, lhe disse: *"Mãe, como sabias isto?"* E ela respondeu: *"Filho meu, eu não conheço vossa yoga nem vossas práticas. Sou uma mulher vulgar. Fi-lo esperar porque meu marido está doente e o estava atendendo. Toda a minha vida me esforcei por cumprir meu dever. Quando era solteira, cumpria meus deveres para com os meus pais; agora, que sou casada, cumpro meus deveres como esposa; esta é toda a yoga que pratico. Todavia, cumprindo o meu dever, cheguei a ser iluminada; por isto posso ler vossos pensamentos e saber o que haveis feito no bosque. Se quereis saber algo de mais elevado, ide ao mercado da cidade e ali encontrareis um vyadha (4), que vos ensinará algo que deveis saber"*.

O sannyasin pensou: *"Para que hei de ir a esta cidade para ver um vyadha?"* Mas depois resolveu ir. Quando chegou à cidade, encontrou um mercado a certa distância e viu um carnicheiro grande e gordo que cortava a carne com uma enorme faca, falando e comerciando com várias pessoas. O jovem disse: *"Valha-me, Senhor. É este o homem de quem tenho de aprender? Parece a encarnação do demônio"*. O homem o olhou e disse: *"Olá, swami! Fostes mandado aqui por aquela senhora? Sentai-vos um pouco até que eu termine minhas obrigações"*. O sannyasin pensou: *"O que irá me acontecer?"* Sentou-se. O homem continuou seu trabalho, e uma vez terminado, pegou o dinheiro e disse ao sannyasin: *"Vinde, Senhor; vinde à minha casa"*. Quando chegaram, ele lhe ofereceu um assento e lhe disse: *"Esperai-me aqui"*, e foi para o interior da casa. Aí, lavou seus velhos pais, deu-lhes de comer e fez tudo quanto foi possível por agradá-los, depois do que se voltou para o sannyasin e perguntou: *"Que posso eu fazer por vós?"* O sannyasin lhe fez algumas perguntas relativas à alma e a Deus, e o vyadha lhe deu para ler um fragmento do Mahabarata chamado o Vyadha Gita, que contém um dos mais belos ensinamentos da Vedanta.

Quando o vyadha terminou seu ensinamento, o sannyasin ficou assombrado. Então lhe perguntou: *"Com um conhecimento como o vosso, como é que estais no corpo de um vyadha cumprindo tão horrível trabalho?"* "Filho meu", replicou o vyadha, *"nenhum dever é feio, nenhum impuro. Meu nascimento me colocou neste ambiente. Em minha infância aprendi o comércio; estou desligado e trato de cumprir o meu dever. Procuo cumpri-lo como chefe de família, e também fazendo todo o possível por tornar felizes meus pais. Não conheço vossa yoga, nem sou sannyasin, nem abandono o mundo para ir aos bosques; no entanto, tudo o que tendes visto e ouvido, é o que recebo, por cumprir, desligadamente o meu dever; é o que corresponde à minha posição"*.

Conheço na Índia um Sábio, um grande yogue, um dos homens mais assombrosos que vi em minha vida. É original; não ensina ninguém; se lhe fazeis uma pergunta, não responde, pois não quer assumir a atitude de mestre; porém, se esperais alguns dias, no curso de uma conversação fará que esta recaia sobre o assunto e projetará sobre ela irmã luz maravilhosa. Comunicou-me uma vez o segredo da ação: *"Que o fim e os meios se associam"*. Quando fizerdes qualquer trabalho, não penseis em outra coisa. Leva-lo ao fim, como um ato de adoração, como se cumprísseis o mais elevado culto, e concentrai nele toda vossa vida.

Assim, no conto que acabo de referir, o vyadha e a mulher cumpriram seu dever com alegria ' e boa vontade, resultando da a conquista da iluminação. Isto demonstra claramente que a reta execução dos deveres em qualquer esfera da vida, sem pensar nos resultados, conduz à mais alta realização da perfeição da alma.

O trabalhador que se liga aos resultados é o que se queixa da natureza do dever que lhes coube pelo destino. Para o trabalhador desligado, todos os deveres são igualmente bons e constituem eficazes instrumentos para destruir o egoísmo e a sensualidade, e também para assegurar a independência da alma.

É comum superestimarmos nossos méritos. Nosso deveres são proporção muito maior do que estamos dispostos a confessar. A competição desperta a inveja e mata a vontade. Para os descontentes, os deveres se tornam desagradáveis; nada os satisfaz e sua vida redonda num fracasso. Continuemos trabalhando, cumprindo o nosso dever, à medida que vamos avançando, e então, com segurança, conseguiremos ver a Luz!

---

(3) *É que, em geral, o cristão é carnívoro, e o hindu, vegetariano.*

## **Capítulo 5 - Não é ao mundo que ajudamos, e sim a nós mesmos**

Antes de considerar com maior extensão a forma pela qual a devoção nos auxilia em nosso progresso espiritual, permiti-me que abra um breve parêntese para outro aspecto do que na Índia entendemos por karma. Todas as religiões constam de três partes: filosofia, mitologia e ritual. A filosofia é, primeiramente, a essência da religião; a mitologia a explica mediante as vidas mais ou menos legendárias dos grandes homens, as histórias e os relatos de acontecimentos surpreendentes. etc., e o ritual dá à esta filosofia uma forma ainda mais concreta, com o fim de que todos a possam interpretar.

O ritual é karma obrigatório em toda a religião, pois muitas pessoas não podem compreender as coisas espirituais abstratas, senão depois de terem alcançado o suficiente desenvolvimento espiritual. É fácil pensar que podemos compreender tudo, porém quando chega o momento de termos em prática nosso conhecimento, vemos que é muito difícil entendermos as idéias abstratas. Portanto, os símbolos constituem um poderoso auxiliar, que não podemos abandonar. Desde tempos imemoriais, os símbolos foram usados por todas as religiões. Em certo sentido, não pensamos a não ser por meio de símbolos; acaso não são as palavras símbolos do pensamento? E ainda podemos dizer que o próprio universo é um símbolo que oculta Deus. Esta simbologia não é mera concepção da Mente humana. A simbologia religiosa é resultante de um crescimento natural, e se assim não fosse, como é que determinados símbolos estão indissolúvelmente associados a determinadas idéias? Certos símbolos são universalmente conhecidos. Muitos de vós pensam que a cruz nasceu com o Cristianismo. Porém é um fato comprovado que antes do Cristianismo existir, antes de Moisés ter nascido ou que Os Vedas fossem conhecidos, antes de se registrar qualquer conhecimento, já existia este, símbolo.

Sabe-se que a cruz esteve entre os astecas e fenícios; e que, todas as raças a conheceram. Além disto, o símbolo do Salvador crucificado parece haver sido conhecido em todas as nações. O círculo foi símbolo muito importante em todo o mundo. Por outro lado, existe o símbolo mais universal de todos, que é a cruz esvástica (5).

Durante certo tempo acreditou-se que fosse criação dos budistas, porém descobriu-se que já era conhecido na Babilônia e no Egito. O que demonstra isso? Que estes símbolos não podem ser meros sinais convencionais; deve existir alguma associação natural entre eles e a mente humana. A linguagem não é convencional; as idéias se correspondem com as palavras de maneira natural. Os símbolos que representam idéias podem ser sons e cores. Os surdos-mudos devem pensar mediante símbolos que não são sons. Cada pensamento cria uma forma específica; isto se chama na filosofia sânscrita *nainarupa* nome e forma. É tão impossível criar convencionalmente um sistema de símbolos como criar uma linguagem.

Nos símbolos ritualistas conservamos uma expressão do pensamento religioso da humanidade. É fácil dizer que são inúteis os rituais, templos e outros elementos de adorno; até as crianças podem fazer esta afirmação. Mas é fácil comprovar que aqueles que se ligam aos templos são algo diferentes daqueles que se abstêm de fazê-lo. Por conseguinte, associar-se a um determinado templo, a rituais e outras formas concretas das religiões, tende a despertar na mente de seus devotos as idéias simbolizadas por essas coisas concretas; e não se ignora que todos os rituais são simbólicos. O estudo e a prática destas coisas fazem parte de Karma-Yoga.

No entanto, esta ciência da ação possui muitos outros aspectos. Um deles é conhecer a relação entre o pensamento e a palavra, e quanto pode ser adquirido mediante o poder desta. Em todas as religiões é conhecido o seu poder, e até mesmo alguns afirmam que a criação teve origem na palavra. O aspecto externo do pensamento de Deus é a palavra; e como Deus pensou e quis antes de criar, a criação é resultante da palavra. Na violência e precipitação da vida materialista, nossos nervos endureceram e perderam a sensibilidade. Quanto mais velhos somos e mais experiências adquirimos, mais insensíveis nos tornamos, e terminamos por não fazer caso das coisas que nos rodeiam.

A natureza humana primeiro se impõe algumas vezes e nos leva a inquirir e considerar alguma destas ocorrências; esta reflexão é o primeiro passo para a luz. Além do alto valor filosófico e religioso da Palavra, vemos que os símbolos sonoros desempenham papel importante no drama da vida humana. Eu vos falo, porém não vos toco; as vibrações do ar causadas por minhas palavras vão aos vossos ouvidos, tocam vossos nervos e produzem efeitos em vossa mente. Não podeis impedir isto. Pode haver algo mais assombroso? Um homem chama outro de néscio; este se põe de pé, cerra os punhos e lhe dá uma bofetada. Vede o poder da palavra. Uma mulher chora desconsolada; outra passa e lhe dirige palavras de consolo; o desesperado aspecto da aflita desaparece e começa a sorrir. Pensai no poder destas palavras.

Agi com potente energia, tanto na mais elevada filosofia como na vida prática. Noite e dia manipulamos inconscientemente esta força, sem tratar de indagar sua essência. Conhecer a natureza desta força e utilizá-la corretamente também é uma parte de Karma-Yoga.

Nosso dever para com os outros baseia-se em ajudá-los, fazer bem ao mundo. Por que devemos fazer bem ao mundo? Aparentemente para ajudarmos a nós próprios. Tratar de ajudar o mundo deveria ser nossa mais elevada aspiração; porém, se pensarmos um pouco, veremos que o mundo não precisa de nosso auxílio. Este mundo não foi criado para que vós e eu o ajudássemos. Uma vez li um sermão que dizia: *"O mundo é muito bom porque nos oferece a oportunidade de ajudar os demais"*. A primeira vista este sentimento é muito belo; porém, não é unia blasfêmia dizer que o mundo precisa de nosso auxílio? Não podemos negar que há muita miséria nele; socorrer o próximo, portanto, é o que de melhor podemos fazer, ainda mesmo que saibamos que a única coisa que nisso fazemos é auxiliarmos a nós mesmos.

Quando eu era criança, tinha uns ratos brancos e os guardava em uma caixa munida de umas rodas feitas de modo que, quando os ratos andavam nela, as rodas giravam incessantemente e os ratos ficavam no mesmo lugar. É o que acontece ao mundo com o nosso auxílio. O único auxílio positivo consiste em nos obrigar a uma ginástica moral. O mundo não é nem bom nem mau; cada homem constrói um mundo para si mesmo. Se um cego principia a pensar no

mundo, o suporá frágil ou duro, frio ou quente. Constituímos uma massa de felicidade e infortúnio; podemos observar isto centenas de vezes.

Geralmente os jovens são otimistas e os velhos pessimistas. O jovem tem a vida ante si, e o velho se queixa porque envelheceu mais um dia; centenas de desejos que não puderam ser satisfeitos fervem em seus corações. No entanto, ambos estão em condições idênticas. A vida é boa ou é má, segundo as atitudes mentais com que a observemos; por si mesma, não é nada. O fogo, por si mesmo, não é bom nem mau. Quando nos dá calor, dizemos: "Que bom fogo!" Quando nos queima o dedo, o maldizemos. Segundo o uso que dele façamos, produz em nós uma sensação agradável ou desagradável. O mundo é perfeito. Por perfeição entendemos aquilo que está admiravelmente adaptado a seus fins. Podemos estar seguros de que caminhará completamente bem sem nossa ajuda, e que não tem necessidade de que percamos a cabeça por sua causa.

Todavia, precisamos praticar o bem; o desejo de fazer o bem é o que de mais elevado podemos aspirar, desde que aceitemos o princípio de que é um grande privilégio ajudar os outros. Não vos coloqueis num alto pedestal, com uma moeda na mão, enquanto dizeis: "Tornai, pobre homem". Agradecei mais do que o pobre, pois deste modo tivestes a oportunidade de ajudar a vós mesmo, ajudando o pobre. O beneficiado não é quem recebe, e sim aquele que dá. Agradecei àqueles que vos deram a oportunidade de ser benevolente e misericordioso, pois só assim chegareis neste mundo a ser puro e perfeito. Todas as boas ações nos levam à pureza e perfeição. Que de melhor podemos fazer? Construir um hospital, abrir estradas, erguer asilos de caridade, organizar uma festa de beneficência e reunir dois ou três milhões de dólares, edificar um hospital com um milhão, com o segundo dar bailes e beber champanha e com o terceiro deixar que os administradores roubem a metade, e o resto, finalmente que chegue aos pobres. Que representa isto? Um golpe de vento destrói tudo em cinco minutos.

Que devemos então fazer? Uma erupção vulcânica pode arrasar os nossos hospitais e nossas estradas.

Abandonemos esta conversa inútil de querer fazer bem ao mundo; ele não precisa do vosso auxílio nem do meu; no entanto, devemos fazer o bem constantemente, porque isto constitui uma bênção para nós. Esta é a única maneira de chegarmos a ser perfeitos. Nenhum dos mendigos que temos auxiliado, nos devem um só centavo; ao contrário, somos nós que lhes devemos o favor de nos terem permitido ajudá-los. É erro pensar que nós temos o poder de fazer bem ao mundo, ou acreditar que auxiliamos tais ou tais pessoas. É um pensamento falso, e os pensamentos falsos produzem miséria.

Imaginemos um homem que ajudou seu semelhante e espera recompensa, e como este não lhe foi grato, ele se sente infeliz. Por que devemos esperar a recompensa daquilo que fazemos? Agradecei ao homem que permitiu ser ajudado, considerando-o um Deus. Não é um grande privilégio sermos permitido adorar Deus ajudando nossos semelhantes? Se estivéssemos verdadeiramente desligados, nos livraríamos desta expectativa e poderíamos praticar no mundo muito trabalho útil. Nunca traz infelicidade nem miséria a ação realizada sem se esperar recompensa. O mundo continuará com suas tristezas e alegrias por toda a eternidade.

Havia um pobre homem que necessitava de certa importância em dinheiro e, não se sabe como, tinha ouvido dizer que se ele pudesse se utilizar dos serviços de um gênio, poderia obrigá-lo a trazer-lhe dinheiro e tudo quanto desejasse. Por isto estava ansioso por encontrar algum, e saiu em busca de alguém que lhe facilitasse os meios de conseguí-lo. Finalmente, topando com um sábio que possuía poderes,

pediu-lhe auxílio. O sábio perguntou-lhe por que desejava um gênio, *"É para trabalhar para mim; ensina-me como posso obtê-lo, senhor, porque necessito muito"*, replicou o homem. O sábio disse: *"Não vos inquieteis; ide à vossa casa"*.

No dia seguinte o nosso homem foi novamente ver o sábio e tornou a suplicar-lhe: *"Dai-me um gênio; eu preciso de um gênio, senhor; ajudai-me"*. Por fim o sábio se cansou e lhe disse: *"Tomai este talismã, repeti tal palavra mágica e vos aparecerá um gênio que fará tudo que lhe determinardes. Mas tende cuidado; são seres terríveis e devem estar constantemente ocupados; se deixardes de lhe dar trabalho, ele vos tirará a vida"*. O homem replicou: *"Isto é fácil, dar-lhe-ei trabalho para toda a minha vida"*. Foi ao bosque e depois de repetir várias vezes a palavra mágica, um enorme gênio se lhe apresentou e disse: *"Eu sou o gênio, e fui conquistado por vossa magia; deveis Ter-me ocupado constantemente, senão vos matarei"*. O homem lhe ordenou: *"Construi-me um palácio"*. *"Já está construído"*, lhe disse. *"Traz-me dinheiro"*, disse logo. *"Aqui está o dinheiro"*, respondeu-lhe o gênio. *"Abre este monte e edifica uma cidade neste lugar"*. *"Já está feita"*, replicou; *"que quereis mais?"* Então o homem começou a temer, por não ter nada mais para mandar fazer, pois o gênio fazia tudo num momento. O gênio não esperou: *"Ou me dais serviço ou vos mato"*, lhe disse.

O pobre homem estava aterrorizado; não havia ocupação para dar-lhe; todo assustado, correu à casa do sábio e lhe suplicou: *"Oh! Senhor, salvai-me a vida"*. E como este lhe perguntasse o que acontecia, lhe respondeu: *"Não tenho nada mais para mandar o gênio fazer; tudo o que lhe ordeno, fá-lo num momento, e ameaça matar-me se eu não lhe der mais trabalho"*. Naquela hora chegou o gênio: *"Vou matar-vos"*, exclamou e se dispôs a fazê-lo. O homem começou a tremer e a rogar ao sábio que lhe salvasse a vida. Este lhe disse: *"Eu vou encontrar-vos uma saída. Observai aquele cão que tem a cauda enrolada. Tirai rapidamente vossa espada, cortai-a e mandai o gênio endireitá-la"*. O homem assim fez. O gênio pegou a cauda e com muito jeito conseguiu endireitá-la, porém, sempre que a largava, ela se enrolava de novo.

Durante dias inteiros endireitava a cauda e esta tornava a enrolar-se, até que por fim exclamou: *"Jamais me vi em tal aperto; sou um velho e veterano gênio, porém nunca me vi em tão grande dificuldade. Vou propor-vos um trato: permiti que me retire e vos deixarei tudo o que já vos dei, comprometendo-me a não vos fazer mal algum"*. O homem ficou contente e o aceitou alegremente.

Este mundo se parece com a cauda enroscada do cão: as pessoas têm lutado para endireitá-la durante centenas de anos, porém quando a soltam, ela se enrola de novo. Como poderia ser de outro modo? Todos têm que aprender primeiro a agir sem se ligar à ação; então já não será um fanático. Quando compreendermos que este mundo é como a cauda enrolada do cão, que nunca se endireitará, então não seremos fanáticos.

Se não houvesse fanatismo no mundo, este progrediria mais rapidamente. É um erro crer que o fanatismo pode contribuir de algum modo para o progresso do gênero humano; ao contrário, é uma peçonha que, criando ódios e cóleras, é a causa das pessoas lutarem entre si, tornando-se insensíveis à compaixão.

Pensamos que tudo quanto fazemos ou possuímos é o melhor do mundo, e que o que não fazemos nem possuímos não tem valor. Assim, recordai-vos do exemplo da cauda enrolada, para evitar vos tornardes fanáticos. Não tendes necessidade de vos atormentar nem de perder o sono por causa do mundo; seguirá seu caminho sem vós. Somente quando tiverdes evitado o fanatismo, agireis bem. É o homem mentalmente equilibrado, de juízo sereno e capaz de experimentar simpatia e amor, que faz boa obra e se favorece a si mesmo. O

fanático é néscio e não sente; jamais pode modificar o imundo nem se tornar puro e perfeito.

Em síntese, os principais pontos deste capítulo são:

Primeiro, recordar que somos devedores do mundo e que este nada nos deve. É um grande privilégio para nós termos permitido fazer algo pelo mundo. Ao ajudá-lo, em realidade nos ajudamos a nós mesmos.

Segundo, que há um Deus neste universo. Não é certo que este universo flutue sem destino e tenha necessidade do vosso auxílio ou do meu. Deus está sempre presente nele. É imortal, eternamente ativo e infinitamente vigilante. Quando todo universo dorme, Ele permanece velando; age incessantemente; as mudanças e manifestações do mundo são obra Sua.

Terceiro, não devemos odiar ninguém. Este mundo continuará sempre sendo uma mistura de bem e de mal. Nosso dever é simpatizar com os débeis e amar, inclusive, os malfeitores. O mundo é um grande ginásio moral, onde devemos exercitar-nos para ser cada dia mais fortes espiritualmente.

Quarto, não devemos ser fanáticos, porque o fanatismo é oposto ao amor. Ouvireis continuamente que os fanáticos dizem: "*Eu não odeio o pecador e sim o pecado*"; porém estou disposto a ir a qualquer parte, por longe que seja, para encontrar o homem realmente capaz de distinguir entre o pecado e pecador. É muito fácil dizer. Se pudéssemos distinguir bem entre qualidade e substância, poderíamos chegar a ser perfeitos. Não é fácil fazê-lo. E quanto mais tranquilos formos e menos alterados estiverem os nossos nervos, mais amaremos e melhor agiremos.

*(5) A cruz esvástica é o símbolo da divina energia criadora, em perpétua atividade. Representa-a girando vertiginosa e poderosamente da esquerda para a direita, como o denotam Seus braços recurvados para a esquerda. Não se deve confundida com a cruz gamada (suástica), símbolo das forças negras ou destruidoras; seus braços recurvados para a direita (ao contrário dos da esvástica), figuram um movimento inverso ao da evolução ou oposto à Vontade Divina.*

## Capítulo 6 - Desapego e abnegação completos

Assim como cada ação que de nós emana a nós volta como reação, também nossas ações podem agir sobre outras pessoas e as desta sobre nós. Certamente já tendes reparado que quando as pessoas cometem más ações, tornam-se cada vez mais pervertidas, e que, quando começam a praticar o bem, ficam cada vez mais fortes e aprendem a fazer o bem em qualquer ocasião. Esta intensificação da ação. Só se explica porque agimos e reagimos uns sobre os outros.

Tomemos um exemplo na física. Enquanto executo uma ação, pode-se dizer que minha mente vibra de determinada maneira, e todas as mentes que estão em circunstâncias análogas serão afetadas por minha mente. Se numa habitação colocamos diferentes instrumentos musicais afinados no mesmo tom, observa-se que, quando se toca um deles, os outros vibram reproduzindo a mesma nota. Do mesmo modo, todas as mentes que têm a mesma tensão, serão afetadas pelo mesmo pensamento.

Supondo que eu cometa um ato mau, minha mente vibra com uma frequência especial e todas as mentes semelhantes podem ser afetadas pela vibração de minha mente. Da mesma forma, quando pratico uma boa ação, minha mente vibra em outra frequência e as que estão em uníssono com a minha têm a possibilidade de ser afetadas por ela. E este poder de uma mente sobre outra variará em proporção à intensidade do pensamento.

Segundo este símile, pode-se dizer que assim como as ondas de luz podem levar milhões de anos antes de alcançar um objeto, assim também as ondas mentais podem viajar centenas de anos antes de encontrar um objeto com o qual vibrem em uníssono. É provável que nossa atmosfera esteja cheia de vibrações mentais boas e más. O pensamento projetado por um cérebro segue vibrando, por assim dizer, até encontrar uma mente devidamente sintonizada que o capte. Da mesma forma, quando um homem comete más ações, induz em sua mente um certo estado vibratório, e as ondas correspondentes pugnarão por alcançá-la. Esta é a razão pela qual um malfeitor se torna cada vez pior. Suas ações se intensificam.

A mesma coisa acontece com as pessoas que praticam ações boas; sua mente capta cada vez mais as boas ondas existentes na atmosfera, e com elas intensifica suas ações boas. Consequentemente, corremos um perigo duplo ao praticarmos o mal. Primeiro, nos abrimos a todas as más influências que nos rodeiam, e segundo, criamos um mal que afetará os outros, talvez daqui a cinquenta anos. Ao fazer o mal, prejudicamos a nós mesmos e aos demais. Ao fazer o bem, beneficiamos a nós mesmos o ao mesmo tempo aos demais. Como todas as outras forças do homem, as do bem e as do mal se acumulam no exterior.

De acordo com a Karma-Yoga, a ação realizada não pode ser destruída enquanto não tiver dado seus frutos; ninguém pode impedir seus resultados. Se eu pratico uma ação má, terei que sofrer por ela; não há nada no universo capaz de evitar ou detê-la. Do mesmo modo, se faço algo de bom, não existe poder no universo que impeça suas boas conseqüências. A causa deve ter o seu efeito; nada a pode impedir ou minorar. Agora se apresenta uma questão muito sutil, referente a Karma-Yoga: é que nossas ações, boas ou más, estão intimamente relacionadas umas com as outras. Não podemos traçar uma linha demarcatória e dizer: esta é inteiramente boa e aquela má. Não existe ação que não produza bons e maus frutos ao mesmo tempo.

Tomemos um exemplo mais próximo. Eu vos falo: alguns de vós pensam que estou fazendo bem e que ao mesmo tempo mato centenas de micróbios na atmosfera; logo faço mal a outros. Quando a ação nos interessa muito de perto ou afeta gratamente a quem conhecemos, dizemos que é boa. Por exemplo: minha conversação poderá parecer muito agradável para vós, porém os micróbios opinarão de maneira diferente.

Não vedes os micróbios, porém vedes a vós mesmos. A maneira como minha conversação vos afeta se torna evidente para vós, porém não a maneira como ela afeta os micróbios. Do mesmo modo, se analisarmos nossas más ações, veremos também que elas têm podido produzir algum bem. Aquele que na boa ação descobre o segredo da ação e em meio do mal algum bem, conheceu o segredo da ação.

Mas, que resulta de tudo isto? Pois não pode existir nenhuma ação inteiramente pura nem perfeitamente impura no sentido de fazer o bem ou mal. Não podemos respirar nem viver sem causar mal aos outros, e cada partícula de alimento que comemos tirâmo-la da boca de um terceiro. Nossas próprias vidas destroem micróbios, porém nós temos que crescer às expensas de uns e de outros. Disto se deduz que a perfeição jamais será alcançada pela ação. Mesmo que atuemos durante toda a eternidade, não conseguiremos sair deste intrincado emaranhado; podeis agir sem cessar; não existirá fim para esta inevitável associação de bem e de mal no resultado da ação.

Consideremos o segundo ponto: qual é o fim da ação? Observamos que a maior parte das pessoas crê que chegará uma época em que o mundo será perfeito; que não existirão mais enfermidades, desgraças e maldades. Esta idéia é muito boa para animar e entusiasmar os ignorantes, porém, se pensarmos um momento, veremos que não pode ser assim. Acaso o bem e o mal não são o verso e o reverso de uma mesma medalha? Como pode existir bem sem mal ou mal sem bem? Que entendemos por perfeição? A vida perfeita cairia numa contradição.

A vida é uma luta contínua entre nós mesmos e o exterior. Continuamente nos encontramos lutando com a natureza externa, e se somos vencidos, nossa vida sucumbe. Por exemplo, lutamos por alimento e ar. Se qualquer destas coisas nos faltarem, morreremos. A vida não é uma coisa amável que se desliza suavemente, e sim, um esforço contínuo. Esta luta complexa entre o interior e o exterior é o que chamamos vida. É, pois, evidente que quando cessar esta luta, terminará também a vida.

O que se entende por felicidade ideal, é a cessação da luta. Mas então a vida terminou, porque a luta só se acaba quando a vida termina. Temos visto que ajudando o mundo, ajudamos a nós mesmos. O efeito principal de nossa ação em benefício alheio é ela purificarmos a nós mesmos. Esforçando-nos

constantemente em fazer o bem aos outros, conseguimos esquecermos de nós mesmos; este esquecimento do eu é a grande lição que nos falta aprender. O homem pensa nesciamente que pode achar a felicidade, porém depois de muitos anos de luta descobre que a verdadeira felicidade consiste em matar o egoísmo, e que ninguém, exceto ele, pode fazê-lo feliz.

Cada ato de caridade, cada pensamento de simpatia, cada ação boa reduz nossa vaidade e fez com que nos consideremos insignificantes; portanto, tudo é bom. Aqui achamos que JNANA, BHAKTI e KARMA convergem para o mesmo ponto. O ideal mais elevado é a eterna e total abnegação: esquecer o "eu" para não pensar mais do que no "tu". Quer seja o homem consciente ou inconsciente disto, karma-yoga o leva até o fim. Um sacerdote poderá espantar-se da idéia de um Deus impessoal, insistirá sobre o pessoal e sustentará sua identidade e individualidade própria. Porém sua ética, se é realmente boa, só pode estar baseada na mais elevada abnegação. Esta é a base de toda a moral; podeis torná-la extensiva a todos os homens, animais, ou anjos, porém é a única idéia básica, o único princípio fundamental que nos sustenta todo sistema de moral.

Encontrareis várias espécies de homens neste mundo. Primeiro existem os homens divinos, cuja abnegação é completa; esses fazem o bem aos outros, mesmo à custa do sacrifício de suas vidas. Se existissem cem homens desses em alguns países, tais países nunca teriam motivos para se afligir; porém, infelizmente, eles são muito poucos. Em seguida, existem os homens bons, que fazem bem aos outros mas desde que não se prejudiquem a si mesmos; e uma terceira classe: os que para o bem de si mesmos prejudicam os demais. Um poeta sânscrito disse que existe uma quarta classe de pessoas que fazem o mal só pelo prazer de fazê-lo. Assim também encontramos, de outro lado, o homem mais elevado que faz o bem só por amor ao bem.

Existem duas palavras sânscritas: pravritti que significa "atrair", e nivritti, "repelir". Atrair é o que chamamos o "eu" e "meu"; inclui as coisas que enriquecem o "eu" com posição, dinheiro, poder, fama e nome. Este é o pravritti, a tendência natural de cada ser humano: tomar tudo de toda as partes e amontoá-lo, ao redor de um centro, sendo este o próprio e importantíssimo eu do homem. Quando esta tendência começa a declinar, quando se converte em nivritti, "repelir", então começam a moralidade e a religião. Tanto pravritti como nivritti são resultantes da ação; a primeira é má, a segunda é boa. Nivritti é a base fundamental de toda moralidade e religião, e sua perfeição absoluta consiste em estar sempre disposto a sacrificar a mente, o corpo e tudo mais por nosso semelhante.

Quando um homem alcança este estado, chega à perfeição da Karma-Yoga. Este é o mais elevado resultado das boas ações. Mesmo que o homem não tenha estudado nenhum sistema de filosofia, não tenha acreditado nem creia em Deus e não tenha orado uma só vez em toda a sua vida, se o simples poder das boas ações o levarem a um estado em que esteja disposto a dar a sua vida pelos seus semelhantes, encontrar-se-á no mesmo ponto do homem religioso ou do filósofo. Então vereis que o filósofo religioso ou o homem de ação estão todos no mesmo ponto, e que este ponto é a abnegação.

Por muito que se diferenciem os sistemas filosóficos e religiosos, os homens se inclinam com reverência e respeito ante o que está pronto a se sacrificar pelos demais. Já não se trata de credo nem doutrinas. Os grandes inimigos das idéias religiosas se inclinam ante um ato de completa abnegação. Não vistes que até o cristão mais fanático, quando lê a Luz da Ásia, de Edwin Arnold, sente veneração pelo Buda que não pregou Deus algum, e somente o auto sacrifício? O que acontece é que o fanático ignora que suas aspirações na vida coincidem plenamente com as daqueles a quem critica. O devoto, mantendo seu pensamento

sempre fixo em Deus, chega ao mesmo ponto e exclama: "Faça-se a Tua vontade", sem reservar nada para si mesmo. Isto é abnegação. O filósofo, com seu conhecimento, compreende que o eu é uma ilusão e o abandona facilmente; isto é abnegação. Deste modo, karma, bhakti e jnana (6) se reúnem num ponto só; e isto foi ensinado pelos pregadores antigos quando afirmavam, que Deus não é o mundo. Uma coisa é o mundo e outra é Deus; o que eles entendem por mundo é egoísmo. O altruísmo é Deus. Alguém pode viver num trono ou palácio de ouro e ser perfeitamente altruísta, e por isto estará em Deus. Outro pode viver numa cabana, vestir farrapos, e no entanto, se é egoísta, estará intensamente submerso no mundo.

Dissemos que não podemos fazer o bem sem ao mesmo tempo praticar o mal, nem fazer o mal sem ao mesmo ter que realizar algum bem. Em vista disto, como podemos agir? Existiram seitas que de um modo fantástico pregaram o suicídio como único meio de se libertar do mundo; porque, se um homem vive, tem que forçosamente matar pobres animais e plantas, e fazer o mal a algo ou alguém. Por conseguinte, segundo eles, a única maneira de se livrar do mundo é morrer. Os jainistas (7) aprenderam esta doutrina como o ideal mais elevado. Este ensinamento parece lógico; porém a verdadeira solução se encontra no Bhagavad-Gita. É a teoria de não se ligar, de não apegar-se a nada, mesmo cumprindo-se o dever na vida.

Compreendi que vos achais completamente separado do mundo, embora vivais nele, e qualquer coisa que fizerdes não a façais por amor a vós mesmo. Os efeitos de toda ação que realizardes em vosso proveito, terão que pesar sobre vós mesmos. Se é boa, receberéis o bom resultado; se é má, o mau. Mas, qualquer ato que não seja praticado em vosso exclusivo benefício, seja qual for, não terá efeito sobre vós. Há uma sentença muito expressiva em nossas escrituras, que esclarece esta idéia: *"Mesmo que ele mate todo o universo e a si mesmo, não é o matador nem o morto, quando sabe que ele não age por si mesmo de nenhuma maneira"*. Portanto, Karma-Yoga ensina: *"Não abandones o mundo; vive nele, assimila suas influências de toda forma que pudeses, porém se tiver que ser em proveito de teu gozo próprio, não atues de maneira alguma"*.

(6) Isto é, ação, devoção e conhecimento,

(7) São os secetários do Jainismo, uma das religiões mais antigas da Índia, e cujo último grande Instrutor foi o Senhor Mahavira. Pode-se resumir assim o ideal dessa religião: o homem que não prejudique nenhum ser vivente, alcança a paz do nirvana.

Gozar não é a meta. Primeiro mata teu eu e em seguida considera todo mundo como se fosses tu mesmo, como os antigos cristãos que costumavam dizer: *"O homem velho deve morrer"*. Este homem velho é o conceito egoísta de que todo o mundo foi feito para que dele desfrutemos. Os pais néscios ensinam seus filhos a orar: *"Oh! Senhor. Tu criaste este sol e esta lua para mim"*, como se o Senhor não tivesse outra coisa em que se entreter. Não ensineis a vossos filhos semelhante tolice. Além disso, há pessoas que pecam por outras razões: ensinamos que os animais foram criados para satisfação de nosso estômago e que o universo existe só para gozo do homem. Do mesmo modo, um tigre poderia dizer: *"O homem foi criado para mim"*, e orar: *"Oh! Senhor, que malvados são os homens, ao não se colocarem voluntariamente ao alcance de minhas mandíbulas; estão violando Vossa Lei"*. Se é para nós que o mundo foi criado, nós, reciprocamente, fomos criados para ele. Que o mundo haja sido criado para o nosso prazer é a idéia mais perversa de quantas nos podem escravizar. Milhões de seres abandonam periodicamente este mundo, e outros milhões vêm ocupar o seu lugar. O mundo é para nós o que nós somos para ele.

Para agir com retidão, temos que abandonar primeiramente a idéia de apego. Em segundo lugar, não devemos interferir nos acontecimentos, e sim, manter-nos em posição de testemunhas e continuar trabalhando. Meu Mestre costumava dizer: "*Considerai vossos próprios filhos como o faz a ama*". A ama se encarrega de vossos filhos, acaricia-os e brinca com eles, tratando-os tão ternamente como se fossem seus; porém logo que a despedis, preparará sua roupa e sairá da casa sem que se recorde de vossos filhos.

Assim deveis ser vós com tudo quanto considerais como vosso. Sois a ama, e se credes em Deus, crede também que todas estas coisas que considerais vossas são realmente Suas.

A maior debilidade se insinua às vezes como o maior bem e força. É um erro pensar que alguém dependa de mim ou que possa fazer o bem a outrem. Esta crença é a causa de nosso apego, e do apego surge a dor. Alimentemos a convicção de que nada depende de nós. Todos somos ajudados pela natureza, e mesmo que faltassem milhões de nós, tudo correria da mesma forma. O curso da natureza não será alterado por vós nem por mim; porém, como já foi dito, é um grande privilégio para vós e para mim que se nos permita ajudar os outros, para nos educarmos a nós mesmos. Esta lição devemos aprender a todo transe, e quando a tivermos aprendido, nunca mais seremos infelizes; poderemos ir a qualquer parte e nos misturarmos na sociedade sem perigo. Podeis ter regimentos de serviçais e ainda reinos para governar, contanto que procedais baseando-vos no princípio de que o mundo não é para vós nem ele vos necessita imprescindivelmente. Por exemplo, morre um vosso amigo; deteve-se por isso o mundo, e espera o regresso de vosso amigo para continuar sua marcha? Não; continua girando. Tirai de vossa mente a idéia de que tendes de fazer algo pelo mundo, pois ele não precisa de vosso auxílio. É uma tolice pensar que se nasceu para ajudar o mundo; há nisso muita vaidade e egoísmo cobrindo-se com a máscara da virtude.

Quando tiverdes compreendido que o mundo não depende de vós nem de ninguém, vossa ação já não produzirá uma reação dolorosa. Quando derdes algo a um homem e não esperardes nada dele, nem mesmo a gratidão, sua ingratidão em nada vos afetará.

O karma é quem regula as ações entre os seres humanos. Ninguém dá nada, senão que os outros nos exigem a propriedade que tinham. depositado em nossas mãos. Por que deveis estar orgulhosos por terdes dado algo? Sois apenas o depositário do dinheiro ou dos bens que vos foram confiados, e o mundo os exige por seu próprio karma. Qual é, pois, a razão de vos orgulhardes? Não há nada de importante no que dais ao mundo. Quando adquirirdes o sentimento do desapego, nada será bom nem mau para vós. Só o egoísmo produz a diferença entre o bem e o mal. É coisa difícil, porém, com o tempo chegareis a compreender que nada no universo tem poder sobre vós, a menos que o permitais. Nada tem poder sobre o Eu do homem, a não ser que o Eu abdique de sua independência. Assim, não vos ligando mas sobrepondo-vos impedis que qualquer poder possa influir sobre vos. É muito fácil dizer que nada vos afeta, porém, qual é o homem a quem nada afeta? A quem a má fortuna não altera o ritmo de seus pensamentos nem modifica seu caráter e costumes?

Houve na Índia m grande sábio chamado Vyasa; foi conhecido como autor dos aforismos vedantinos e como um santo. Seu pai pensou em chegar à perfeição mas fracassou. Seu avo também não conseguiu êxito. Sua bisavó intentou sem o conseguir. Vyasa mesmo não a alcançou de maneira perfeita, porém seu filho Shuka nasceu perfeito. Depois de ensinar-lhe a verdade, Vyasa mandou seu filho à corte do rei Janaka Videka. (Videka significa "sem corpo"). Embora rei, tinha esquecido completamente que era um corpo, pois o sentia o espírito. O rei soube

que o filho de Vyasa estava a caminho para aprender com ele a sabedoria e fez certos preparativos antecipadamente. Quando o menino se apresentou às portas do palácio, os guardas não fizeram caso dele. Unicamente lhe indicaram um assento e aí ele permaneceu três dias e três noites sem que ninguém lhe desse uma palavra. Filho de um grande sábio, seu pai era honrado por todo o país, e ele mesmo era uma pessoa muito respeitável; no entanto, os grosseiros e vulgares guardas do palácio não lhe deram atenção. Em seguida, e de maneira imprevista, os ministros do rei e altos dignitários chegaram-se a ele e o receberam com as maiores honras. O rosto sereno de Shuka não se alterou em nada pelo tratamento que lhe dispensaram; era em meio do luxo o mesmo que quando aguardava à porta. Então foi levado ante o rei. Estava este sentado no trono, e havia música e danças e outras diversões. O rei lhe deu um copo de leite, cheio até a borda, e lhe pediu que desse sete voltas ao redor da sala sem que derramasse uma só gota. O menino pegou o copo e fez o que lhe fora ordenado. Tal como o rei o desejou, sete vezes deu a volta, em meio da música e da atração dos formosos rostos sem derramar uma só gota. A mente do jovem não podia ser distraída por coisa alguma, a menos que ele quisesse. E quando levou o copo ao rei, este lhe disse: *"Só poderia eu repetir-vos o que vosso pai vos ensinou e aprendestes; conheceis a verdade: voltai para casa"*.

Assim, o homem que exerce controle sobre si mesmo não pode ser escravo de nenhuma coisa externa. Sua mente está liberta; unicamente um homem assim está para viver apropriadamente no mundo. Geralmente se encontram nos homens duas opiniões acerca do mundo. Os pessimistas dizem: *"Que horrível é este mundo; que perverso!"* Os otimistas, ao, contrário: *"Quão belo e maravilhoso!"* Para os que não controlam suas mentes, o mundo é mau. Este mesmo mundo será bom para nós, desde que sejamos donos de nossas mentes. Então nada poderá afetar-nos, nem seu mal; acharemos que tudo ocupa seu lugar adequado, que tudo é harmonioso. Alguns que começam por dizer que o mundo é um inferno, terminam por julgá-lo um céu quando conseguem controlar suas mentes. Se somos verdadeiramente karma-yogues e desejamos alcançar o autodomínio, onde quer que comecemos estaremos certos de terminar na perfeita abnegação; e logo que este eu ilusório tenha desaparecido, o mundo, que a princípio nos parecia mau, se transformará no próprio céu. Sua mesma atmosfera será bendita; cada rosto humano nos parecerá bom. Tal é o fim e aspiração do Karma-Yoga e tal sua perfeição na vida prática.

As yogas não se contradizem; cada um deles nos conduz ao mesmo fim e nos torna perfeitos; só que devem ser rigorosamente praticados. Todo o segredo se encontra na prática. Primeiro deveis ouvir, em seguida pensar e depois agir. Isto é certo em Karma-Yoga. Primeiro tendes que compreender o que é; muitas coisas que não compreendeis, se tornarão claras ao escutardes e pensardes nelas freqüentemente.

A explicação de tudo esta finalmente em vós mesmo. Ninguém foi realmente educado por outro; cada qual tem que se educar a si mesmo. O mestre externo só oferece as sugestões que despertem o mestre interno e o ponham em situação de compreender as coisas. Estas então se nos apresentam claras, por nosso próprio poder de percepção e pensamento, e as realizaremos em nossa própria alma; e esta realização, ao desenvolver-se, se converterá num intenso poder de vontade. Primeiro temos o sentimento, depois o querer e por último a vontade (essa tremenda força que correrá em cada veia, nervo e músculo, até que todo o conjunto de vosso corpo se transforme num instrumento de altruísta yoga de ação).

Esta aquisição não depende de nenhum dogma ou crença. Não importa que se seja judeu, cristão ou gentio. Sois altruísta? Esta é a questão. Se o sois, sereis

perfeito sem ler um só livro religioso nem entrar numa só igreja ou templo. Cada uma de nossas yogas está apta a tornar o homem perfeito, mesmo sem auxílio dos outros, porque todos chegam ao mesmo fim. As yogas da ação, sabedoria e devoção podem servir como meios diretos e independentes para a aquisição de "moksha" (8). *"Só os néscios dizem que o trabalho e a filosofia são diferentes"*. Para os sábios, ainda que pareçam diferentes, ambos conduzem à meta da perfeição humana.

(8) Liberdade, libertação; corresponde à salvação eterna do Cristianismo.

## Capítulo 7 – Liberdade

Além do significado de atuar, dissemos que, psicologicamente considerada, a palavra karma quer dizer causação. Qualquer trabalho, ação ou pensamento que produza um efeito, chama-se karma. Assim, "lei de karma" significa "lei de causa e efeito". Onde quer que exista uma causa, produz-se um efeito; esta necessidade não pode ser evitada, e é, segundo nossa filosofia, uma lei que se cumpre em todo o universo, enquanto de um modo é o resultado de uma ação passada, de outro modo se converte em causa de seu próprio efeito. É necessário, além disso, considerar o que significa a palavra lei. Por lei entendemos a tendência de repetir uma série de fenômenos. Quando vemos um fato seguido de outro ou que transcorre simultaneamente, esperamos que esta seqüência ou coexistência torne a ocorrer. Os antigos lógicos e filósofos da escola nyóya denominavam esta lei de vyápti. Segundo eles, nosso conceito de lei se deve à associação. Uma série de fenômenos está em nossa mente, associada a certas coisas, segundo uma ordem invariável; desta forma, qualquer coisa que percebemos num dado momento é imediatamente transferida a outros fatos de nossa mente. Toda idéia, ou, segundo nossa psicologia, cada vibração produzida na substância mental chitta, deve dar nascimento a vibrações semelhantes. Esta é a idéia psicológica da associação e o motivo é apenas um aspecto deste princípio. A associação se chama vyápti. No mundo externo a idéia de lei é igual à do mundo interno: a expectativa de que um fenômeno particular seja seguido por outro e que a série se repita. Portanto, estritamente falando, a lei não existe na natureza. Praticamente é um erro dizer que a gravitação existe na terra ou que há alguma lei que exista objetivamente nalguma parte da natureza.

A lei é o método ou a maneira como nossa mente percebe um série de fenômenos; tudo está na mente. Certos fenômenos que ocorrem sucessiva ou simultaneamente, capacitam nossas mentes a perceber o método da série, e constituem o que chamamos lei.

A imediata questão a considerar é a definição de uma lei universal. Nosso universo e a porção de existência caracterizada pelo que os psicólogos sânscritos chamam desakánimita, ou seja, o que a psicologia européia chama espaço, tempo e causação. O universo é apenas uma parte da existência infinita, posta num molde particular composto de tempo, espaço e causação. Do que se deduz que a lei é semente possível dentro deste universo condicionado, não podendo existir lei alguma fora dele. Quando falamos de universo, entendemos somente a porção de existência limitada por nossa mente; o universo dos sentidos, que podemos ver, sentir, tocar, ouvir, pensar e imaginar. É o único que está sob a lei; além dele a existência não pode estar sujeita à lei, porque a causação não se estende fora do mundo de nossas mentes. Tudo quanto esteja fora do alcance de nossa mente e sentidos, não se acha submetido à lei de causa e efeito, pois não há associação mental de coisas na região inacessível aos sentidos, nem causação sem associação de idéias.

Somente quando "o ser" ou existência está modelado em nome e forma, é que obedece à lei de causação; diz-se, então, que está sob a lei, porque toda lei

tem sua essência na causação. Portanto, não pode existir o livre arbítrio; mesmo estas palavras são uma contradição, porque o que conhecemos é a vontade, e tudo o que conhecemos está dentro do nosso universo, e modelado pelas condições de espaço, tempo e causação. Tudo quanto conhecemos ou podemos conhecer está por força submetido à lei de causação, e por conseqüência não pode ser livre. Agem nele outros agentes, que por sua vez se transformam em causa.

Porém aquilo que se transformou em vontade, será livre quando romper os moldes em que está encerrada: espaço, tempo e causalidade. Provém da liberdade, modela-se na matriz das ligaduras, sai dela e volta de novo à liberdade.

Tem-se procurado saber donde vem e aonde vai este universo; e tem-se respondido que vem da liberdade, sujeita-se à fatalidade e volta de novo à liberdade. Assim, quando dizemos que o homem não é mais que o ser infinito se manifestando, queremos dizer que só uma parte muito pequena dele é em realidade o homem; este corpo e esta mente que percebemos são apenas uma parte do todo, apenas um ponto da existência infinita. O universo é somente uma partícula da infinita existência, e todas nossas leis e limitações, nossas alegrias, nossas felicidades e nossas esperanças, estão dentro dele; todo nosso progresso e nossa decadência se acham nos limites de sua pequena jurisdição. De maneira que vedes quão infantil é esperar uma continuação deste universo (criação de nossa mentes) e aguardar o céu que, depois de tudo, só pode ser uma repetição deste mundo que conhecemos. Como vedes, é um desejo impossível e infantil adaptar a totalidade da existência infinita a esta existência limitada e condicionada que conhecemos.

Quando um homem afirma que terá sempre a mesma coisa que agora possui, ou, como tenho dito algumas vezes, quando ele pede uma religião confortável, podeis estar seguro de que se degenerou tanto que já não é capaz de pensar em algo mais elevado do que o é atualmente. Este homem é tão só o que são suas mesquinhas circunstâncias atuais. Esqueceu sua natureza infinita, e seu pensamento se circunscreve às pequenas alegrias, tristezas e aborrecimentos do momento. Pensa que esta coisa finita é o infinito; e não somente isto, mas não quer abandonar tão ridícula idéia. Aferra-se desesperadamente a trishná, a sêde de viver, que os budistas chamam tanha e trissá. Podem existir milhões de classes de felicidades, de seres, de leis, de progresso e de causação atuando fora deste pequeno universo que conhecemos, pois a totalidade de tudo isto compreende apenas uma seção de nossa natureza.

Para alcançar a liberdade, devemos transcender os limites do nosso universo. O perfeito equilíbrio, ou o que os cristãos chamam a paz, que se encontra além de todo entendimento, não pode ser conquistado neste mundo, nem no céu nem em lugar algum onde nossa mente possa pensar, os sentidos perceber e a imaginação conceber. Nenhum destes lugares pode nos dar a liberdade, porque todos eles estariam dentro de nosso universo e este está limitado pelo tempo, espaço e causação. Podem existir lugares que sejam mais etéreos do que nossa terra, onde os prazeres sejam mais intensos, porém mesmo esses lugares estarão dentro de nosso universo, e portanto, sujeitos à lei; por conseguinte, devemos ir mais além, e a verdadeira religião começa onde termina o nosso universo. As rápidas alegrias e sofrimentos findam onde a realidade começa. Enquanto não abandonarmos a sêde de viver, a atração pela existência transitória e condicionada, não teremos nem sequer a esperança de vislumbrar essa infinita liberdade que existe além do limitado.

É lógico que não existe mais do que uma só maneira de obter esta liberdade (uma das mais nobres aspirações da humanidade) : o desprezo desta pequena vida, deste pequeno universo, desta terra, do céu, do corpo, da mente e de tudo o

que está limitado e condicionado. Se renunciarmos o nosso apego por este pequeno universo dos sentidos e da mente, seremos imediatamente livres. É o único modo de se livrar dos laços e ir além das limitações da lei e da causação.

Todavia, é, sumamente difícil deixarmos de nos aferrar a este universo; muito poucos o conseguem. Nossos livros mencionam um dos modos de obtê-lo. Um é chamado nei, neti (isto não, isto não), e o outro se chama iti (isto); o primeiro é negativo e o segundo positivo. A maneira negativa é a mais difícil e só possível para homens de mentes elevadas e poderosa vontade; desses que se põem de pé e dizem: "Não, não aceito isto", e a mente e o corpo obedecem sua vontade, e surgem vencedores da prova. A maioria da humanidade escolhe o modo positivo, o caminho do mundo, usando de todas as limitações para romper essas mesmas limitações. Esta é também uma maneira de renunciar; só que age de maneira lenta e gradual, conhecendo as coisas, gozando delas e obtendo, desta maneira, experiência, conhecendo a natureza das coisas até que a mente termina por abandoná-las.

O primeiro modo de se desligar é mediante o raciocínio; o segundo, pela experiência. O primeiro é a senda da jnana-yoga e se caracteriza pela negativa de realizar qualquer obra; o segundo é, a karma-yoga, aquela que age sem cessar. Todos devem trabalhar no universo. Só aqueles que estão satisfeitos com o Ser, cujas mentes nunca saem fora do Ser, para quem o Ser é tudo em todos, não trabalham. Os demais devem trabalhar.

Uma corrente que flui por seu impulso próprio cai numa cova e forma um redemoinho, e depois de girar algum tempo volta a seguir seu curso. A vida humana se assemelha a esta corrente. Penetra no redemoinho, gira neste mundo de espaço, tempo e causação exclamando: "meu pai, meu irmão, meu nome, minha fama, etc.", e por fim sai dali e readquire a liberdade original. Conhecendo-a ou não, sejamos ou não conscientes dela, todos trabalhamos para sair do sono do mundo. A experiência do homem é para torná-lo capaz de sair deste torvelinho.

Que é Karma-Yoga? É o conhecimento do segredo da ação. Todo universo trabalha. Para que? Para sua elevação, para sua liberdade. Desde o átomo até o mais elevado dos seres, trabalha para alcançar a liberdade de mente, do corpo e do espírito. Todas as coisas pugnam continuamente por obter a liberdade e fugir da escravidão. O sol, a lua, a terra, os planetas, todos trabalham para se libertarem das limitações. As forças centrífugas e centrípetas da natureza caracterizam o nosso universo. Em vez de sofrermos para chegar a conhecer as coisas como elas são, aprendemos de Karma-Yoga o segredo da ação, o método de trabalhar, a maneira de agir.

Uma soma enorme de energia pode ser gasta em vão, se não soubermos como utilizá-la. Karma-Yoga transforma o trabalho em ciência, e com seu auxílio aprenderemos a utilizar melhor as forças deste mundo.

A ação é inevitável, e assim deve ser; porém devemos atuar com o mais elevado propósito. Karma-Yoga nos ensina que este mundo possui uma existência efêmera, passageira, e que a liberdade não se encontra aqui, porém mais além. Para poder escapar das ligaduras do mundo, devemos viver com cautela. Podem existir pessoas excepcionais, como as que acabo de citar, capazes de se desligarem do mundo, como uma cobra abandona sua pele e separada dela a contempla. Sem dúvida alguma existem esses seres excepcionais, porém o resto da humanidade tem que passar lentamente pelo mundo da ação; karma yoga ensina o processo e o método de realizá-lo com vantagem.

*"Trabalha sem descanso porém abandona tudo aquilo que te ligue ao teu trabalho". Não vos identifiqueis com coisa alguma. Conservai vossa mente livre. As dores e misérias que contemplais são as condições necessárias deste mundo. A pobreza, a riqueza e a felicidade são momentâneas; não pertencem de forma alguma à nossa natureza real. Nossa natureza está muito além do sofrimento e da felicidade, além dos sentidos e além da imaginação.*

No entanto, devemos continuar trabalhando sem descanso. "O sofrimento vem do fato de se ligar à ação". No momento em que nos identificamos com a ação, sentimos-nos infelizes; porém, não nos identificando com ela, evitamos a desgraça.

Se um lindo quadro pertencente a qualquer pessoa fosse posto ao fogo, não nos sentiríamos infelizes, porém, . quando é o nosso próprio quadro que se queima, então nos consideramos infelizes. Por que isto? Os dois quadros são formosos, talvez cópia do mesmo original, porém em um caso se sente muito mais aflição do que no outro. É porque no último caso nos identificamos com o quadro, o que não aconteceu com o primeiro.

O eu e o meu são a causa de toda dor. Com o desejo de posse surge o egoísmo, e com ele a miséria. Cada ato, cada pensamento egoísta, nos liga a alguma coisa, e imediatamente nos convertemos em seus escravos.

Cada ondulação em chitta (9) que diz "eu e meu", liga imediatamente uma cadeia em nós e nos transforma em escravos, e quanto mais dissermos "eu e meu" , mais aumentaremos a escravidão e a aflição.

Portanto, Karma-Yoga nos ensina a desfrutar a beleza de todos os quadros do mundo, porém sem nos identificarmos com nenhum deles. Nunca digais "meu". Quando disserdes esta coisa é minha, o sofrimento surgirá imediatamente. Nem sequer digais mentalmente "filho meu". Possuis um filho, porém não digais "meu". Se o fizerdes, começareis a ser infelizes. Não digais "minha casa" nem "meu corpo". Toda a dificuldade está nisto. O corpo não é vosso, nem meu, nem de ninguém. Os corpos vem e se vão impulsionados por leis naturais, porém nós não somos nada mais do que o testemunho, e como tais, donos de nossa liberdade. Este corpo não é mais independente do que um quadro ou uma parede. Por que havemos de nos ligar a um corpo? Se alguém pinta um quadro, quando o termina segue seu caminho. Não projeteis esse tentáculo de egoísmo: "eu devo possuí-lo". Tão logo o projeteis, começa a desdita.

Assim, karmavoga diz: controlai primeiramente o tentáculo do egoísmo, e quando o tiverdes conseguido, não permitais que a mente se submirja de novo nas ondas do egoísmo. Então podereis enfrentar o mundo e trabalhar tanto quanto puderdes. Freqüentai qualquer companhia, aonde quer que vades, e nunca sereis contaminados pelo mal. A folha de Loto está na água mas esta não pode aderir a ela; assim sereis vós no inundo. Isto se chama vatrageya, ou desapego. Creio que já vos disse que sem desapego não pode haver yoga.

O não ligar-se a coisa alguma é a base de todos as yogas. O homem que renuncia viver numa casa, usar vestimentas ricas ou comer alimentos delicados, e mora no deserto, pode, não obstante, estar muito ligado.

Sua única posse, seu corpo, pode ser tudo para ele, e enquanto viver estará lutando por amor ao seu próprio corpo. O desligar-se não é ação que possamos cumprir com o corpo físico, porém com a mente. A cadeia que nos escraviza ao "eu e ao meu" está na mente. Se nosso corpo e nossos sentidos estiverem desligados, seremos livres em qualquer parte em que nos encontrarmos.

Um homem pode ocupar um trono e estar perfeitamente desligado; outro pode vestir farrapos e no entanto estar ligado. Primeiro deveis alcançar este estado de desapego e em seguida trabalhar incessantemente.

Eis aqui os dois métodos para se desligar de todo laço. O primeiro é para os ateus. Estes estão entregues às suas próprias forças; atuam mediante a sua vontade própria e os poderes de sua mente e discernimento, dizendo: "eu não devo estar ligado".

Para os crentes, existe outro método, muito mais fácil: abandonam os frutos da ação ao Senhor, trabalhando sem ligar-se aos resultados. Qualquer coisa que vejam, sintam, façam ou ouçam, é para Ele, pois nenhuma ação boa que realizarmos merece alcançar benefícios. Pertencem ao Senhor; portanto, os frutos devem ser d' Ele. Permanecemos desligados e não esqueçamos que nada mais somos do que servos que obedecem ao Senhor, nosso Amo, e que os motivos que impulsionam Suas ações nos são desconhecidos.

Tudo o que adorardes, tudo o que fizerdes, cedei-o ao Senhor e ficai em paz. Estejamos em paz conosco mesmos e cedamos ao Senhor nosso corpo, nossa mente e tudo mais como um sacrifício. Em vez do sacrifício de verter oblações no fogo, realizai este grande sacrifício dia e noite: o sacrifício do vosso pequeno eu. "Buscando as riquezas deste mundo, Tu foste a única riqueza que encontrei; eu me sacrifiquei a Ti. Buscando alguém a quem amar, Tu foste o único amado que encontrei; eu me sacrifiquei a "Ti". Repitamos isto dia e noite, e acrescentemos: "nada para mim; não importa se a coisa é boa ou má, ou indiferente, pois tudo sacrifiquei a Ti". Renunciemos dia e noite o nosso eu ilusório até que isto se converta num hábito, até que nos penetre no sangue, nos nervos e no cérebro, até que a todo o momento o corpo obedeça a esta idéia de renúncia do eu. Então, mesmo que vos acheis num campo de batalha, vos sentireis livres e em paz. Karma-Yoga nos ensina que o conceito corrente do dever está em plano inferior; não obstante todos nós devemos cumprir nossos deveres. No entanto, comprovamos que esta concepção do dever é causa freqüente de grandes infelicidades. O dever se transforma em uma enfermidade para nós; empurra-nos continuamente para diante. Apodera-se de nós e faz-nos miseráveis. É o veneno da vida humana. Esta idéia de dever é a canícula de um dia de verão que abrasa o mais íntimo da alma humana. Olhai estes pobres escravos do dever. Não lhes sobra tempo nem para fazerem suas orações, nem para se banharem.

O dever os absorve continuamente. Vão trabalhar e ali o dever os domina. Voltam para casa, e ali pensam no trabalho do dia seguinte. O dever pesa sobre eles. Vivem como escravos, até que por fim caem nas calçadas e morrem ensilhados como se fossem cavalos. É assim que compreendem o dever, quando o único dever é estar-se desligado e agir como se fosse livre, abandonando as obras a Deus.

Todos os nossos deveres Lhe pertencem. Felizes aqueles que recebem Suas ordens. Servimos enquanto nos cumpre servir; se fazemos bem ou mal, a quem interessa? Se fazemos o bem, não colhemos o fruto; se fazemos o mal, ficamos livres de cuidados. Estai tranquilos. Sede livres e trabalhai. Esta classe de liberdade é muito difícil de se obter. Quão fácil é interpretar a escravidão como um dever: a mórbida atração da carne pela carne! Os homens se esforçam por obter aquilo que lhes apetece. Perguntai-lhes por que o fazem, e vos dirão: "é meu dever". Porém mentem, pois em realidade se trata da absurda avidez pelo ouro e pela ganância.

Mas, depois de tudo isto, que é o dever? É o impulso da carne, de nossas ligações, e quando temos um laço estabelecido, chamamo-lo dever. Por exemplo: nos países onde não existe o matrimônio, não há deveres entre marido e mulher; os amantes vivem juntos em virtude de suas ligações, e esta classe de vida familiar chega a estabilizar-se no transcurso de algumas gerações até converter-se em dever. É, por assim dizer, uma espécie de enfermidade crônica. Quando as ligações se tornam crônicas, as batizamos com o pomposo nome de dever. Então lhes oferecemos flores, soam os clarins, recitamos alguns versos dos livros sagrados, e geralmente o mundo continua em suas lutas e os homens se roubam uns aos outros em nome deste dever.

O dever é bom quando ponha cobro à brutalidade. Pode ser benéfico para os homens inferiores, incapazes de ter outros ideais; porém, aqueles que desejam ser karma-yogues devem abandonar semelhante conceito do dever. Não há dever para vós nem para mim. Tudo o que derdes ao mundo, dai-o de coração, mas não como um dever. Nem sequer penseis nisso. Não vos obrigueis. Além disso, por que haveis de vos obrigar? Tudo quanto fizerdes a título de obrigação, servirá para atar-vos. Por que deveis ter deveres? Cedei tudo a Deus. Neste forno ardente onde o fogo do dever queima tudo, bebei vosso copo de néctar e sede feliz.

Nós todos cumprimos a Sua vontade, e nada temos que ver com recompensas nem castigos. Se quiserdes recompensa, obtereis igualmente castigo; a única maneira de se livrar do castigo é abandonar a idéia de felicidade, porque as duas se encontram indissolúvelmente unidas. No verso está a felicidade e no reverso a infelicidade. De um lado, a vida, e do outro, a morte. O único modo de transcender a morte é abandonar o amor pela vida. A vida e a morte são a mesma coisa, observada de pontos de vista diferentes.

De maneira igual, a idéia de felicidade sem desdita ou da vida sem morte é muito boa para os escolares, porém o homem inteligente compreende que se trata de uma simples oposição de termos e renuncia a ambas. Não busqueis louvores nem recompensas por vossas ações. Sempre que praticamos uma boa ação, desejamos que nos agradeçam. No momento em que entregamos algum dinheiro para uma obra de caridade, queremos ver nosso nome inscrito nos jornais. O resultado deste desejo é a desgraça. Os maiores homens do mundo desapareceram no anonimato. Os Buda's e os Cristos que conhecemos são heróis de segunda categoria, comparados com os grandes homens ignorados. Centenas destes heróis anônimos têm vivido em todos os países trabalhando em silêncio. Em silêncio viveram e em silêncio morreram, e com o decorrer do tempo seus pensamentos se manifestaram como Budas ou Cristos, os únicos que chegam a ser conhecidos por nós.

Os homens de valor não buscam renome nem celebridade. Abandonam suas idéias ao mundo; não pedem nada para si, nem estabelecem escolas ou sistemas que adotem o seu nome. Sua natureza se rebela contra estas coisas. São os verdadeiros sátvicos, ou harmoniosos, que não provocam agitação yogues, que habita numa caverna na Índia. Um dos homens mais assombrosos que já vi. Perdeu de tal modo a percepção de sua individualidade, que somente o Divino fala no seu interior. Se um animal lhe morde um braço, lhe oferece imediatamente o outro, pois compreende que é a vontade do Senhor. Tudo o que lhe acontece pertence ao Senhor. Nunca aparece aos homens e no entanto é um repositório de amor e de idéias amáveis.

Seguem depois os homens rajásicos ou ativos, naturezas combativas, que tomam as idéias dos perfeitos e as pregam pelo mundo. A classe mais elevada coleciona silenciosamente as idéias nobres e verdadeiras; e outros os Budas e Cristos - vão de lugar em lugar pregando e trabalhando por elas. Na vida de

Gautama Buda se nos diz que Ele é o vigésimo quinto Buda. Os vinte e quatro Budas anteriores são desconhecidos para a história, conquanto o Buda que conhecemos deva ter edificado sua doutrina sobre as bases estabelecidas por seus antecessores.

Os homens superiores são tranquilos, silenciosos e anônimos. São os homens que conhecem realmente os poderes do pensamento, sabem que mesmo vivendo numa caverna e só tenham cinco pensamentos em toda a sua vida, esses cinco pensamentos viverão por toda a eternidade. Tais pensamentos perfurarão montanhas e cruzarão os oceanos. Entrarão profundamente no coração e no cérebro dos homens, que lhes darão expressão prática em suas ações na vida. Esses homens sátvicos estão demasiado próximos do Senhor para estar ativos e esforçar-se por fazer o bem, como dizem, sobre a terra. Os obreiros ativos, por bons que sejam, têm ainda um fundo de ignorância. Só quando ainda permanecem algumas impurezas em nossa natureza, é que podemos trabalhar. Em presença de uma Providência constantemente vigilante, que não deixa de se aperceber nem da descida de um pardal, como pode o homem atribuir importância alguma ao seu próprio trabalho? Não seria isto blasfemar, sabendo que Ele cuida de tudo neste mundo? A nós só nos cabe prostrarmos reverentemente ante deles, dizendo: "Seja feita a Tua vontade". Os homens superiores não podem trabalhar porque não têm apego. Aqueles cujas almas já penetraram no Ser, cujos desejos estão confinados ao Ser, que já chegaram a uma associação indissolúvel com o Ser, não atuam. Ao agir deste modo, nunca deveríamos pensar que podemos ajudar nem sequer a menor partícula do universo. Não, não o podemos. Só nos ajudamos a nós mesmos. Tal é a atitude correta que deve assumir aquele que atua. Se trabalhamos desta maneira, se temos sempre presente que nossa atual oportunidade de trabalhar é um privilégio que nos foi conferido, nunca ficaremos ligados a coisa alguma.

Milhões de indivíduos como eu se julgam importantes no mundo, porém morremos todos, e ao fim de cinco minutos o mundo já se esqueceu de nós. Porém a vida de Deus é infinita. "Quem pode viver um momento, respirar um momento, se não for pela vontade deste Uno Todo-poderoso?". Ele é a Providência sempre ativa. Todo poder lhe pertence e está dentro de Sua vontade. Por Sua vontade os ventos sopram, o sol brilha, a terra vive e a morte passeia pelo universo. Ele é o Todo e está em tudo. Nós só podemos adorá-lo. Renunciad os frutos da ação, fazei o bem por amor ao bem, e só então chegareis ao perfeito desapego.

Assim se romperão as ligaduras do coração e realizaremos a liberdade perfeita. Esta liberdade é, em verdade, a finalidade de Karma-Yoga.

---

(9) Karma-Yoga dá o método que nos auxiliará a renunciar toda atração, mesmo que em verdade seja muito difícil. *Mente*

## Capítulo 8 - O ideal de Karma-Yoga

A mais admirável idéia da religião vedanta é a de podermos alcançar o mesmo fim por diferentes caminhos. Esses caminhos estão generalizados em quatro: o da ação, o do amor, o da psicologia e o do conhecimento. Mas deveis lembrar-vos ao mesmo tempo de que estas divisões não são muito marcadas nem se excluem umas às outras. Cada uma se mistura com as demais; porém, de acordo com o tipo que prevalece, damos o nome a cada divisão. Não quero com isto dizer que não encontreis um homem que não possua outra faculdade além da de agir, nem homens que sejam somente devotos fervorosos, nem outros que não possuam mais do que simples conhecimento. Estas divisões são feitas de acordo com o tipo ou tendências que parecem prevalecer em cada indivíduo. Já vimos que finalmente estas quatro sendas convergem para um ponto só. Todas as religiões e métodos de ação e adoração nos conduzem a fim idêntico.

Procurarei indicar-vos qual é este fim. É a liberdade tal como a compreendo. Tudo quanto percebemos ao nosso redor está lutando por essa liberdade, desde o átomo ao homem, desde a insensível partícula de matéria isenta de vida até a existência mais elevada da terra, a alma humana. O universo inteiro é, em verdade, o resultado desta luta pela liberdade. Em todas as combinações cada partícula trata de seguir sua trajetória própria, porém as demais as mantêm sujeitas. Nossa terra procura fugir do sol, e a lua da terra. Tudo tende a uma dispersão infinita.

Tudo quanto vemos no universo tem como base esta luta pela liberdade; é impulsionado por esta tendência que o santo ora e o ladrão rouba. Quando a linha de ação não é correta, a chamamos mal, e quando sua manifestação é correta e elevada, a chamamos bem. Mas o impulso é o mesmo: a luta pela liberdade. O santo está oprimido pelo conhecimento de seu cativo e precisa livrar-se dele; por isso adora a Deus. O ladrão crê que não possui certas coisas e trata de desfazer-se desta necessidade, verse livre dela e por isso rouba. A liberdade é o único objetivo da natureza, seja consciente ou inconsciente; e consciente ou inconscientemente, todos lutam para este fim.

A liberdade que o santo busca difere muito da que busca o ladrão. A liberdade amada pelo santo leva-o ao gozo da felicidade infinita e inefável, enquanto que aquela em que o ladrão põe seus amores, forja unicamente novas cadeias para a sua alma.

Em todas as religiões se encontra esta luta pela liberdade. É o fundamento de toda moralidade, do altruísmo, o que significa desvencilhar-se da idéia de que os homens são idênticos aos seus pequeninos corpos. Quando vemos que um homem pratica uma boa ação auxiliando os outros, verificamos que ele não pode estar confinado ao limitado círculo do "eu e meu". Não há limite para este renúnciar do egoísmo.

Todos os grandes sistemas de moral p regam o absoluto altruísmo. Suponde que este absoluto altruísmo fosse alcançado por um homem. Que aconteceria? Já não seria mais o Sr. Fulano de Tal, pois teria alcançado uma expansão infinita. Aquela sua pequena personalidade anterior teria desaparecido para sempre. Ter-se-

ia volvido para o infinito, e a conquista desta expressão infinita é em verdade a meta de todas as religiões e de todos os ensinamentos filosóficos e morais.

O personalista se assusta ante esta concepção filosófica. No entanto, em sua pregação se oculta a mesma idéia. Ele não limita o altruísmo do homem. Supõe que um homem chegasse a ser perfeitamente altruísta sob o sistema personalista, como faríamos para distinguí-lo dos perfeitos de outros sistemas? Aquele chegou a ser uno com o universo, o que é o fim de todos nós; porém o personalista não tem o valor de seguir seu próprio raciocínio até suas últimas conclusões lógicas. Karma-Yoga é a aquisição, mediante o altruísmo, dessa liberdade que constitui a meta de toda natureza humana. Cada ação egoísta retarda nossa chegada à meta, e cada ação altruísta a acelera; por isto a única definição que se pode dar da moral é esta: O egoísta é imoral, e o altruísta moral. No entanto, se entrardes em detalhes, já não nos parecerá tão simples o assunto. Por exemplo: o ambiente faz com que os detalhes variem. Uma ação pode ser altruísta em certas circunstâncias, e egoísta em outras.

Portanto, limitamo-nos a dar uma definição geral, deixando que os detalhes sejam elaborados em relação com as diferenças de tempo e de lugar. O que em um país é moral, é imoral em outro. O fim visado pela natureza é a liberdade, e esta se obtém semente pelo altruísmo; cada pensamento, palavra ou ação isenta de egoísmo nos aproxima da meta, e conseqüentemente, é moral.

Como vedes, esta definição é aceita por todas as religiões e sistemas de moral. Em certas filosofias, a moral tem sua origem num Ser Superior: Deus. Se perguntais porque deve um homem fazer isto em vez daquilo, responder-vos-ão que é o mandato de Deus. Porém, independentemente da origem, seu código de moral se baseia no mesmo princípio: não pensar no eu. Não obstante, pessoas de tão elevado conceito de moral se atemorizam ante a idéia de terem que abandonar ou renunciar suas mesquinhas personalidades.

Ao homem que se aferra à sua insignificante personalidade podemos pedir que considere o caso de uma pessoa perfeitamente altruísta, que não tenha outro pensamento nem preocupação senão os outros, e inteira rejeição do "a si mesmo". Este "a si mesmo" lhe é conhecido só quando pensa, age ou conversa para si mesmo; se sua consciência abarca só o universal, onde está o seu "a si mesmo"? Foi-se para sempre.

Karma-Yoga, portanto, é um sistema de ética e religião destinado a obter a liberdade mediante as boas ações. O karma-yogue não precisa de nenhuma doutrina. Pode ser ateu, pode não se interessar pela sua alma nem o inquietar nenhuma especulação metafísica. Possui sua finalidade, seu modo especial de alcançar o inegoísmo, e deve alcançá-lo por si mesmo. Sua vida tem de ser uma constante realização, porque deve resolver pela ação, sem auxílio de doutrinas nem teorias, o mesmo problema ao qual o jnani aplica a razão e o bhakti o amor.

Surge agora outra pergunta: podemos fazer bem ao mundo? No sentido absoluto, não; em sentido relativo, sim. Não se pode fazer nenhum bem permanente ao mundo; se tal fosse possível, o mundo não seria mundo. Podemos aplacar a fome de uma pessoa durante um tempo mais ou menos prolongado, porém ela voltará a senti-la outra vez. O prazer que podemos oferecer é momentâneo. Ninguém pode curar definitivamente esta febre de prazer e de dor.

Pode alguém conceder ao mundo a eterna felicidade? Para que uma onda se erga à superfície das águas, deve haver uma depressão equivalente. As coisas boas deste mundo estão relacionadas com as necessidades e inveja do homem. Não podem ser aumentadas nem diminuídas. Considerai por um momento a história da

raça humana. Não encontramos as mesmas alegrias e infelicidades, os mesmos prazeres e dores, as mesmas diferenças de classe? Não são uns ricos e outros pobres; estes altos e aqueles baixos; alguns são e outros enfermos? Pois o que acontecia com os egípcios, os gregos e os romanos, acontece hoje com os americanos. A história se repete indefinidamente; no entanto, podemos observar que ao lado dessas incuráveis diferenças de prazer e dor, sempre houve luta por aliviá-las.

Cada período da história contou com milhares de homens e mulheres que se esforçaram por tornar a existência mais agradável para as futuras gerações. Mas em que proporção conseguiram? Só podemos mudar a pelota de um lugar para outro. Deixamos a dor no plano físico e se dirige ao mental. É como na cena do Inferno de Dante, em que aos miseráveis se entrega uma bola de ouro para que façam rolar até o alto de uma montanha. Cada vez que a fazem subir um trecho, a gravitação a faz voltar. Nossas conversas sobre a idade de ouro não são mais do que encantadores contos para crianças. As nações que sonham com a idade de ouro pensam que para o seu povo lhes virá o melhor. Esta é a assombrosa idéia altruísta, da idade de ouro.

Não podemos aumentar a felicidade deste mundo; nem tampouco nos é possível aumentar a dor. A soma de prazer e dor será sempre a mesma. Este fluxo e refluxo de prazer e dor é a própria essência do mundo; sustentar o contrário equivaleria a dizer que pode haver vida sem morte. Algo completamente absurdo, porque a idéia de vida implica necessariamente a de morte, e o prazer deve ter a dor como contraparte.

A lâmpada está ardendo e consumindo-se constantemente, e esta é a sua vida. Se quereis ter vida, deveis morrer constantemente por ela. A vida e a morte são uma e a mesma coisa, contemplada de dois pontos de vista; são a ascensão e descida da mesma onda; em síntese: uma olha a "ascensão" e se faz otimista; outro olha a "descida" e se faz pessimista. Quando uma criança vai à escola e seus pais a cuidam, tudo lhe parece feliz; suas necessidades são simples, e como resultado, é grande otimista. Porém, o ancião, com suas múltiplas experiências, busca mais o repouso. Assim também são as velhas nações, que apresentam sinais de decadência e têm menos esperanças do que as novas. Há um provérbio na Índia que diz: "Mil anos de cidade e mil anos de bosque". Esta mudança em bosque, e vice-versa, ocorre em todas as partes, e torna os povos otimistas ou pessimistas, segundo o ponto de vista que adotem.

A primeira coisa em que devemos pensar é na igualdade. Essas idéias do século de ouro têm dado um forte impulso à ação. Muitas religiões pregam que Deus virá reger este universo e que então as condições serão iguais para todos. As pessoas que pregam estas doutrinas são simples fanáticos, e os fanáticos são, em verdade, os homens mais sinceros. O cristianismo foi pregado sob sugestões desse fanatismo, e assim atraiu os gregos e os romanos escravos. Acreditam estes que sob a religião de um século de ouro, terminaria a escravidão e teriam o suficiente para comer e beber; e portanto, abraçaram a causa cristã. Os que originalmente pregaram a idéia, foram simples fanáticos ignorantes, porém sinceros.

Nos tempos modernos esta aspiração de século de ouro se encerra na fórmula: liberdade, igualdade, fraternidade. Isto também é fanatismo. A verdadeira igualdade jamais existiu nem existirá sobre a terra.

Como podemos ser todos iguais? Esta espécie de igualdade implica a morte total. Qual é a causa do mundo ser como é? O equilíbrio perdido. No estado primitivo, chamado caos, existe perfeito equilíbrio.

Como surgiram as forças criadoras do universo? Pela luta, competição e conflito. Supondo que as partículas da matéria se achassem em equilíbrio, seria possível a criação? A ciência afirma que não. Agitai a água e vereis que cada uma de suas partículas voltará à quietude, precipitando-se umas contra as outras; e do mesmo modo os fenômenos que constituem o universo (as coisas que ele encerra) lutam por volver ao perfeito equilíbrio. Produz-se uma perturbação, e de novo ocorrem a combinação e a criação. Ao mesmo tempo, as forças que lutam pela igualdade são tão necessárias à criação como as que a destróem.

A igualdade absoluta, isto é, o perfeito equilíbrio das forças em luta em todos os planos, não é possível em nosso mundo. Antes de alcançar esse estado, o mundo será inadequado para qualquer espécie de vida.

Vemos então que o século de ouro e a igualdade são impossíveis, e se quiséssemos levá-los à prática, nos conduziriam à destruição. Que é que constitui a desigualdade entre os homens? Principalmente a diferença de cérebros. Ninguém, a não ser um desequilibrado, diria hoje que nascemos com a mesma capacidade cerebral.

Chegamos ao mundo com faculdades determinadas, impossíveis de alterar. Os índios americanos habitavam esta região há milhares de anos, porém chegaram vossos antepassados e desde então mudou o aspecto da região. Por que não fizeram os índios melhoramentos nem construíram cidades, se somos todos iguais? Com os vossos antepassados apareceu uma classe diferente de poder cerebral.

A absoluta igualdade é morte. Enquanto durar este mundo, existirá a diferenciação, e a idade de ouro da igualdade perfeita chegará só quando chegar a seu termo um ciclo de criação. Antes, essa igualdade não poderá existir. No entanto, esta idéia de realizar o século de ouro é um estímulo de grande poder. Assim como a desigualdade é necessária para a criação, também o é a luta para limitá-la. Se não houvesse luta para sermos livres e voltarmos a Deus, não haveria criação. É a diferença entre essas duas forças que determina os motivos para atuar, alguns tendentes às limitações e outros à liberdade.

Este mundo, semelhante a duas rodas que giram uma dentro da outra e em sentido oposto, constitui um mecanismo terrível; se nos descuidarmos, pode prender nossa mão e arrastar-nos. Todos cremos que uma vez cumprido o dever imediato, descansaremos; porém, mesmo antes de havê-lo terminado, outro dever nos espera. Todos nós somos arrastados por esta poderosa e complexa máquina, que é o mundo. Só há dois modos de evitá-la: um é renunciando todo interesse pela máquina, deixando-a funcionar só; noutras palavras, abandonando nossos desejos.

Isto é muito fácil de dizer, porém difícil de fazer. Não sei se entre vinte milhões de homens haverá um que seja capaz de fazê-lo. O outro modo consiste em submergirmos no mundo e aprender o segredo do trabalho. Não fujais da engrenagem do mundo; ao contrário, permanecei nele e aprendei o segredo do trabalho. Mediante o trabalho correto, feito em seu interior, pode-se alcançar a libertação. Atravessando esta maquinaria, chega-se à saída.

Vimos o que é ação: uma parte dos alicerces da natureza, a qual não deixa nunca de agir. Aqueles que crêem em Deus o compreenderão melhor, pois sabem que Deus não necessita de nossa ajuda. Mesmo que este universo não detenha nunca sua marcha, nossa meta é a liberdade, nosso fim o altruísmo, e, de acordo com Karma-Yoga, o fim há de ser conquistado mediante a ação.. Todas as idéias de tornar o mundo feliz podem ser boas como motivos poderosos para os fanáticos;

porém sabemos que o fanatismo produz tanto o mal como o bem. O karma-yogue pergunta a si mesmo por que há de haver outro motivo para agir, além do amor inato pela liberdade. Colocai-vos mais acima dos motivos mundanos. Tendes direito à ação mas não aos frutos.

"O homem pode exercitar-se para conhecer e praticar esta verdade", afirma o karma-yogue. Quando a idéia de fazer o bem faz parte de sua própria existência, já não busca nenhum motivo externo. Façamos o bem só porque é bom fazê-lo; "aquele que realiza boas ações, ainda que seja só para alcançar o céu, prende-se a si mesmo", diz o karma-yogue. Qualquer ação executada com egoísmo, em vez de libertar, forja novas cadeias para nossos pés.

De modo que a única solução consiste em renunciar os frutos da ação, não se ligando a ela. Sabeis que o mundo não somos nós, nem nós o mundo. Somos o Ser eternamente em repouso e em paz. Por que, pois, temos que nos ligar a alguma coisa? É muito bom dizer que deveríamos desligar-nos de tudo, porém, como conseguí-lo? Cada ação boa que praticamos sem esperar recompensa, em vez de forjar novas cadeias, romperá uma das já existentes. Cada bom pensamento que enviemos ao mundo, sem desejar recompensa alguma, será computado pelo karma e romperá um novo elo de nossa cadeia, tornando-nos mais puros. No entanto, isto pode parecer algo quixotesco em vez de prático. Tenho lido muitos argumentos contra o Bhagavad-Gita, e são muitos os que afirmam que os homens não podem agir sem motivos. Eles nunca viram obras altruístas a não ser influenciadas pelo fanatismo, e por isso falam desta forma.

Como conclusão vos direi algumas palavras sobre um homem que praticou os ensinamentos de, Karma-Yoga. Este homem foi Buda, o único que levou estas práticas à sua perfeição máxima. Todos os profetas do mundo, com esta única exceção, podem ser divididos em duas classes: uma, os que afirmam ser encarnações de Deus, e outra, os que dizem ser apenas mensageiros de Deus. Ambas obtêm seu impulso do exterior, por muito espiritual que seja a linguagem que utilizam. Buda foi o único profeta que disse: "Não me preocupo em conhecer vossas diversas teorias acerca de Deus. De que serve discutir sobre as sutis doutrinas da alma? Praticai o bem e ele vos conduzirá à verdadeira liberdade".

Sua conduta estava absolutamente desprovida de móveis pessoais; no entanto, quem o excedeu como trabalhador? Mostrei-me na história um caráter que se tenha elevado a esta altura. A raça humana produziu só um caráter de tão elevada filosofia e de tão vasta compaixão. Este grande filósofo, que pregou a mais elevada doutrina, tinha, no entanto, a mais profunda compaixão pelos animais, sem que jamais se atribuísse mérito algum por isso. Foi o karma-yogue ideal, agindo em todos os momentos sem motivos pessoais. A história da humanidade o apresenta como o maior entre, os nascidos, a melhor combinação de coração e cérebro que já existiu, a alma maior e mais poderosa que se manifestou.

É o primeiro dos reformadores que o mundo conheceu. Foi o primeiro que se atreveu a dizer: "Crede, porém não porque isto seja costume em vosso país; discerni e analisai tudo, e depois disto, se virdes que fará bem aos outros e a todos, crede, vivei e praticai; e depois fazei que outros o vivam". Age melhor quem não busca dinheiro, nem fama, nem coisa alguma. Quando um homem realizar isto, será um Buda, e surgirá dele tal força de ação que transformará o mundo. Um homem assim representa o mais elevado ideal de Karma-Yoga.

# Jñana Yoga

## **PREFÁCIO**

**Auto-realização através do conhecimento (Jñana-Yoga)**

**Primeira parte**

**Segunda parte**

**Terceira parte**

**Quarta parte**

**Swami Vivekananda**

# PREFÁCIO

O Hinduísmo, que é a religião mais completa do mundo, pela universalidade de sua estrutura ético-filosófica e amplitude de seu estrito de união e tolerância, oferece a seus adeptos quatro caminhos (Margas) fundamentais de libertação individual, mais conhecida entre os cristãos como salvação. São denominados Karma-marga, a caminho da ação ou das obras; Jnana-marga, o caminho do conhecimento; Bhakfi-marga, o caminho da devoção ou amor a Deus, e Dhyana-marga, o caminho da meditação, Marga também se aplica como sinônimo de Yoga, termo mais em voga no Ocidente, e mais generalizado na Índia para designar uma de suas seis escolas filosófica **(4)** fundada pelo famoso **Rishi Patanjali**.

Uma das características notáveis do Hinduísmo, e que geralmente se considera uma das principais responsáveis pela longa sobrevivência dessa religião milenar, é a ampla liberdade intelectual que outorga a seus adeptos em matéria de crença ou mesmo descrença numa Divindade Suprema, que todavia ali se considera imanente em toda a natureza. Nessa conformidade, o hinduísta tem plena liberdade de pensar, contanto que sua conduta seja ortodoxamente hinduísta em seus princípios fundamentais. Daí suas seis escolas filosóficas, das quais três baseadas no Espírito e três na Matéria, porém todas visando o aperfeiçoamento individual através da auto-realização. Daí os seus quatro Margas ou métodos individuais de auto-aperfeiçoamento. Daí também o seu sistema de castas, hoje anacrônico e quase obsoleto ali, porém que em passado remoto teve sua motivação, para efeito de educação, preparação e integração social. São as castas dos **Brâmanes**, os sacerdotes e instrutores; dos **Kshatriyas**, os militares e estadistas; os **Vaishyas**, os comerciantes e agricultores; e os **Rudras**, os servidores ou artesãos. Essa divisão ainda hoje subsiste em todo o mundo e em toda a sociedade, porém sem a rigidez de outrora. Swami Vivekananda, brilhante expoente da escola **filosófica Vedanta**, uma das seis e a mais elevada do sistema hindu, é um magnífico expositor da cultura hinduísta. E sabe fazê-lo com extraordinária maestria de quem vive e domina perfeitamente o assunto, e num estilo elegante, claro e enriquecido de ilustrações com exemplos os mais oportunos e sugestivos. Nesta obra ele expõe sinteticamente esses famosos quatro caminhos ou métodos de auto-aperfeiçoamento, numa linguagem ao alcance de todos, de sorte que todos possam estudá-los, e uns poucos, os mais práticos ou decididos, possam experimentá-los e adotar aquele que melhor lhes convenha, consoante sua natureza e tempo disponível.

Por certo os métodos não são iguais entre si, pois visam sobretudo a natureza do indivíduo, e suas necessidades e possibilidades. Os métodos do conhecimento e domínio da mente exigem mais estudos e meditação, ao passo que os métodos do serviço altruísta e amor a Deus requerem mais prática do que teoria. Os exercícios específicos de cada um deles variam, porém é a mesma a finalidade de todos eles: levar o estudante e o praticante a um estado de libertação que se lhe traduz em paz e felicidade como também o preparam e fortalecem para enfrentar os momentos mais cruciais de sua vida. Um ponto, porém, o autor procura tornar bem claro: é que se os métodos diferem, não divergem entre si, mas, antes, completam-se e auxiliam-se em alguns pontos e circunstâncias da vida. E isso é muito lógico, pois não pode haver teoria eficaz sem a colaboração e comprovação da prática, nem prática inteligente se divorciada de estudos o

meditação. Há, portanto, uma mútua interdependência, e se houver uma conjugação da teoria com a prática, os meios se tornarão mais fáceis e os resultados mais rápidos e seguros.

Tal é o escopo desta síntese, que é um real compêndio de auto-realização místico-filosófica posto a serviço dos que aspiram aprofundar a solução de seus problemas internos, e assim experimentar e estabelecer em si aquela "paz que ultrapassa o entendimento", de que tanto nos têm falado os místicos e yogues.

# Auto-realização através do conhecimento (Jñana-Yoga)

*Primeiro, a meditação deve ser de natureza negativa. Pensai em tudo e analisai tudo quanto vier à mente pela pura ação da vontade. A seguir, analisai o que realmente somos - Existência, Conhecimento, e Bem-aventurança - Ser, Saber e Amar. A meditação é o meio de unificação do sujeito com o objeto. Meditai: Acima está cheio de mim, abaixo está cheio de mim, no meio está cheio de mim. Eu estou em todos os seres, todos os seres estão em mim Om Tat Sat, Eu sou Isso. Eu sou a existência acima da mente Sou uno com o Espírito do Universo. Não sou prazer nem dor. O corpo bebe, come, e tudo o mais, Eu não sou o corpo. Não sou a mente. Sou Ele. Eu sou a testemunha. Eu olho. Quando vem a saúde eu sou a testemunha. Quando vem a doença eu sou a testemunha. Eu sou Existência, Conhecimento, Bem-aventurança. Eu sou a essência e o néctar do conhecimento. Através da eternidade eu não me modifico. Sou calmo, resplandecente, imutável.*

\* \* \*

# Primeira parte

Assim, o homem, depois de suas buscas vãs de vários deuses, completa o ciclo e descobre que ,o Deus imaginado por ele como sentado no céu, governando o mundo, é seu próprio Eu. Nenhum outro, a não ser o Eu, era Deus, e o Pequeno "eu" jamais existiu. Desde os tempos mais recuados houve várias seitas espalhas pela Índia, e, como nunca existiu uma igreja formulada ou reconhecida, ou corporação de homens para designar em cada escola doutrinas sobre o que se deveria acreditar, as pessoas tinham liberdade de escolher suas próprias fórmulas, fazer sua própria filosofia e estabelecer suas próprias seitas.

**A primeira escola de que vos falarei é chamada escola dualística.** Os dualistas acreditam que Deus, Criador e Governador do universo, está eternamente separado da natureza, eternamente separado da alma humana. Deus é eterno, a natureza é eterna, e eternas são todas as almas. A natureza e as almas manifestam-se e mudam, mas Deus permanece o mesmo. Segundo os dualistas, Deus é pessoal, pelo fato de ter qualidades, não por ter um corpo. Tem atributos humanos. É misericordioso, justo, poderoso, onipotente; podemos nos aproximar d'Ele, orar para Ele, amá-Lo. Ele retribui o amor, e assim por diante.

Numa palavra, é um Deus humano, apenas infinitamente maior do que o homem, sem qualquer dos defeitos que o homem tem. Não pode criar sem materiais, e a natureza é o material do qual Ele se serve para criar todo o universo.

A vasta massa do povo da Índia é dualista. Todas as religiões da Europa e da Ásia Ocidental são dualistas: têm de ser dualistas. O homem comum não pode pensar em coisa alguma que não seja concreta. Gosta, naturalmente, de agarrar-se ao que o seu intelecto apreende. Essa é a religião das massas, em todo o mundo. Acreditam num Deus inteiramente separado delas, um grande rei, um poderoso monarca, por assim dizer. Ao mesmo tempo, fazem-no mais puro do que os monarcas de Terra; dão-lhe todas as boas qualidades e removem dele todos os defeitos, como se fosse possível o bem existir sem o mal, ou qualquer concepção de luz sem a concepção das trevas!

Eis a primeira dificuldade no que se refere às teorias dualísticas: como é possível que sob a direção de um Deus justo e misericordioso haja tantos males no mundo? Essa pergunta se ergue em todas as religiões dualísticas, mas os hindus jamais inventaram Satã para dar uma resposta a tal indagação. Os hindus concordam em lançar a culpa sobre o homem, e é fácil para eles fazer isso. Por quê? Porque não acreditam que as almas tivessem sido criadas do nada.

Vemos, nesta vida, que podemos modelar e formar nosso futuro. Cada um de nós, todos os dias, está tentando modelar o amanhã. Hoje, fixamos o destino do amanhã; amanhã fixaremos o destino do dia seguinte, e assim por diante. É bastante lógico que esse raciocínio seja empregado também para o tempo pregresso. Se pelas nossas ações modelamos nosso destino no futuro, por que não aplicar a mesma regra ao passado? Se, numa corrente infinita, um certo número de elos são alternadamente repetidos, e se um desses grupos de elos pode ser explicado, poderemos explicar toda a cadeia. Assim, nessa infinita extensão de tempo, se podemos seccionar uma porção dele, e explicá-lo, e compreender essa

porção, podemos, se é verdade ser a natureza uniforme, dar a mesma explicação à toda a corrente de tempo. Se é verdade que estamos trabalhando nosso própria destino, aqui, neste pequeno espaço de tempo, se é verdade que tudo deve ter uma causa, como vemos agora - deve ser verdade, também, que o que somos agora é o efeito de todo o nosso passado. Portanto, não se faz necessário ninguém para modelar o destino da humanidade, a não ser o homem. Os males existentes no mundo são causados somente por nós mesmos. Nós causamos todos esses males, e assim como estamos constantemente vendo o sofrimento como resultante de más ações, podemos ver que nunca da angústia existente no mundo é efeito da maldade passada do homem. Só o homem, portanto, de acordo com esta teoria, é responsável. Deus não deve ser culpado. Ele, o Pai eternamente misericordioso, não deve absolutamente ser culpado. "Colhemos o que semeamos.

**Outra doutrina dos dualistas diz que todas as almas devem, finalmente, alcançar a salvação.** Nenhuma delas ficará do lado de fora. Através de várias vicissitudes, através de vários sofrimentos e prazeres, cada uma delas sairá, por fim. Sairá de quê? A idéia comum é a de que todas as almas têm de sair deste universo. Nem o universo que vemos e sentimos, nem mesmo um universo imaginário, podem ser o certo, o verdadeiro, porque ambos estão mesclados com o bem e o mal. Segundo os dualistas, há, para além deste universo, um lugar cheio de felicidade e de bem, apenas, e quando esse lugar for alcançado, não haverá mais necessidade de nascer e renascer, de viver e morrer, e essa idéia lhes é muito cara. Ali não há mais doenças, não há morte. Existirá uma felicidade eterna, e eles estarão na presença de Deus todo o tempo, e gozarão essa presença para sempre. Acreditam que todos os seres, do verme mais baixo até os mais altos anjos e deuses, atingirão, mais cedo ou mais tarde, o mundo onde não mais haverá sofrimento. Mas nosso mundo jamais terminará. Continuará a existir infinitamente, embora movendo-se em ondas. Embora movendo-se em ciclos, jamais terminará. O número de almas que devem ser salvas, que devem ser aperfeiçoadas, é infinito.

**A verdadeira filosofia Vedanta começa com os que são conhecidos como não-dualistas qualificados.** Declaram eles que o efeito jamais difere da causa; que o efeito é a causa reproduzida sob outra forma. Se o universo é o efeito e Deus é a causa, o universo deve ser o próprio Deus; não pode ser senão isso. Começam eles com a afirmativa de que Deus é, ao mesmo tempo, a causa eficiente do universo e seu Criador, e, ainda, o material do qual se projetou toda a natureza. A palavra "criação" de vossa língua, não tem equivalente em sânscrito, porque não há seita, na Índia, que acredite na criação, tal como ela é vista no Ocidente, isto é, algo que veio do nada. O que entendemos por criação é a projeção do que já existia. Bem: o universo inteiro, de acordo com esta seita, é o próprio Deus. Ele é o material do universo. Lemos nos **Vedas(1)**:

*"Assim como a aranha tece a linha tirada de seu próprio corpo, todo o universo, da mesma maneira, vem daquele Ser".* Se o efeito é a causa reproduzida, a questão é a seguinte: como podemos achar que este universo ininteligente, bronco, material, foi produzido por um Deus que não é material, mas é inteligência eterna? Como, se a causa é pura e perfeita, o efeito pode ser tão diferente? **Que dizem esses não dualistas qualificados?** A teoria deles é muito peculiar. Dizem que os três - Deus, natureza e a alma - são um. Deus é, por assim dizer, a alma, e a natureza, e as almas são o corpo de Deus. Tal como eu tenho um corpo e uma alma, todo o universo e todas as almas são o corpo de Deus, e Deus é a Alma das almas. Assim, Deus é a causa material do universo. O corpo pode ser modificado - pode ser jovem ou velho, forte ou fraco - mas isso em nada afeta a alma. É a mesma existência eterna, manifestando-se através do corpo. Corpos vêm e vão, mas a alma não muda. Mesmo assim o universo inteiro é o corpo de Deus, e nesse sentido é Deus. Mas a mudança do universo não afeta Deus. Desse material

Ele cria o universo, e ao fim de um ciclo Seu corpo se torna mais fino, contrai-se, e no início de outro ciclo torna-se novamente expandido, e dele emanam todos esses mundos diferentes.

Ora, tanto os dualistas como os não-dualistas qualificados, admitem que a alma é, por sua natureza, pura, mas, através de suas próprias ações, torna-se impura. **Os não-dualistas** qualificados expressam isso de uma forma mais bela do que **os dualistas**, dizendo que a pureza e a perfeição da alma se contraem e de novo se manifestam, e que o que estamos tentando fazer agora é a remanifestação da inteligência, da pureza e do poder que são naturais à alma. Cada má ação contrai a natureza da alma, e toda a boa ação a expande. E essas almas são, todas, parte de Deus. *"Assim como do fogo violento voam milhares de faíscas da mesma natureza, desse Ser infinito, de Deus, essas almas vieram."*

Todas têm o mesmo objetivo. O Deus dos não-dualistas; qualificados é também um Deus pessoal, só que interpenetra tudo no universo. É imanente em tudo e está em toda a parte, e quando as Escrituras dizem que Deus é tudo querem dizer que Deus interpenetra tudo, não que Deus se tornou uma parede ou que Deus está na parede. Não há uma partícula, não há um átomo do universo onde Ele não esteja. As almas são limitadas, não têm onipresença. Quando conseguem a expansão de seus poderes e tornam-se perfeitas, não há mais nascimento nem morte para elas, mas vivem em Deus para sempre.

**Chegamos agora ao Advaitismo**, a última e - assim a consideramos - mais bela flor da filosofia e da religião que qualquer país e em qualquer tempo já produziu, quando o pensamento humano atinge sua expressão mais alta, e vai mesmo além do mistério que parece ser impenetrável. É a Vedanta não-dualística. É demasiado complexa, demasiado elevada, para ser religião das massas. Mesmo na Índia, seu berço natal, onde tem governado, suprema, pelos três últimos milênios, não conseguiu permear as massas.

Conforme continuamos, verificaremos o quanto é difícil mesmo para o homem ou a mulher mais considerados de qualquer país o compreender o advaitismo - pois nos fizemos tão fracos, pois nos fizemos tão baixos. Quantas vezes me pediram uma "religião que conforte"! Poucos são os homens que pedem a verdade, menor número ainda ousa estudar a verdade, e ainda mais insignificante é o total dos que ousam segui-la em todas as suas significações práticas. Não é culpa deles. Não passa de fraqueza do cérebro.

Qualquer pensamento novo, especialmente de alta qualidade, cria uma perturbação, tenta fazer um novo canal, por assim dizer, na matéria cerebral, e isso desengonça o sistema, retira aos homens o seu equilíbrio. Estão habituados a certo ambiente e precisam dominar a massa imensa de velhas superstições, superstições ancestrais, superstições de classe, superstições da cidade, superstições do país, e, além de tudo, a vasta massa de superstições inata a todo o ser humano. Ainda assim há algumas almas corajosas neste mundo, que ousam conceber a verdade, que ousam recebê-la, e que ousam segui-la até o fim.

**Que declaram os advaitistas?** O seguinte: Se há um Deus, esse Deus deve ser ao mesmo tempo a causa material e eficiente do universo. Não só é o Criador, mas é também o criado. Ele próprio é este universo. Como pode ser isso? Deus, o puro, o espírito, tornou-se universo? Sim, aparentemente é assim. Aquilo que todas as pessoas ignorantes vêem como universo, não existe, realmente. Que somos, vós e eu, e todas as coisas que vemos? Simples auto-hipnotismo. Não há senão uma Existência, a infinita, a sempre abençoada. Nessa Existência sonhamos todos esses vários sonhos. É o **Atman (2)** para além de tudo, o infinito, para além

do conhecido, para além do conhecível, e através disso vemos o universo. Essa é a única realidade. Ela é esta mesa, é a parede, é tudo, menos o nome e a forma.

Retirai a forma da mesa, retirai-lhe o nome, e o que permanecer será a mesa. O vedantista não diz "ele" ou "ela", pois essas são ilusões, ficções do cérebro humano. Não há sexo na alma. As pessoas que estão sob a ilusão, que se tornaram como que animais, vêem a mulher ou o homem. Deuses vivos não vêem homens nem mulheres. Como podem vê-los, eles que estão para além de tudo que tenha idéia de sexo? Tudo e todos são Atman, o Eu-assexuado, puro, sempre abençoado. O nome, a forma, o corpo, é que são materiais, e fazem toda essa diferença. Se retirardes essas duas diferenças de nome e forma, todo o universo é um. Não há dois, mas um por toda a parte. Vós e eu somos um. Não há natureza, nem Deus, nem universo - apenas uma Existência infinita, da qual, através de nome e de forma, todas essas coisas são manufaturadas.

Como conhecer o Conhecedor? Ele não pode ser conhecido. Como podeis ver vosso próprio Eu? Só podeis refletir vós mesmos. Assim, todo este universo é o reflexo desse ser eterno, o Atman, e como o reflexo sombra sobre bons ou maus refletores, também imagens boas ou más são adicionadas. Assim, no assassino o refletor é mau, e não o Eu. No santo o refletor é puro. O Eu, o Atman, é, por sua própria natureza, puro. É a mesma, a única Existência do universo, que se reflete desde o mais baixo verme até o mais alto e mais perfeito dos seres. O todo deste universo é uma unidade, uma Existência, fisicamente, mentalmente, moralmente, e espiritualmente. Estamos considerando essa Existência única em diferentes formas e criando todas essas imagens sobre Ela. Para o ser que se limitou às condições de homem, Ela aparece como o mundo do homem. Para o ser que está em plano mais alto de existência, Ela pode parecer como o céu. Há apenas uma alma no universo, não duas. Não vem, nem vai. Não nasce, não morre, não se reencarna. Como pode morrer? Para onde pode ir? Todos esses céus, todas essas terras, são vãs imaginações da mente. Não existem, jamais existiram no passado, e jamais existirão no futuro. Eu sou onipresente, eterno. Para onde posso ir? Onde ainda não estou desde já? Estou lendo este livro da natureza. Página por página estou terminando-o, e voltando-as, e um por um os sonhos da vida se vão. Outra página da vida foi voltada, outro sonho da vida chega, e vai, rolando, rolando. E quando eu tiver terminado minha leitura, abandono-a e ponho-me de lado. Atiro fora o livro, e tudo estará terminado.

**Que pregam os advaitistas?** Destronam todos os deuses que já existiram ou existirão no universo, e colocam naquele trono o Eu do homem, o Atman, maior do que o Sol e a Lua, mais alto do que os céus, maior do que este próprio grande universo. Nenhum livro, nem escrituras, nem ciência, podem jamais imaginar a glória do Eu que aparece como homem - o Deus mais glorioso que já existiu, o único Deus que já existiu, existe, ou jamais existirá.

Devo adorar, portanto, apenas o meu Eu. "Eu cultuo o meu Eu" - diz o advaitista. "Diante de quem devo me curvar? Eu saúdo o meu Eu. A quem devo pedir auxílio? Quem pode me ajudar, a mim, o Ser Infinito do universo?" Esses são sonhos alucados, alucinações. Quem jamais ajudou alguém? Ninguém. Onde virdes um homem fraco, um dualista, chorando e gemendo por auxílio vindo de algures, de cima dos céus, é porque ele não sabe que os céus também estão nele. Deseja auxílio dos céus, e o auxílio vem. Vemos que vem, mas vem de dentro dele próprio, e ele se engana supondo que vem de fora. Às vezes, um doente jaz no leito e pode ouvir que batem à porta. Levanta-se, abre, e vê que ali não há ninguém. Volta ao leito e de novo ouve que batem. Levanta-se e abre a porta. Ninguém ali está. Por fim descobre que eram as pancadas de seu próprio coração que lhe pareciam pancadas na porta.

Assim o homem, depois de procurar em vão os vários deuses fora de si próprio, completa o ciclo e volta ao ponto do qual iniciou sua busca - a alma humana. E descobre que aquele Deus procurado sobre montes e vales, que buscava encontrar em cada livro, em cada templo, nas igrejas e nos céus, aquele Deus que ele imaginava sentado no paraíso, a governar o mundo, era seu próprio Eu. Eu sou Ele, e Ele é Eu. Só Eu era Deus e o pequeno "eu" jamais existiu.

Entretanto, como pode iludir-se esse perfeito Deus? Nunca o foi. Como poderia um deus perfeito estar sonhando? Nunca sonhou. A verdade jamais sonha. A própria indagação de onde surgiu essa ilusão é absurda. A ilusão surge apenas da ilusão. Não haverá ilusão desde que a verdade seja vista. A ilusão sempre repousa na ilusão, jamais repousa em Deus, na Verdade, no Atman jamais estais em ilusão, é a ilusão que está em vós, diante de vós. Uma nuvem aqui está. Outra vem, expulsa a primeira e toma o seu lugar. Vem uma terceira, que por sua vez expulsa essa. Assim como diante do céu eternamente azul nuvens de várias tonalidades e colorações surgem, permanecem por um pequeno espaço de tempo, e desaparecem, deixando o mesmo e eterno azul, vós sois, eternamente, puros, perfeitos. Sois os verdadeiros Deuses do universo. Não, não há dois, só há um. É um engano dizer "vós" e "eu". Sou eu quem está comendo através de milhões de bocas. Portanto, como posso ter fome? Sou eu quem trabalha através de um número infinito de mãos. Como posso estar inativo? Sou eu quem vive a vida de todo o universo. Onde está a morte para mim? Eu estou acolá da vida, acolá de toda a morte. Onde procurarei a liberdade, se sou livre por minha natureza? Quem pode constranger-me, a mim, o Deus do universo? As escrituras do mundo não passam de pequenos mapas, desejando delinear a minha glória, pois sou a única existência do universo. Então, que representam esses livros para mim? Assim fala o **advaitista (3)**.

"Conhece a verdade e liberta-te num momento. Toda a treva desaparecerá, então. Quando o homem se tiver visto como um com o Ser infinito do universo, quando toda a separação cessar, quando todos os homens e mulheres, todos os deuses e anjos, todos os animais e plantas, e todo o universo, se tiverem desvanecido nessa Unidade, então o medo desaparecerá. Posso magoarme? Posso matar-me? Posso injuriar-me? A quem posso temer? Podeis temer a vós mesmos? Então, todo o desgosto desaparecerá. Quem me pode causar desgosto? Eu sou a Existência única do universo. Então, todos os ciúmes desaparecerão. De quem terei ciúmes? De mim próprio? Então, todos os maus sentimentos desaparecerão. Contra quem terei maus sentimentos? Contra mim mesmo? Não há ninguém no universo a não ser eu.

**Esse é o único caminho, dizem os vedantistas**, para o conhecimento. Matai as diferenciações, matai essa superstição de que existem muitos. "O que está neste mundo de muitos, vê aquele Único. O que está nesta massa de inconsciência, vê aquele único Ser consciente. Quem está neste mundo de sombras, aprende aquela Realidade - e nela está a paz eterna e em ninguém mais, "em ninguém mais."

**São esses os pontos principais dos três passos que o pensamento religioso hindu tomou em relação a Deus.** Vimos que ele começou com um Deus pessoal, extracósmico. Foi do Deus externo para o Deus imanente no universo. E terminou identificando a própria alma com aquele Deus, e fazendo uma Alma, uma unidade, de todas essas várias manifestações do universo. Esta é a última palavra dos Vedas. O pensamento religioso hindu começa com o dualismo, passa através do não-dualismo qualificado, e termina em perfeito não-dualismo.

Sabemos que poucos neste mundo podem chegar a este último ponto, ou mesmo podem ter a ousadia de acreditar nele. Menor é o número dos que ousam

agir de acordo com ele. Entretanto, sabemos que nele está a explicação para toda a ética, para toda a moralidade, para toda a espiritualidade do universo. Por que dizem todos: "Fazei bem aos outros?" Onde está a explicação? Por que todos os grandes homens pregaram a fraternidade da humanidade, e outros maiores pregaram a fraternidade de todas as vidas?

Porque, fossem ou não fossem conscientes disso, para além de tudo, através de todas as suas irracionais superstições pessoais, estavam fitando diante de si a eterna luz do Eu, negando todas as multiplicidades, e afirmando que todo o universo não passa de Um.

Assim, a última palavra nos deu um universo, que vemos, através dos sentidos, como matéria, através do intelecto como alma, e através do espírito como Deus. Para o homem que se envolve em véus, os véus que o mundo chama perversidade e mal, esse mesmo universo mudará e se transformará num lugar hediondo. Para outro homem, que deseja prazeres, esse mesmo universo se modificará e se tornará um céu. E para o homem perfeito tudo desaparecerá, e se tornará seu próprio Eu. Bem: tal como a sociedade existe no tempo presente, todos esses três estágios são necessários. Uma absolutamente não nega o outro, antes é, simplesmente, a complementação do outro. O advaitista, ou o advaitista qualificado, não diz que esse dualismo é errado: é uma visão certa, mas inferior. Está a caminho da verdade. Portanto, que cada qual tenha sua própria visão deste universo, de acordo com suas próprias idéias. Não injurieis ninguém, não negueis a posição de ninguém. Tomai o homem como ele é, e, se puderdes, dai-lhe mão de auxílio e colocai-o em plataforma mais alta. Mas não o injurieis nem destruíais. Todos chegarão à verdade, com o correr do tempo. "Quando todos os desejos do coração forem dominados, esse mesmo mortal se tornará imortal." Então, o mesmo homem se tornará Deus.

---

**(1) Vedas:** A palavra Veda, derivada da raiz sânscrita *vid*, conhecer, significa "suma do conhecimento" ou, segundo outra etimologia, "o conhecimento que em si mesmo contém a evidência da verdade" isto é, a "revelação". O conjunto dos ensinamentos hinduístas estão nos quatro Vedas principais: o Rig, o Iajur, o Sama, e o Atarva Veda. Não é fácil determinar a antiguidade dessas escrituras, mas é provável que os hinos originais do Rig-Veda remontem a uns dez mil anos antes de Cristo, sendo compilados no ano 4000 da era anterior ao Cristianismo.

**(2) Atman:** Palavra da terminologia sânscrita, Alma Universal, Erférgia divina, que anima o ser do homem como o Sol anima a Terra. O Logos, no qual todas as coisas estão, e todos os seres do universo procedem. Deus onisciente, onipresente e onipotente.

**(3) Advaitista:** Membro da escola filosófica da Índia, derivada de Vedanta e fundada por Sankara. Segundo os advaitistas, os princípios constitutivos do homem são: **1.** rupa, ou corpo físico; **2.** O jiva, prana, ou força vital; **3.** O linga sharíra, ou corpo astral; **4.** "kama rupa, ou alma animal; **5.** O manas, ou alma humana; **6.** "budditi, ou alma espiritual; **.1** Atman, ou espírito.

## Segunda parte

Essa é a única forma de alcançar a meta, dizer a nós próprios e dizer a todos os demais, que somos divinos. E, conforme repetirmos isso, a força virá.

Embora todos os sistemas concordem em que tivemos o império e o perdemos, dão-nos conselhos vários quanto à forma de o reavermos. Um diz que devemos realizar certas cerimônias, pagar certas somas em dinheiro a certos ídolos, comer certa qualidade de comida, viver de maneira especial, e assim reaveremos o império. Outro diz que devemos chorar e nos prostrar e pedir perdão a certo Ser que está para além da natureza, e assim reaveremos o império. E ainda outro diz que se amarmos aquele Ser como todo o nosso coração, reaveremos o império.

Mas o último e o maior conselho diz que não deveis absolutamente chorar. Não precisais realizar todas essas cerimônias nem tomar conhecimento de como reaver o vosso império porque jamais o perdestes. Por que deveríeis procurar o que jamais perdestes? Sois puros desde já, desde já sois livres. Se pensais que sois livres, livres sereis neste momento, e se pensais que estais aprisionados, aprisionados estareis.

Essa é uma declaração muito atrevida. Pode assustar-vos agora, mas quando pensardes nela e a compreenderdes em vossa própria vida, então sabereis que o que eu digo é verdade. Porque, supondo que a liberdade não é a vossa natureza, não há forma alguma de vos tornardes livres. Supondo que sois livres e que de certa forma perdestes essa liberdade, isso mostra que não éreis livres no começo. Se tivésseis sido livres, o que poderia levar-vos a perder essa liberdade? O independente jamais se pode tornar dependente. Se é realmente dependente, sua independência era uma alucinação.

Dos dois lados, qual escolhereis, então? Se dizeis que a alma era por sua natureza pura e livre, segue-se, naturalmente, que nada no universo poderia torná-la aprisionada ou limitada. Mas se havia algo na natureza que podia aprisionar a alma, segue-se, naturalmente, que ela não era livre, e vossa declaração de que ela era livre não passava de uma ilusão. Assim, se nos é possível alcançar a liberdade, a conclusão é inevitável: a alma é livre por sua natureza. Não pode ser de outra maneira.

Liberdade significa independência de tudo quanto é exterior, e significa que nada fora dela própria pode agir sobre ela como causa. A alma é imotivada, e daí seguem todas as grandes idéias que temos. Não podeis estabelecer a imortalidade da alma a não ser que concedais ser ela livre por sua natureza, ou, em outras palavras, que nada pode agir sobre ela, vindo do exterior. Bebo veneno e morro, assim mostrando que meu corpo pode receber a ação de algo externo que se chama veneno. Mas se é verdade que a alma é livre segue-se, naturalmente, que nada pode afetá-la e ela jamais pode morrer. Liberdade, imortalidade, bemaventurança, tudo isso depende de estar a alma para além da lei de causação, para além de **maya (4)**.

Das duas opiniões, qual escolhereis? Ou fazeis da primeira uma ilusão ou fazeis da segunda uma ilusão. Eu farei da segunda, com certeza, uma ilusão. É

mais conforme com todos os meus sentimentos e aspirações. Estou perfeitamente consciente de ser livre por natureza, e não admitirei que esta prisão é verdadeira e minha liberdade uma ilusão.

Tal discussão aparece em todas as filosofias, de uma forma ou de outra. Mesmo nas mais modernas filosofias encontramos essa mesma discussão. Há dois partidos. Um diz que não existe alma, que a idéia da alma é uma ilusão causada pela repetida mudança de partículas de matéria, produzindo a combinação que chamais corpo ou cérebro. Que a impressão de liberdade é o resultado das vibrações, movimentos, e contínuas modificações dessas partículas. Há seitas budistas que mantêm o mesmo ponto de vista e ilustram-no com um exemplo: "se tomardes uma tocha e a fizerdes girar rapidamente, haverá um círculo de luz. Esse círculo realmente não existe, porque a tocha está mudando de lugar a cada momento. Não somos senão feixes de pequenas partículas, que em seu rápido rodopiar produzem a ilusão de uma alma permanente. O outro partido declara que na rápida sucessão dos pensamentos a matéria ocorre como ilusão, e não existe, realmente.

Assim, vemos de um lado a declaração de que o espírito é uma ilusão e do outro afirmativa de que a matéria é uma ilusão. Que lado tomaremos? Evidentemente, tomaremos o espírito e negaremos a matéria. Os argumentos são idênticos para ambos os casos; somente do lado do espírito o argumento é um pouco mais forte. Porque ninguém jamais viu o que é a matéria. Só podemos sentir a nós mesmos, jamais conheci um homem que pudesse sentir a matéria saindo de si próprio. Portanto, o argumento é um pouco mais forte do lado do espírito. Em segundo lugar, a teoria do espírito explica o universo, enquanto o materialismo não o faz. Daí ser ilógica a explicação materialista. Se levardes todas as filosofias à fervura e as analisardes, verificareis que elas ficam reduzidas a uma ou outra dessas duas posições. Portanto, também aqui, sob forma mais intrincada, sob forma mais filosófica, encontramos a mesma questão referente à prisão e à liberdade. Um lado diz que a primeira é uma ilusão, e a outra, que a segunda é uma ilusão. E, naturalmente, ficamos com a segunda, ao acreditarmos que nossa prisão é uma ilusão.

**A solução da Vedanta é que não estamos aprisionados, que já somos livres.** Não apenas isso, mas dizer ou pensar que somos prisioneiros é perigoso: é um erro, um auto-hipnotismo. Assim que dizeis: "Estou aprisionado, "Sou fraco", "Sou. desamparado", desgraça sobre vós! Prendei-vos a mais uma cadeia. Não digais tais coisas, não pensais tais coisas. Eu soube de um homem que vivia numa floresta e costumava repetir, dia e noite: "Shivobam", "Eu sou o Abençoado". Um dia um tigre caiu sobre ele e o arrastou para matá-lo. As pessoas que estavam do outro lado do rio viram aquilo e ouviram a voz, enquanto a voz nele permaneceu, dizendo: "Shivoham", mesmo entre as próprias fauces do tigre. Tem havido homens assim. Tem havido homens que, mesmo no momento em que estão sendo cortados em pedaços, abençoaram seus inimigos. "Eu sou Ele, Eu sou Ele, e assim és tu. Sou puro e perfeito, e assim são todos os meus inimigos. Vós sois Ele, e assim o sou eu." Essa é a posição de força.

Há coisas grandes e maravilhosas nas religiões dos dualistas. Maravilhosa é a idéia do Deus Pessoal, separado da natureza, que adoramos e amamos. Às vezes essa idéia é bem consoladora. Mas, diz o vedantista, esse consolo é algo como o efeito que vem de um opiato, efeito não natural. Ao fim traz fraqueza, e o que este mundo deseja hoje mais do que nunca, é força. A Vedanta diz que a fraqueza é a causa de toda a angústia do mundo. A fraqueza é a causa única do sofrimento. Tornamo-nos sofrendores porque somos fracos. Mentimos, roubamos, matamos, e cometemos outros crimes porque somos fracos.

Onde nada existe para nos enfraquecer, não há morte nem desgosto. Somos infelizes através da ilusão. Abandonemos a ilusão e tudo se desvanecerá. É coisa clara e simples, realmente. Através de todas essas discussões filosóficas e de tremendas ginásticas mentais, chegamos a esta única idéia religiosa, a mais simples em todo o mundo.

Há uma idéia que com freqüência milita contra ela, É a seguinte: está muito bem dizer: "Eu sou Puro, eu sou Abençoado"; mas não posso mostrar sempre isso em minha vida. É verdade. O ideal é sempre muito duro. Toda a criança, ao nascer, vê o céu sobre a sua cabeça, muito longe, mas por isso deveríamos deixar de olhar para o céu? Se não pudermos obter o néctar, resolveríamos a questão bebendo veneno? Será de algum auxílio para nós o fato de, não podendo compreender imediatamente a verdade, entrarmos nas trevas e nos rendermos à fraqueza e à superstição?

Não faço objeções ao dualismo em muitas de suas formas. Gosto da maioria delas, mas faço objeções a todas as formas de ensinamento que inculquem fraqueza. Essa é a única pergunta que faço a cada homem, mulher ou criança que esteja em treinamento físico, mental ou espiritual: "Sois forte? Sentis força?" Porque sei que é só a Verdade que dá a força, sei que só a Verdade dá vida. Nada mais a não ser o caminho para a Realidade nos fará fortes, e ninguém alcançará a Verdade enquanto não for forte. Qualquer sistema que enfraqueça a mente, portanto, que faça a pessoa supersticiosa, apática, desejando toda a sorte de selvagens impossibilidades, mistérios e superstições, não me agrada, pois é perigoso. Tal sistema jamais trará bem algum, pois essas coisas criam morbidez da mente, tornam-na fraca, tão fraca que com o correr do tempo lhe será quase impossível receber a Verdade e viver de acordo com ela.

A força, portanto, é uma coisa imprescindível. Força é o remédio para a doença do mundo. Força é o remédio que o pobre deve ter quando o rico o tiraniza. Força é o remédio que o ignorante deve ter, quando oprimido pelo erudito, e é o remédio que os pecadores devem ter quando tiranizados pelos outros pecadores. E nada dá mais força do que essa idéia do monismo. Nada nos faz mais morais do que essa idéia do monismo. Nada nos faz trabalhar tão bem, da forma melhor e mais alta, do que ter sobre nós toda a responsabilidade.

Eu vos desafio, um a um. Como vos comportaríeis se eu vos pusesse nas mãos um bebezinho? Toda a vossa vida se modificaria no momento, e fósseis o que fósseis, deveríeis tornar-vos destituídos de egoísmo naquele momento. Abandonaríeis todas as idéias criminosas assim que a responsabilidade fosse atirada sobre vós e vosso caráter se modificaria por inteiro. Assim, se toda a responsabilidade fosse atirada sobre nossos ombros, estaríamos a agir em nosso ponto melhor e mais alto. Quando nada temos para procurar às apalpadelas, nem demônio sobre o qual lançar as culpas, nem Deus Pessoal para carregar nossas cargas, quando só nós somos responsáveis, então nos erguemos até o melhor e o mais alto. "Sou responsável pelo meu destino, sou quem traz o bem para mim próprio, sou quem traz o mal para mim próprio. Sou o Puro e o Abençoado."

Esta, diz a Vedanta, é a única prece que deveríamos ter. Este é o único caminho para alcançar a meta, dizer a nós mesmos e dizer a todos os demais, que somos divinos. E conforme formos repetindo isso, a força virá. O que de início vacila irá se tornando cada vez mais forte, nossa voz aumentará de volume, até que a verdade tome posse de nossos corações e corra através de nossas veias, e impregne nossos corpos.

A ilusão se desvanecerá conforme a luz se torne mais e mais fulgurante, carga e mais carga de ignorância desaparecerão, e então chegará o momento em que tudo o mais terá desaparecido, e só ficará o Sol a cintilar.

---

**(4) Maya:** Palavra sânscrita que significa "ilusão". No corpo do presente livro o próprio Vivekananda oferece a definição correta de maya.

## Terceira parte

É necessária alguma prática para alcançar a Unidade? Positivamente, sim. Essa ilusão que diz serdes vós o Sr. ou a Sra. Fulano de Tal pode desaparecer através de outra ilusão, que a prática. O fogo engolirá o fogo, à podeis usar uma ilusão para dominar outra ilusão.

O Eu, o Conhecedor, o Senhor de tudo, o Ser real, é a causa de toda a visão que existe no universo, mas Lhe é impossível ver a si próprio, exceto através de reflexo. Vós não podeis ver vossa própria face a não ser num espelho, e assim o Eu não pode ver Sua própria natureza enquanto ela não for refletida, e todo este universo, é, portanto, o Eu tentando compreender-se. Esse reflexo é reproduzido primeiro do protoplasma depois de plantas e animais, e assim por diante, cada vez de melhores refletores, até que o melhor refletor - o homem perfeito - é alcançado. Tal como um homem que, desejando ver seu próprio rosto, olha primeiro para uma pequena poça de água lodosa, e apenas vê um contorno, depois vai para a água limpa e vê melhor imagem, e a seguir, diante de um pedaço de metal brilhante vê imagem ainda melhor, para, finalmente, colocando-se diante de um espelho, ver-se tal qual é. Portanto, o homem perfeito é o mais alto reflexo desse Ser, que, ao mesmo tempo, é substância e objeto.

Agora, descobrirei por que o homem instintivamente cultua tudo, e por que o homem perfeito é instintivamente cultuado como Deus em cada país. Podeis dizer o que quiserdes, mas são eles que se destinam a ser cultuados. Por isso os homens cultuam Encarnações, tais como o Cristo ou Buda. Elas são as mais perfeitas manifestações do Eu eterno. Estão muito acima de todas as concepções de Deus que vós e eu podemos fazer. Um homem perfeito é muito maior do que essas concepções. Nele, o círculo se completa, e a substância e o objeto fazem-se um. Nele, as ilusões se desvanecem, e em lugar delas vem a compreensão de que sempre foi aquele Ser perfeito.

Certa vez eu viajava pelo deserto, na Índia. Viajei por mais de um mês, sempre encontrando as mais belas paisagens diante de mim, bonitos lagos, e tudo o mais. Um dia, tendo muita sede, desejei beber a água de um daqueles lagos, mas quando me aproximei, o lago desapareceu. Imediatamente, como uma pancada, veio-me ao cérebro a idéia de que aquilo era a miragem, sobre a qual eu tinha lido toda a minha vida. Então, recordei-me, e sorri da minha loucura: durante o mês que se escoara, todas as belas paisagens e lagos que eu estivera vendo tinham sido miragens, mas eu não sabia distingui-las. Na manhã seguinte eu estava novamente a caminho. Lá estavam o lago e a paisagem, mas com eles me veio imediatamente a idéia: "Isto é miragem". Uma vez conhecida, ela perdera seu poder de me iludir.

Assim, essa ilusão do universo um dia se desvanecerá. Todo ele se desvanecerá, se esfumará. Isso é compreensão. A filosofia não é gracejo ou conversa. Tem de ser compreendida. Este corpo se desvanecerá, esta terra, e tudo com ela, se desvanecerá, esta idéia de que eu sou o corpo ou a mente em algum

tempo se desvanecerá. Se **okarma (5)** terminar, isso desaparecerá, para nunca mais voltar, mas se parte do karma permanecer, o corpo, mesmo depois da ilusão se ter desvanecido, continuará a funcionar durante algum tempo - como o torno do oleiro, que se conserva rodando pelo seu próprio movimento, mesmo depois que a vasilha foi torneada. De novo este mundo virá, homens, mulheres e animais virão, tal como a miragem se repete no dia seguinte, mas não com a mesma força. Com eles virá a idéia de que agora eu conheço a sua natureza, e eles não mais me aprisionarão, não mais produzirão dor, aflição ou angústia. Ao sobrevir qualquer coisa angustiosa, a mente poderá dizer: "Sei que isto é uma alucinação".

Quando um homem alcança esse estado, chamam-no **jivanka**, "*o que vive livre*", livre mesmo enquanto vive. A meta e o fim nesta vida, para os **jnane-yogues**, é tornar-se um **jivan-mukia**, "*o que vive livre*". É **jivanmukta** o que vive neste mundo sem estar a ele apegado como as folhas do Iótus sobre a água, que jamais se chegam a molhar. É a forma mais alta dos seres humanos, o mais alto de todos os seres, pois compreendeu sua identificação com o Absoluto, compreendeu que é um com Deus.

Que acontecerá ao mundo, então? Que bem faremos ao mundo? Tais perguntas não surgem. "Que se tornará meu bolo de gengibre, quando eu ficar velho?" diz o pequenino. "Que será de minhas bonecas quando eu ficar velha?" - diz a criança. "Que será de minhas bolinhas de gude quando eu ficar velho?" - diz o menino. A pergunta é a mesma com relação a este mundo. Ele não tem existência no passado, no presente ou no futuro. Se tivéssemos conhecido o Atman como é, se tivéssemos sabido que nada existe a não ser o Atman, que tudo o mais não passa de um sonho, sem existência na realidade, então este mundo, com suas pobreza, suas angústias, suas perversidades e suas bondades, cessaria de nos perturbar. Se tais coisas não existem, por quem e por que teremos transtornos? Isto é o que **jnane-yogue** ensina.

Antes de entrar na parte prática, cuidaremos de mais uma questão intelectual. Até aqui a lógica tem sido tremendamente rigorosa. Se o homem raciocina, não há lugar onde possa ficar até que chegue a isto: que há somente uma Existência, que tudo o mais nada é. Não há outro ponto de vista para a humanidade racional a não ser esse. Mas como se explica que o que é infinito, sempre perfeito, sempre abençoado, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, viesse a ficar sob tais ilusões? É a mesma pergunta que tem sido feita em todo o recanto do mundo. Na forma vulgar a questão é assim proposta: "Como veio ter ao mundo o pecado?" Essa é a forma mais vulgar e sensória da pergunta, e a outra é a forma mais filosófica: mas a pergunta é a mesma. A mesma pergunta tem sido feita em vários graus e maneiras, mas em suas formas inferiores não encontra solução, porque as histórias de maçãs, serpentes e mulheres não fornecem uma explicação. Nesses estágios a pergunta é infantil, e infantil é a resposta.

Mas a pergunta assumiu uma alta forma filosófica: "Como surgiu essa ilusão?" E a resposta é igualmente alta. A resposta é que não podemos esperar resposta alguma a uma pergunta impossível. A própria pergunta é autocontraditória. Não tendes o direito de fazer essa pergunta. Por que? Que é a perfeição? O que está para além do tempo, do espaço, da causalidade. Isso é perfeito. Então perguntais como o perfeito se tornou imperfeito. Na linguagem lógica, a pergunta pode ser colocada nos seguintes termos: "Como aconteceu que o que está para além da causalidade se tornou causado?" Vós vos contradizeis. Primeiro admitis que isso está para além da causalidade e depois indagais o que causa isso. Essa pergunta só pode ser respondida dentro dos limites da causalidade. É pergunta que pode ser feita até onde o tempo, o espaço e a causalidade se estendam. Mas, para além disso, seria tolice formulá-la, porque a

pergunta seria ilógica. Dentro do tempo, do espaço e da causalidade, ela jamais pode ser respondida, e que resposta pode existir para além desses limites só pode ser sabido quando os transcendemos. Portanto, o prudente será deixar a pergunta em paz. Quando um homem está doente, a gente se dedica a curar-lhe a doença, sem insistir em que primeiro deve aprender como lhe aconteceu apanhá-la.

Há outra resposta que não fica assim em plano filosófico tão alto. Pode qualquer realidade produzir ilusão? Certamente não. Vemos que uma ilusão produz outra, e assim por diante. É sempre a ilusão que produz ilusão. É a doença que produz doença e não a saúde que produz doença. A onda é a mesma coisa que a água; o efeito é a causa sob outra forma. O efeito é ilusão, portanto, a causa deve ser ilusão. Que produziu essa ilusão? Outra ilusão. E assim vai, sem princípio. A única pergunta que vos resta fazer, é: "Não rompe nosso monismo o fato de termos duas existências no universo - uma o Eu, e a outra a ilusão?" A resposta é: "A ilusão não pode ser chamada uma existência. Milhares de sonhos entram em vossa vida, mas não formam qualquer parte de vossa vida. Os sonhos vêm e vão: não têm existência. Chamar existência à ilusão seria sofisma. Há, portanto, apenas uma Existência indivisível no universo, sempre livre e sempre abençoada, e é isso que sois". É essa a última conclusão a que chegaram os advaitistas. Podeis, então, indagar: "Que será de todas essas formas de culto?" Permanecerão. Estão apenas tateando nas trevas, em busca de luz, e através desse tateamento a luz virá.

Acabamos de ver que o Eu não pode ver a si próprio. Nosso conhecimento está dentro de uma teia de maya, de irreabilidade, e além disso fica a libertação. Dentro da teia há escravidão e tudo está sob a lei. Para além não há lei. No que se refere ao universo, a existência é governada pela lei, e para além dele fica a liberdade. Enquanto estiverdes na teia do tempo, do espaço, da causalidade, dizer que sois livres é tolice, porque essa teia está sob lei rigorosa. Todos os pensamentos que tendes são causados, todos os sentimentos são causados, e dizer que a vontade é livre não passa de mera tolice. Só quando a Existência infinita vem, por assim dizer, para essa teia de maya, é que ela toma a forma de vontade. Vontade é uma porção daquele Ser, apanhada nas teias da maya; portanto, a vontade é um nome falso, uma denominação imprópria. Nada significa - simples tolice. Assim é todo esse falatório com respeito a liberdade. Não há liberdade em maya. Não há liberdade enquanto não fordes além de maya. Essa é a verdadeira liberdade da alma.

Os homens, por muito agudos e intelectuais que sejam, por mais claramente que vejam a força da lógica que diz nada poder ser livre aqui, sentem-se todos compelidos a pensar que são livres. Não o podem evitar. Não há trabalho que se possa realizar enquanto não começarmos a ver que somos livres. Isso significa que a liberdade de que falamos é um relance do céu azul para além das nuvens, e que a verdadeira liberdade - o próprio céu azul - está acolá. A verdadeira liberdade não pode existir em meio desta ilusão, desta alucinação, desta tolice do mundo, deste universo dos sentidos, do corpo e da mente. Todos esses sonhos sem princípio nem fim, descontrolados e incontroláveis, desajustados, rompidos, dissonantes, formam nossa idéia deste universo. Num sonho, quando vedes um gigante com vinte cabeças vos perseguindo, e estais fugindo dele, não achais que aquilo seja dissonante, achais que é apropriado e direito. Assim é esta lei. Tudo quanto chamais lei é uma simples oportunidade sem significação. Neste sonho em que estais, chamais a isso lei. Dentro de maya, enquanto existir essa lei de tempo, espaço e causalidade, não haverá liberdade, e todas essas várias formas de culto estão dentro dessa maya. A idéia de Deus e as idéias do bruto e do homem estão dentro dessa maya, e, como tais, são igualmente alucinações. Todas elas são sonhos.

Mas deveis ter o cuidado de não argumentar tal qual alguns homens extraordinários de que ouvimos falar no tempo presente. Dizem que a idéia de Deus é ilusão porém que a idéia deste mundo é verdadeira. Ambas as idéias resistem ou tombam pela mesma lógica. Só ele tem o direito de ser um ateu que nega este mundo, tanto quanto o outro. O mesmo argumento aplica-se a ambos. A mesma massa de ilusão estende-se de Deus até o animal mais insignificante, de um fio de capim ao Criador. Resistem ou caem pela mesma lógica. A mesma pessoa que vê falsidade na idéia de Deus deve vê-la também na idéia de seu próprio corpo e sua própria mente. Quando Deus se desvanece, então se desvanecem também o corpo e a mente, e quando ambos se desvanecem, o que é a Existência real permanece para sempre. "Ali os olhos não podem ir, nem a fala, nem a mente. Não podemos vê-la, nem conhecê-la." E compreendemos agora que até onde podem ir a fala, o pensamento, o conhecimento e o intelecto, tudo fica dentro de maya, dentro da prisão. Para além dela está a Realidade. Ali não chegam a mente, e a fala. Até aqui isso está certo, intelectualmente, mas é preciso que venha a prática. É necessária alguma prática para compreender essa Unidade? Positivamente, sim. Não quer dizer que ireis tornar-vos aquele brâmane, já o sois. Não quer dizer que ides tornar-vos Deus ou ser perfeito: já sois perfeitos, e sempre que Pensais não o ser será uma ilusão. Essa ilusão que diz serdes vós o Sr. ou a Sra. Fulano de Tal pode desaparecer através de outra ilusão. O fogo engolirá o fogo, e podeis usar uma ilusão para dominar outra ilusão. Uma nuvem virá e afastará para longe outra nuvem, e depois ambas irão embora.

Que são essas práticas, então? Devemos sempre ter em mente que não iremos ser livres, mas já somos livres. Toda a idéia de que somos prisioneiros é ilusão. Toda a idéia de que somos felizes ou infelizes é uma tremenda ilusão, e outra ilusão virá, a que temos de trabalhar e cultivar e lutar, para sermos livres. Esta expulsará a primeira ilusão, depois ambas terão terminado.

A raposa é considerada muito ímpia pelos maometanos e hindus. Também, se um cão toca em qualquer pedaço de alimento, este deve ser atirado fora e não pode ser comido por nenhum ser humano. Numa certa casa maometana, uma raposa entrou apanhou um, bocadinho do alimento que estava sobre a mesa, comeu-o e fugiu. O homem era pobre e tinha preparado um banquete muito bom para si próprio, e o banquete se tornara ímpio e ele não poderia comê-lo. Assim, foi ter com um muilab, um sacerdote, e disse-lhe:

- Aconteceu-me o seguinte: uma raposa entrou e apanhou um bocado da minha comida. Que posso fazer? Eu tinha preparado um banquete e desejava muito comê-lo, e agora vem essa raposa e destrói tudo!"

O mullah pensou por um minuto e então encontrou a única solução, dizendo: "A única maneira é arranjar um cão e fazê-lo comer um bocado do mesmo prato, porque cães e raposas estão sempre em disputa. A comida que foi deixada pela raposa irá ter ao teu estômago, e também a que for deixada pelo cão, pois cada impureza anulará ,a outra".

Estamos mais ou menos na mesma situação. Dizer que somos imperfeitos é uma alucinação, e tomaremos outra, que diz termos de praticar para nos tornarmos perfeitos. Então uma anulará a outra, como podemos usar um espinho para extrair outro e depois atirar ambos fora. Há pessoas para as quais é suficiente como conhecimento o fato de ouvirem: "Tu és isto". Num relance este universo desaparece e a natureza real resplandece. Mas outras têm de lutar duramente para se livrarem da idéia de aprisionamento.

A primeira pergunta é: "*Quem está em condições de ser **jnana-yogue**?*" Os que estão equipados com estes requisitos:

**Primeiro, renúncia a todos os frutos do trabalho e a todos os gozos desta ou de outra vida.** Se sois o Criador do universo, tereis o que desejardes, porque criareis para vós mesmos o que desejardes, é apenas uma questão de tempo. Alguns conseguem imediatamente, outros têm os **samskaras**, impressões passadas, a erguerem-se no caminho de seus desejos. Damos o primeiro lugar ao desejo de prazeres, nesta ou em outra vida. Negais que exista uma vida qualquer, porque a vida é apenas o outro nome da morte. Negais que sois um ser vivo. Quem se importa com a vida? A vida é uma dessas alucinações, e a morte é a sua réplica. A alegria é uma parte dessas alucinações, e a angústia outra parte, e assim por diante. Que tendes vós com a vida ou com a morte? Tudo isso não passa de criações da mente. A isso se chama abandonar os desejos de prazeres, nesta ou em outra vida.

**Depois vem o controle da mente**, acalmando-a de tal maneira que ela não se desfaça em ondas e tenha toda a sorte de desejos. Manter a mente firme, sem permitir que ela vacile através de causas externas ou internas, controlar a mente perfeitamente, apenas pelo poder da vontade. O jnane-yogue não recebe qualquer auxílio interno ou externo. Os instrumentos em que acredita são o raciocínio filosófico, o conhecimento, e sua própria vontade.

**Depois vem titiksha, paciência**, suportando todas as angústias sem murmurar, sem se queixar. Quando um agravo vier, não se importar; se um tigre avançar, ficar ali. Há homens que praticam titiksha e têm sucesso. Há homens que dormem nas margens do Ganges em pleno verão da Índia e no inverno bóiam sobre as águas do Ganges o dia inteiro: não se importam. Homens sentam-se na neve dos Himalaias e não se importam de usar roupa alguma. Que é o calor? Que é o frio? Que as coisas venham e vão, que diferença isso me faz? Eu não sou o corpo. É difícil compreender isso, em países ocidentais, mas é bom saber que isso é feito. Assim como vosso povo é corajoso bastante para saltar à boca de um canhão no meio de um campo de batalha, nosso povo é corajoso bastante para pensar e agir de acordo com a sua filosofia. Dá sua vida por isso "Sou Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Eu sou Ele. Eu sou Ele." Assim como o ideal ocidental é manter o luxo na vida prática, assim o nosso é manter a mais alta forma de espiritualidade, a fim de demonstrar que a religião não é apenas palavras inconsistentes, mas pode ser levada avante, em todos os pontos, nesta vida. Isso é titiksha, suportar tudo, não se queixar de nada. Eu mesmo tenho visto homens que dizem: "Eu sou a Alma. Que vem a ser o universo para mim? Nem prazer nem dor, nem virtude nem vício, nem calor nem frio. Nada é para mim". Isso é titiksha - não correr atrás dos prazeres do corpo.

Que é religião? Rezar: "Dá-me isto e aquilo!" Idéias loucas sobre religião! Os que acreditam nelas não têm uma verdadeira idéia sobre Deus e a alma. Meu **Mestre (6)** costumava dizer que o abutre voa alto, cada vez mais alto, até se tornar um simples ponto, mas seus olhos estão sempre no pedaço de carniça que ficou na terra. Afinal, qual é o resultado de vossas idéias sobre religião? Limpar as ruas e ter mais pão e roupas? Quem se importa com pão e roupas? Milhões chegam e vão a cada minuto. Quem se importa? Por que fazer questão das alegrias e vicissitudes deste pequeno mundo? Ide para além dele, se ousais. Ide para além da lei, deixai todo o universo desvanecer-se, e ficai sozinhos. "Eu sou Existência-Absoluta, Conhecimento-Absoluto, Bem-aventurança-Absoluta. Eu sou Ele, Eu sou-  
Ele."

---

**(5) Karma:** Palavra sânscrita que significa "ação" e designa a lei de causa e efeito, chamada também de retribuição ou compensação.

**(6) Meu Mestre:** Ramakrishna, insigne instrutor religioso do último terço do século XIX, fundador de uma escola a que hoje pertencem muitos hindus de posição social. Nasceu no dia 20 de fevereiro, em Kamarpukur, Bengala, na casta brimane, e morreu em março de 1886. Ver "O Evangelho de Ramakrishna", da Editora Pensamento.

## Quarta parte

O jnane diz: A mente não existe, nem o corpo. Sua meditação, portanto, é a mais difícil, a negativa. Ele nega tudo, e o que fica é o Eu. O jnane deseja arrancar o universo do Eu pela mera força da análise. O jnane procura arrancar-se ao seu aprisionamento da matéria pela força da convicção intelectual. Este é o caminho negativo - o **neti, neti** - "*isto não, isto não*".

A felicidade está no corpo, na mente ou no Atman. Nos animais, e nos seres humanos inferiores, a felicidade está toda no corpo. Homem algum pode comer com a mesma satisfação com que come um cão ou um lobo esfaimados; portanto, no cão e no lobo a felicidade está inteiramente no corpo. Nos homens encontramos um plano mais alto de felicidade, o do pensamento. E no inane há o mais alto plano de felicidade, no Eu, o Atman. Assim, para o filósofo, esse conhecimento do Eu é da maior utilidade, porque lhe dá a mais alta felicidade possível. Satisfação dos sentidos ou coisas físicas não podem ser da mais alta utilidade para ele, porque não encontra neles o mesmo prazer que encontra no conhecimento de si mesmo. E, afinal, o conhecimento é a única meta, e é, realmente, a maior felicidade que conhecemos. Todas as pessoas que trabalham, e lutam, e se esforçam como se fossem máquinas, não gozam realmente a vida, mas quem a goza é o homem instruído. Um rico compra um quadro, mas o homem que entende de pintura é quem o goza. E se o rico não tem conhecimento de arte, o quadro é inútil para ele. Torna-se o possuidor, apenas. Por todo o mundo, é o homem instruído quem goza a felicidade desse mundo. O ignorante nunca tem prazer. Precisa trabalhar para os outros, inconscientemente.

Não há senão um **Atman**: não pode haver dois. Vimos como em todo o universo há apenas uma Existência, e essa única Existência, quando vista através dos sentidos, é chamada mundo, o mundo da matéria. Quando é vista através da mente, é chamada mundo dos pensamentos e idéias. E quando é vista como é, então é o único Ser infinito. Deveis manter em vossas mentes o seguinte: não é que exista uma alma no homem, embora eu tivesse de aceitar isso, de início, como fora de dúvida, a fim de poder explicar. Mas há apenas uma Existência, e essa Existência é o Atman, o Eu. Quando isso é percebido através dos sentidos, através de imagens dos sentidos, é chamado corpo. Quando é percebido através do pensamento, é chamado mente. Quando é percebido através de sua própria natureza, é chamado o Atman, a única Existência.

Portanto, não existem três coisas numa só - o corpo, a mente, e o Eu, embora esse fosse um caminho conveniente para o curso da explicação. Mas tudo isso é Atman, e esse Ser único é às vezes chamado corpo, às vezes mente, e às vezes Eu, segundo os diferentes pontos de vista. Não há senão um único Ser, que os ignorantes chamam mundo. Dualismo e não-dualismo são expressões filosóficas muito boas, mas, em percepção perfeita, jamais vislumbramos o Real e o falso ao mesmo tempo. Todos nascemos monistas, não o pode-mos evitar.

Sempre vislumbramos um. Suponhamos que vedes um de vossos amigos vindo em vossa direção, na rua, a uma certa distância. Vós o conheceis muito bem, mas, através da obscuridade do nevoeiro que tendes pela frente, pensais que se trata de um outro homem. Quando vedes vosso amigo como um outro homem,

não vedes mais o vosso amigo, ele se desvaneceu. Estais vislumbrando apenas um. Suponhamos que o vosso amigo seja o Sr. A, mas quando vislumbrais o Sr. A como Sr., não vedes absolutamente o Sr. A. Em cada um dos casos vedes apenas um. Quando vos vedes como um corpo, sois corpo e nada mais, e esta é a percepção da vasta maioria da humanidade. Podem falar de alma, da mente, e de todas essas coisas, mas o que percebem é a forma física - tacto, paladar, visão, e assim por diante.

Entretanto, certos homens, em determinados estados de consciência, percebem-se como pensamento. Sabeis, naturalmente, a história de Sir Humphry Davy, que estava fazendo experiências diante de sua classe, com gás hilariante. Subitamente, um dos tubos se rompeu e o gás escapou, levando-o a respirá-lo. Por alguns momentos ele se manteve como uma estátua. Depois disse aos alunos que enquanto se sentiu naquele estado, percebera, realmente, que todo o mundo é feito de idéias. O gás, por algum tempo, levou-o a olvidar a consciência do corpo, e mesmo aquilo que ele estava vendo como corpo, começou a vislumbrar como idéias.

Quando a consciência se erguer ainda mais alto, quando esta pequena, insignificante consciência tiver desaparecido para sempre, o que é Realidade por trás dela, brilhará, e nós a veremos como a única Existência-Conhecimento-Bem-aventurança, o único Atman, o Universal. *"Um que é o próprio Conhecimento único, um que é a própria Bem-aventurança, para além de toda a comparação, para além de todo o limite, sempre livre, jamais aprisionado, infinito como o céu, imutável como o céu: tal como se manifestará em vosso coração, na meditação."*

Como explica o advaitista as várias teorias de céus e infernos e essas várias idéias que encontramos em todas as religiões? Quando um homem morre, diz-se que vai para o céu ou para o inferno, para aqui ou para ali, ou que quando um homem morre, torna a nascer em outro corpo, seja no céu ou em outro mundo, algures.

Tudo isso não passa de alucinações. Falando com realismo, ninguém nasce nem morre. Não há céu, nem inferno, nem este mundo: todos os três realmente jamais existiram. Contai a uma criança uma porção de histórias de fantasmas, e fazei-a sair à rua, pela noite. Existe ali um pequeno toco de árvore. Que vê a criança? Um fantasma, com as mãos estendidas, pronto para agarrá-la. Suponhamos que um homem vire a esquina, desejando encontrar sua namorada: vê naquele toco de árvore uma jovem. Um policial que venha da mesma esquina vê o toco transformado em ladrão. O ladrão o vê como um policial. Trata-se do mesmo toco de árvore, que foi visto de várias maneiras. O toco é a realidade, e as visões do toco são as projeções das várias mentes.

Há um Ser, um Eu, que nunca vem nem vai. Quando um homem é ignorante, deseja ir para o céu, ou para um lugar parecido. Durante toda a sua vida pensou e tornou a pensar nisso, e quando esse sonho terreno se desvanece, vê este mundo como um céu com anjos voando sobre ele. Se um homem deseja toda a sua vida encontrar-se com os seus antepassados, consegue encontrá-los, a partir de Adão, pois cria todos eles. Se um homem é ainda mais ignorante e está sempre assustado pelos fanáticos com idéias de inferno, com toda a sorte de castigos quando ele morrer, verá este mesmo mundo como um inferno. Tudo o que significa isso de nascer ou morrer é simplesmente um caso de mudanças no plano da visão. Nem vós vos moveis nem se move aquilo sobre o que projetais vossa visão. Sois os permanentes, os imutáveis. Como podeis ir e vir? Isso é impossível: sois onipresentes.

Estais onde estais. Esses sonhos, essas várias nuvens, movem--se. Um sonho segue-se ao outro, sem conexão. Não há lei de conexão neste mundo, mas pensamos que há uma grande quantidade de conexão. Todos vós lestes, provavelmente, **Alice no País das Maravilhas (7)**, o mais maravilhoso livro infantil que foi escrito neste século. Quando eu o li, fiquei encantado, pois sempre tive a intenção de escrever um livro assim para as crianças.

O que mais me agradou nele foi o que julgais ser o mais incongruente, pois ali não há conexão. Uma idéia vem e salta sobre a outra, sem qualquer conexão. Quando fostes crianças, julgastes ser aquela a mais maravilhosa conexão. Assim, aquele homem tornou a apossar-se dos pensamentos de sua infância, que eram perfeitamente conexos, então, para ele, e compôs aquele livro infantil. E todos esses livros que os homens escrevem, tentando fazer as crianças engolirem suas próprias idéias de adultos, são tolices. Todos nós somos crianças crescidas, eis tudo. O mundo é a mesma coisa desconexa -- Alice no País das Maravilhas - sem qualquer conexão.

Como? Essa é a pergunta seguinte. Como podemos compreender isso? Como podemos romper este sonho, como acordaremos deste sonho que nos diz sermos pequeninos homens, pequeninas mulheres, e todas essas coisas?

Tal escravização tem de ser rompida. Como? "Esse Atman primeiro tem de ser ouvido, depois raciocinado, e depois meditado". Esse é o método do advaita jnane. A verdade tem de ser ouvida, depois se reflete sobre ela, e daí por diante precisa ser constantemente afirmada. Pensai sempre: **"Eu sou Brama." (8)** Nunca digais: *"Ó Senhor, sou um miserável pecador!"* Quem vos ajudará? Sois o auxílio do universo. Que, neste universo, pode ser de auxílio para vós? Onde está o homem, o deus, ou o demônio que vos ajude? Que pode prevalecer sobre vós? Sois o Deus do universo. Onde podereis encontrar auxílio? jamais o auxílio veio de parte alguma a não ser de vós mesmos. Em vossa ignorância, cada prece foi respondida por algum Ser, mas vós mesmos, sem o saber, respondestes à prece. O auxílio veio de vós mesmos, e vós tivestes satisfação em imaginar que certo Alguém vos estava mandando auxílio. Não há auxílio para vós fora de vós mesmos: sois o Criador do universo. Como o bicho-da-seda, tecestes um casulo em torno de vós. Quem vos salvará? Rompei vosso casulo e saia dele como a bela borboleta, como alma liberta. Então, só então, vereis a Verdade. Dizei sempre convosco mesmos: *"Eu sou Ele"*. Essas são palavras que queimarão as escórias da mente, palavras que farão surgir as tremendas energias que já estão dentro de vós, o poder infinito que dorme em vossos corações. Tais coisas devem surgir através da verdade constantemente ouvida, e de nada mais. Onde houver pensamentos de fraqueza, não vos aproximeis. Evitai toda a fraqueza, se quiserdes ser um **jnane**.

**Antes de começar a prática, limpai vossas mentes de todas as dúvidas.** Lutai, raciocinai, argumentai, e quando tiverdes estabelecido em vossa mente que isso, apenas isso, pode ser a verdade, e nada mais, cessai de discutir. Fechai vossa boca. Não ouçais argumentos, nem argumenteis. Que adiantam mais argumentos? Estais satisfeitos, decidistes a questão. Que permanece, ainda? A verdade tem de ser compreendida. Portanto, por que perder tempo valioso em argumentos? A verdade agora tem de ser meditada, e cada idéia que vos dá forças deve ser aceita, e cada pensamento que vos enfraquece deve ser rejeitado.

O jnane diz: a mente não existe, o corpo não existe. Essa idéia de corpo e mente deve ir embora, deve ser expulsa, portanto é loucura pensar neles. Seria como tentar curar um mal pela aplicação de outro. Sua meditação é portanto a mais difícil, porque é a negativa: ele nega tudo, e o que fica é o Eu. Essa é a maneira mais analítica. O jnane deseja arrancar o universo do Eu pela pura força

da análise. É muito fácil dizer: "Eu sou um jnane". Mas é muito difícil ser, realmente, um jnane. O caminho é longo; é, por assim dizer, como caminhar sobre o fio de uma navalha, e ainda assim não se desesperar. *"Acordai levantai-vos, e não pareis até que tenhais atingido à meta."* Assim dizem os Vedas.

Portanto, que vem a ser a meditação para o que Ele deseja erguer-se acima de qualquer idéia de corpo ou mente, expulsar a idéia de que ele é o corpo. Por exemplo, quando eu digo: *"Eu, Swamí"*, vem, imediatamente a idéia de corpo. Que devo fazer, então? Devo dar uma forte pancada à minha mente, e dizer: *"Não, não sou o corpo, sou o Eu."* Que importa venham a doença ou a morte numa forma das mais horríveis? Eu não sou o corpo. Por que fazer bonito o corpo? Para gozar a ilusão uma vez mais? Para continuar a escravização? Que ela se vá. Não sou o corpo. Esse é o caminho do jnane.

O jnane sente que não pode esperar, que deve alcançar a meta agora mesmo. E diz: *"Sou livre através da eternidade, jamais estou preso. Sou o Deus do universo através de toda a eternidade. Quem poderá fazerme perfeito? Eu já sou perfeito..."*

Quando um homem é perfeito, vê perfeição nos outros. Quando vê imperfeições, é a sua própria mente que se projeta. Como pode ver imperfeições se não as tem em si mesmo? Assim, o inane não faz caso da perfeição. Não existe qualquer perfeição para ele. Assim que se liberta, não vê o bem nem o mal. Quem vê o mal ou o bem? Quem os tem em si próprio. Quem vê o corpo? Quem pensa que é o corpo. No momento em que vos libertais da idéia de que sois o corpo, não vedes absolutamente o mundo. Ele se desvanece para sempre. O jnane procura arrancar--se dessa prisão de matéria pela força da convicção intelectual. Essa é a forma negativa - o **neti, neti** - *"isto não, isto não"*.

**(7) Alice no País das Maravilhas** - Famoso livro infantil, escrito em 1885 pelo escritor inglês Lewis Carroli, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson. (1832-1898)

**(8) Brama:** - A Primeira pessoa da Trindade Védica, aná-loga ao Pai da Trindade Cristã.

# Raja Yoga

## **PREFÁCIO**

**Auto-Realização através do domínio da Mente - (Raja-Yoga)**

**A percepção é obtida pela Yoga**

**Três coisas são necessárias ao estudante que deseja ter sucesso.**

**Primeira Parte**

**Segunda parte**

**Terceira parte**

# PREFÁCIO

O Hinduísmo, que é a religião mais completa do mundo, pela universalidade de sua estrutura ético-filosófica e amplitude de seu estrito de união e tolerância, oferece a seus adeptos quatro caminhos (Margas) fundamentais de libertação individual, mais conhecida entre os cristãos como salvação. São denominados Karma-marga, a caminho da ação ou das obras; Jnana-marga, o caminho do conhecimento; Bhakfi-marga, o caminho da devoção ou amor a Deus, e Dhyana-marga, o caminho da meditação, Marga também se aplica como sinônimo de Yoga, termo mais em voga no Ocidente, e mais generalizado na Índia para designar uma de suas seis escolas filosófica(4) fundada pelo famoso Rishi Patanjali.

Uma das características notáveis do Hinduísmo, e que geralmente se considera uma das principais responsáveis pela longa sobrevivência dessa religião milenar, é a ampla liberdade intelectual que outorga a seus adeptos em matéria de crença ou mesmo descrença numa Divindade Suprema, que todavia ali se considera imanente em toda a natureza. Nessa conformidade, o hinduísta tem plena liberdade de pensar, contanto que sua conduta seja ortodoxamente hinduísta em seus princípios fundamentais. Daí suas seis escolas filosóficas, das quais três baseadas no Espírito e três na Matéria, porém todas visando o aperfeiçoamento individual através da auto-realização. Daí os seus quatro Margas ou métodos individuais de auto-aperfeiçoamento. Daí também o seu sistema de castas, hoje anacrônico e quase obsoleto ali, porém que em passado remoto teve sua motivação, para efeito de educação, preparação e integração social. São as castas dos *Brâmanes*, os sacerdotes e instrutores; dos *Kshatriyas*, os militares e estadistas; os *Vaishyas*, os comerciantes e agricultores; e os *Rudras*, os servidores ou artesãos. Essa divisão ainda hoje subsiste em todo o mundo e em toda a sociedade, porém sem a rigidez de outrora. Swami Vivekananda, brilhante expoente da escola filosófica *Vedanta*, uma das seis e a mais elevada do sistema hindu, é um magnífico expositor da cultura hinduísta. E sabe fazê-lo com extraordinária maestria de quem vive e domina perfeitamente o assunto, e num estilo elegante, claro e enriquecido de ilustrações com exemplos os mais oportunos e sugestivos. Nesta obra ele expõe sinteticamente esses famosos quatro caminhos ou métodos de auto-aperfeiçoamento, numa linguagem ao alcance de todos, de sorte que todos possam estudá-los, e uns poucos, os mais práticos ou decididos, possam experimentá-los e adotar aquele que melhor lhes convenha, consoante sua natureza e tempo disponível.

Por certo os métodos não são iguais entre si, pois visam sobretudo a natureza do indivíduo, e suas necessidades e possibilidades. Os métodos do conhecimento e domínio da mente exigem mais estudos e meditação, ao passo que os métodos do serviço altruísta e amor a Deus requerem mais prática do que teoria. Os exercícios específicos de cada um deles variam, porém é a mesma a finalidade de todos eles: levar o estudante e o praticante a um estado de libertação que se lhe traduz em paz e felicidade como também o preparam e fortalecem para

enfrentar os momentos mais cruciais de sua vida. Um ponto, porém, o autor procura tornar bem claro: é que se os métodos diferem, não divergem entre si, mas, antes, completam-se e auxiliam-se em alguns pontos e circunstâncias da vida. E isso é muito lógico, pois não pode haver teoria eficaz sem a colaboração e comprovação da prática, nem prática inteligente se divorciada de estudos e meditação. Há, portanto, uma mútua interdependência, e se houver uma conjugação da teoria com a prática, os meios se tornarão mais fáceis e os resultados mais rápidos e seguros.

Tal é o escopo desta síntese, que é um real compêndio de auto-realização místico-filosófica posto a serviço dos que aspiram aprofundar a solução de seus problemas internos, e assim experimentar e estabelecer em si aquela "paz que ultrapassa o entendimento", de que tanto nos têm falado os místicos e yogues.

## **Auto-Realização através do domínio da Mente - (Raja-Yoga)**

Raja-Yoga é uma ciência como qualquer outra. É a análise da mente, um reunir de fatos do mundo supersensório, para assim se construir o mundo espiritual. Todos os grandes mestres espirituais que o mundo conheceu, disseram: "*Vejo e sei*". Jesus, Paulo, e Pedro, declararam todos sua percepção espiritual das verdades que ensinaram.

### **A percepção é obtida pela Yoga**

Nem memória nem consciência podem ser a limitação da existência. Há um estado superconsciente. Tanto este como o estado inconsciente são privados de sensação, porém com uma enorme diferença entre si - a mesma diferença que existe entre o conhecimento e a ignorância. A concentração da mente é a fonte de todo o conhecimento.

A Yoga ensina-nos tornar a matéria nossa escrava, como o deveria ser. Yoga significa "jugo" - "jungir", isto é, juntar a alma do homem à Alma suprema ou Deus. Este nosso "eu" cobre apenas uma pequena consciência e uma vasta quantidade de inconsciência, enquanto sobre ele, e quase completamente desconhecida dele, está o plano superconsciente.

Através de prática fiel, camada após camada da mente se abre diante de nós, e cada uma dessas camadas nos revela um fato novo. Vemos como que mundos novos criados diante de nós, novos poderes são postos em nossas mãos, mas não devemos parar no caminho, nem permitir que fiquemos deslumbrados por essas contas de vidro, quando a mina de diamantes está à nossa frente. Só Deus é a meta.

### **Três coisas são necessárias ao estudante que deseja ter sucesso.**

Primeira: abandonar toda a idéia de gozo neste mundo e no outro, mas preocupar-se apenas com Deus e a Verdade. Estamos aqui para conhecer a Verdade, não para ter prazeres. Deixemos isso para os brutos que gozam como jamais poderemos gozar. O homem é um ser pensante e deve lutar até dominar a morte até que veja a luz.

Segundo: desejo intenso de conhecer a Verdade e Deus. Sede ansiosos por eles, suspirai por eles, como um homem que se afoga anseia pelo ar.

Terceira: Refreai a mente para que não se externe, refreai os sentidos, voltai a mente para o interior, sofrei tudo sem murmurar, fixai a mente numa idéia, pensai constantemente em vossa natureza real. Libertai-vos da superstição. Não vos hipnotizeis para acreditar em vossa própria inferioridade. Dia e noite dizei a vós mesmos o que realmente sois, até que compreendais, realmente compreendais, vossa unidade com Deus. Sem essas disciplinas, não há resultados.

Podemos ter consciência do absoluto, mas nunca poderemos expressá-lo. Temos que ir além dos limites dos sentidos e transcender mesmo a razão. E possuímos poder para fazer isso.

# Primeira Parte

Segundo o raja-yogue, o mundo externo não passa da forma grosseira do mundo interno, sutil. O mais fino é sempre a causa, o mais grosseiro o efeito. O homem que descobre e aprende como manipular as forças internas, terá toda a natureza sob seu controle. A tarefa que o yogue se propõe realizar, é, nada mais, nada menos, do que dominar todo o universo, dominar toda a natureza. Deseja chegar ao ponto em que aquilo que chamamos leis da natureza, não tenha influência sobre ele; em que ele possa passar para além de todas elas. Dominará toda a natureza, interna e externa.

Todo o nosso conhecimento é baseado na experiência. O que chamamos conhecimento por inferência, no qual vamos do menor para o geral ou do geral para o particular, tem como base a experiência. No que chamam ciências exatas as pessoas facilmente encontram a verdade, porque elas apelam para as experiências de cada ser humano. O cientista não vos diz que acrediteis em coisa alguma, mas tem certos resultados que vêm de suas próprias experiências, e, raciocinando sobre eles, apela para alguma experiência universal da humanidade, ao pedir-vos que acrediteis em suas conclusões. Em toda a ciência exata há uma base comum a toda a humanidade, de forma que podemos ver imediatamente a verdade ou a falsidade das conclusões dali tiradas. Bem, a pergunta é a seguinte: A religião tem ou não tem essa base? Terei de responder tanto pela negativa como pela afirmativa.

Religião, tal como é geralmente ensinada no mundo todo, dizem estar baseada na fé e na crença, e na maioria dos casos consiste apenas em diferentes séries de teorias. Essa é a razão pela qual encontramos as religiões discutindo umas com as outras. Essas teorias, além disso, são baseadas na crença. Um homem me diz que há um grande Ser sentado sobre as nuvens, governando todo o universo, e me pede que acredite apenas na autoridade de sua afirmativa. Da mesma maneira eu posso ter minhas próprias idéias, e pedir aos outros que acreditem nelas. Se me perguntarem a razão, eu não lhes poderei dar razão alguma. Por isso é que hoje em dia a religião e a filosofia metafísica têm mau nome. Todo o homem instruído parece dizer: *"Oh! essas religiões não passam de um feixe de teorias sem qualquer padrão pelo qual possamos julgá-las, cada homem pregando suas próprias idéias de estimação"*. Contudo, há uma base de crença universal na religião, governando todas as diferentes teorias e todas as idéias variáveis das diferentes seitas em diferentes países. Indo até suas raízes, verificamos que também elas estão baseadas em experiências universais.

O cristão pede-vos que acrediteis em sua religião, que acrediteis em Cristo como encarnação de Deus, que acrediteis num Deus, numa alma, e num estado melhor da alma. Se eu lhe pedir que raciocine, ele me diz que acredita neles. Mas se fordes à nascente do Cristianismo, verificareis que ele é baseado na experiência. Cristo disse que viu Deus, os discípulos disseram ter sentido Deus, e assim por diante. Igualmente, no Budismo, trata-se da experiência de Buda. Ele experimentou certas verdades, viu-as, teve contato com elas, e pregou-as ao mundo. Assim com os hindus. Em seus livros, os escritores, que são chamados rishis, ou sábios, declaram ter tido experiência em certas verdades, e essas verdades pregam. Assim, é claro que todas as religiões do mundo foram construídas sobre esse fundamento universal e adamantino de todo o nosso conhecimento - a experiência direta. Os Mestres todos viram Deus, todos eles viram suas próprias almas, viram seu futuro, viram sua eternidade, e pregaram o que viram. Contudo, há uma diferença: a maioria dessas religiões, especialmente nos tempos modernos, faz uma declaração peculiar, isto é, que tais experiências são, impossíveis nos dias presentes. Foram possíveis apenas para uns

poucos homens, fundadores das religiões que, subseqüentemente, levaram seus nomes. No tempo presente tais experiências se tornaram obsoletas, e portanto, temos que tomar a religião como crença, agora.

Nego inteiramente semelhante idéia. Se houve uma experiência neste mundo, em qualquer ramo particular do conhecimento, segue-se, absolutamente, que tal experiência foi possível milhões de vezes antes e se repetirá eternamente. *Uniformidade é lei rigorosa da \*natureza*: o que uma vez aconteceu, pode acontecer sempre.

Os mestres da ciência Raja-Yoga declaram que a religião não é apenas baseada na experiência dos velhos tempos, mas que homem algum pode ser religioso enquanto não tiver por si mesmo as mesmas percepções. Raja-Yoga é a ciência que nos ensina a obter essas percepções. Não adianta muito falar sobre religião enquanto a pessoa não a sentiu. Por que há tanta perturbação, tanta luta e discussão em nome de Deus? Tem havido mais derramamento de sangue em nome de Deus do que por outra causa qualquer, porque as pessoas nunca vão às fontes de origem. Contentam-se com o dar assentimento mental aos costumes de seus antepassados, e desejam que os outros façam o mesmo. Que direito tem um homem de dizer que possui uma alma se não a sente, ou que há um Deus, se não o vê? Se há um Deus, ele deve vê-lo e se há uma alma, deve percebê-la, de outra forma é melhor não acreditar. É melhor ser um ateu declarado do que um hipócrita.

A idéia moderna, por outro lado, exposta pelos "eruditos", diz que a religião, a metafísica, e toda a busca de um Ser Supremo, são fúteis. Por outro lado, os semi-instruídos parecem considerar que essas coisas realmente não têm base, e seu único valor consiste no fato de fornecerem fortes poderes de motivação para fazer bem ao mundo. Se os homens acreditam num Deus, podem tornar-se bons e morais, e assim se fazem bons cidadãos. Não podemos censurá-los por manterem tais idéias, vendo que todo o ensinamento que tais homens obtêm resume-se, simplesmente, em acreditarem numa mixórdia de palavras, sem qualquer substância a ampará-las. Pedem-lhes que vivam sobre tais palavras. Podem fazer isso? Se o pudessem, eu não teria qualquer consideração pela natureza humana. O homem deseja a verdade, deseja experimentar a verdade por si mesmo. Quando a tiver obtido, compreendido, sentido dentro do âmago de seu coração, então, e só então - declaram os Vedas - todas as dúvidas se desvanecerão, todas as trevas serão afastadas, e tudo quanto é torto se endireitará. *"Vós, filhos da imortalidade, mesmo os que vivem nas mais altas esferas, o caminho foi achado. Há um caminho para fora de toda essa treva, e é o caminho da percepção d'Ele, que está acolá de todas as trevas. Não há outro caminho."*

A ciência Raja-Yoga propõe-se a colocar diante da humanidade um método organizado prática e cientificamente, para alcançar essa verdade. Em primeiro lugar, toda a ciência tem seu método próprio de investigação. Se desejais tornar-vos astrônomo, e vos sentardes, gritando: "Astronomia! Astronomia!", jamais o sereis. Se desejardes ser um astrônomo, tereis de ir para um observatório, apanhar um telescópio, estudar estrelas e planetas, e então podereis vir a ser um astrônomo. Cada ciência deve ter seu método próprio. Eu poderia pregar milhares de sermões, mas eles não vos fariam religiosos, enquanto não praticásseis o método. Essas são as verdades dos sábios de todos os países, de todas as épocas, de homens puros e destituídos de egoísmo, que não têm outro motivo senão fazer bem ao mundo. Todos eles declaram que encontraram alguma verdade mais alta do que a que os sentidos nos podem trazer, e convidam-nos à verificação. Pedem-nos que aceitemos o método e o pratiquemos honestamente. Então, se não encontrarmos aquela verdade mais alta, teremos o direito de dizer que não há verdade na declaração. Mas, antes de termos feito isso, não será racional que

neguemos a verdade de suas afirmativas. Portanto, devemos trabalhar fielmente, usando os métodos prescritos, e a luz virá adquirindo conhecimento, fazemos uso da generalização, e a generalização está baseada na observação.

Primeiro observamos os fatos, depois generalizamos, para depois retirarmos daí conclusões e princípios. O conhecimento da mente, da natureza interna do homem, do pensamento, jamais pode ser obtido enquanto não tivermos o poder de observar os fatos que se passam internamente. É relativamente fácil observar os fatos que se passam pois muitos instrumentos foram inventados para esse "mundo", mas para o mundo interior não temos instrumento que nos valha. Ainda assim, sabemos que devemos observar, a fim de adquirir verdadeira ciência. Sem análise própria, qualquer ciência seria inútil, mera teoria. Por isso é que todos os psicólogos vêm discutindo entre si desde os começos dos tempos, a não ser os poucos que encontraram os meios de observação.

A ciência Raja-Yoga, em primeiro lugar, propõe-se a nos dar esses meios de observação dos estados internos. O instrumento é a própria mente. O poder de atenção, quando adequadamente orientado e dirigido para o mundo interior, analisará a mente e iluminará os fatos para nós. Os poderes da mente são como raios de luz dissipados. Quando se concentram, iluminam. Esse é o nosso único meio de conhecimento. Todos o estão usando, tanto no mundo interno como no externo, mas, para o psicólogo, a mesma minuciosa observação que o homem de ciência dirige ao mundo exterior deve ser usada para o mundo interior. E isso requer muitíssima prática. Da nossa infância para diante nos ensinaram a dar atenção apenas ao que é exterior, e nunca ao que é interior. Daí a maioria dentre nós ter quase perdido a faculdade de observar o mecanismo interior. Virar a mente ao avesso, por assim dizer, impedi-la de ir para fora, e então concentrar todos os seus poderes e atirá los sobre a própria mente de forma que ela possa conhecer sua própria natureza, analisar-se, é trabalho duro. Ainda assim, é a única forma para chegar ao que quer que represente aproximação científica do assunto.

Qual é a utilidade de semelhante conhecimento? Em primeiro lugar, o conhecimento em si mesmo é a mais alta recompensa do conhecimento e, em segundo lugar, há ainda utilidade nele. Varrerá de nós toda a angústia. Quando, através da análise de sua própria mente, o homem se vê face a face, por assim dizer, com algo que jamais é destruído, com algo que é, pela sua própria natureza, eternamente puro e perfeito, já não se sentirá angustiado, já não se sentirá infeliz. Toda a angústia vem do medo, do desejo insatisfeito. O homem descobrirá que não morre nunca, e então já não temerá a morte. Quando ele souber que é perfeito, não mais terá desejos vãos. E ambas as causas se ausentando, não mais haverá angústia, e sim bemaventurança perfeita, mesmo enquanto estiver neste corpo.

Há um único método pelo qual se pode obter esse conhecimento: é a chamada Concentração. O químico, em seu laboratório, concentra todas as energias de sua mente num foco e projeta-a sobre os materiais que está analisando, a fim de descobrir os seus segredos. O astrônomo concentra todas as energias de sua mente e projeta-as através do seu telescópio para os céus. E as estrelas, o Sol, e a Lua, entregam-lhe os seus segredos.

Como foi obtido todo o conhecimento do mundo senão pela concentração dos poderes da mente? O mundo está pronto a entregar seus segredos, se soubéssemos ao menos como bater-lhe à porta, como dar o golpe necessário. O vigor e a força do golpe vêm através da concentração. Não há limites para o poder da mente humana. Quanto mais concentrada é, mais poder atrai para reforçar determinado ponto: esse é o segredo. É fácil concentrar a mente em coisas exteriores, pois ela se dirige naturalmente para fora. Mas não acontece isso no caso

da religião, da psicologia, da metafísica, quando a substância e o objeto são um. O objeto é interno - a própria mente é o objeto - e é necessário estudar a própria mente, a mente estudando a mente. Sabemos que existe um poder mental chamado reflexão. Eu vos estou falando. Ao mesmo tempo estou de lado, uma segunda pessoa, por assim dizer, sabendo e ouvindo o que estou dizendo. Vós trabalhais e pensais ao mesmo tempo, enquanto uma porção de vossa mente fica de lado e vê o que estais pensando. Os poderes da mente devem ser concentrados e retornados para ela própria, e, assim como os lugares mais trevosos revelam seus segredos diante dos raios de Sol que neles se introduzem, a mente concentrada será penetrada pelos mais recônditos segredos. Assim, chegaremos à base da crença, à real, genuína religião. Perceberemos, por nós mesmos, se temos almas, se a vida conta com cinco minutos ou com a eternidade, se há um Deus ou não no universo. Tudo isso nos será revelado.

É isso que o Raja-Yoga se propõe a ensinar. A meta de todo o seu ensinamento está em como concentrar a mente, depois em como descobrir os recessos mais recônditos de nossas próprias mentes, e a seguir, como generalizar seu conteúdo, e formar, através dele, nossas próprias conclusões. Portanto, ela jamais pergunta qual é a nossa religião - se somos deístas, ou ateus; se somos cristãos, judeus ou budistas. Somos seres humanos, e isso é o suficiente. Cada ser humano tem o direito e o poder de procurar a religião, cada ser humano tem o direito de perguntar os por quês à razão e ter a resposta a essas perguntas, respostas dadas por ele mesmo, se quiser votar a esse trabalho.

Até aqui, portanto, vemos que no estudo de Raja-Yoga não é necessário fé ou crença. Não creiais em nada enquanto não o descobrires por vós mesmos, isso é o que ela nos ensina. A verdade não precisa de escora que a sustente. Quereis dizer que os fatos de nosso estado vigilante requerem alguns sonhos ou quimeras que os provem? Certamente que não, O estudo da Raja-Yoga requer bastante tempo e prática constante.

Uma parte dessa prática é física, mas na maioria é mental. Com a continuação, descobriremos quanto a mente está intimamente ligada ao corpo. Se acreditarmos que a mente é, simplesmente, uma parte mais sutil do corpo, e que a mente age sobre o corpo, então a mão nos dirá que o corpo deve reagir sobre a mente. Se o corpo está doente, a mente também se torna doente. Se o corpo está sadio, a mente permanece sadia e forte. Quando estamos zangados a mente se perturba. A maioria da humanidade traz a mente sob grande controle do corpo, pois sua mente é pouco desenvolvida. A vasta massa da humanidade está bem pouco distante dos animais. Não só isso, mas em muitos casos o poder de controle, nessa maioria, é pouco mais alto do que o dos animais considerados como os inferiores de sua espécie. Temos bem pouca ascendência sobre nossas mentes.

Portanto, para obter essa ascendência, para conseguir controle sobre o corpo e a mente, precisaremos de alguns auxílios físicos. Quando o corpo estiver suficientemente controlado, podemos tentar a manipulação da mente. Manipulando a mente, poderemos trazê-la sob nosso controle, e compeli-la a concentrar-se nos poderes que desejamos.

De acordo com a Raja-Yoga, o mundo exterior não passa da forma grosseira do mundo interior, ou sutil. O mais fino é sempre a causa, o mais grosseiro o efeito. Assim, o mundo exterior é o efeito, o interior é a causa. Da mesma maneira, as forças interiores são mais finas. O homem que descobriu e aprendeu como manipular as forças interiores, obterá o controle de toda a natureza. O yogue propõe-se nada menos do que dominar todo o universo, controlar toda a natureza. Deseja chegar ao ponto em que podemos dizer que aquilo que chamamos leis da natureza não terão influência sobre ele, em que estará em condições de passar

para além de todas elas. Dominará toda a natureza, interior e exterior. O progresso e a civilização desta raça humana simplesmente significa o controle dessa natureza.

Raças diferentes podem usar processos diferentes para controlar a natureza. Tal como na mesma sociedade alguns indivíduos desejam controlar a natureza exterior e outros a interior, assim entre as raças algumas desejam controlar a natureza exterior, e outras a interior. Algumas dizem que controlando a natureza interior controlamos tudo. Levadas ao extremo, ambas têm razão, porque na natureza não há tal divisão em exterior e interior. São, essas, limitações fictícias, que jamais existiram. Os exterioristas e os interioristas estão destinados a encontrarem-se no mesmo lugar, quando ambos alcançarem o ponto extremo de seu conhecimento. Tal como o físico, quando leva seu conhecimento aos seus limites e os encontra fundindo-se com a metafísica, os metafísicos descobrirão que o que chamam mente e matéria são apenas distinções aparentes; a realidade é Uma.

O fim e objetivo de toda a ciência é encontrar a unidade, o Um, do qual as cópias estão sendo manufaturadas, o Um existindo como todas elas. Raja-Yoga propõe começar do mundo interior, estudar a natureza interior, e, através dela, controlar o Todo - tanto interior como exterior.

## Segunda parte

A prática é absolutamente necessária. Podeis sentar-vos e ouvir-me uma hora por dia, mas se não praticardes, não adiantareis um só passo para a frente. Tudo depende da prática. Jamais compreenderemos essas coisas se não as experimentar-mos. Temos que vê-las e senti-las por nós mesmos. Simplesmente ouvir explicações e teorias nada adiantará.

A Raja-Yoga está dividida em oito passos.

O primeiro é yama - não matar, não mentir, não roubar, não ser incontinente, e não cobiçar. Depois vem niyama - pureza, contentamento, austeridade, estudo e entrega de si próprio a Deus. A seguir vêm âsana, ou postura; pranayama, ou controle do prana; pratyahara, ou retração dos sentidos; dhâra, ou concentração da mente num ponto; dhyana, ou meditação; e samadhi, ou contemplação.

Yama e niyama são treinamentos morais. Sem eles como base, não há prática de Yoga bem sucedida, e uma vez estabelecidos, o yogue começa a compreender os frutos de sua prática. Um yogue não deve pensar em magoar seja quem for, por pensamentos, palavras ou atos. A misericórdia não deve limitar-se apenas ao homem, mas ir além e abarcar todo o mundo.

O passo seguinte é âsana, postura. Uma série de exercícios, físicos e mentais devem ser feitos todos os dias, até que certos estados superiores sejam alcançados. Portanto, é muito necessário que encontremos a postura na qual possamos permanecer por mais tempo. A postura mais fácil para cada um deve ser a escolhida. Para pensar, uma determinada postura pode ser muito fácil para um homem, mas muito difícil para outro. As correntes dos nervos têm de ser deslocadas e conduzidas a um novo canal. Novas espécies de vibrações começarão, e toda a constituição será remodelada, por assim dizer. Mas a maior parte da atividade residirá ao longo da coluna vertebral, de forma que o necessário para a postura é manter a coluna vertebral livre, sentando-se ereto, mantendo as três partes - peito, pescoço e cabeça - em linha reta. Deixai que todo o peso do corpo seja suportado pelas costelas, e então tereis uma postura fácil, natural, com a espinha ereta. Podereis ver, muito facilmente, que não tereis pensamentos muito altos, se encolherdes o peito.

Essa parte da Raja-Yoga é algo idêntica à Hatha-Yoga, que trata precisamente do corpo físico, e visa tornar o corpo físico bastante forte. Nada temos a ver com isso aqui, porque suas práticas são muito difíceis e não podem ser aprendidas num dia. Afinal, nem conduzem a um crescimento espiritual muito grande. Seu objetivo é físico, não psicológico. Não há músculo do corpo sobre o qual o homem não possa exercer perfeito controle. O coração pode ser detido ou novamente posto em movimento, à vontade, e cada órgão físico pode ser controlado da mesma maneira. O resultado dessa parte da Yoga é fazer que os homens vivam muito: a saúde é a idéia principal, o único objetivo do hatha-yogue. Ele está disposto a não adoecer, e nunca adoecer. Vive muito. Cem anos nada é para ele. Quando chega ao cento e cinquenta anos, está viçoso e jovem, sem um fio de cabelo branco. Mas isso é tudo. Uma árvore banyan (9) - a figueira da Índia - vive, às vezes, cinco mil anos, mas não passa de uma banyan. Assim, se um homem vive muito, não passa de um animal sadio.

A prática é absolutamente necessária. Podeis sentar-vos e ouvir-me uma hora por dia, mas se não praticardes, não dareis um só passo para a frente. Tudo depende da prática. Jamais entendemos as coisas enquanto não as experimentamos. Temos de ver e sentir por nós mesmos. Ouvir, simplesmente, explicações e teorias, de nada adiantará.

Há vários obstáculos à prática: o primeiro é um corpo sem saúde. Se o corpo não está em condições apropriadas, a prática será obstruída. Portanto, temos de manter o corpo em boa saúde. Temos de cuidar do que comemos e bebemos, e do que fazemos. Sempre faremos um esforço mental para manter o corpo forte. Isso é tudo - nada mais além do que se refere ao corpo. Não devemos esquecer de que a saúde não

passa de um meio para atingir um fim. Se a saúde fosse o fim, seríamos como os animais. Os animais raramente adoecem.

O segundo obstáculo é a dúvida. Sempre nos sentimos tomados de dúvidas sobre as coisas que não vemos. Os homens não podem viver de palavras, por mais que o tentem. Assim, assalta-nos a dúvida sobre se haverá ou não alguma verdade nessas coisas, e mesmo o melhor de nós às vezes duvida. Com a prática, dentro de poucos dias, um pequeno vislumbre virá, o bastante para nos dar encorajamento e esperança. Certo comentarista da filosofia Yoga diz: *"Quando uma prova é obtida, por pequena que seja, traz-nos fé no ensinamento integral da yoga"*. Esses vislumbres virão, aos poucos, de início, mas o bastante para vos dar fé, força e esperança. Por exemplo, se concentrardes vosso pensamento na ponta de vosso nariz, dentro de alguns dias começareis a sentir uma deliciosa fragrância, que será bastante para mostrarvos que há certas percepções mentais que se podem tornar evidentes sem o contato dos objetos físicos.

Mas devemos-nos lembrar, sempre, de que esses são apenas os meios. A meta, o fim, o objetivo de todo esse treinamento, é a libertação da alma, Controle absoluto da natureza, e nada menos do que isso, deve ser o objetivo. Podemos ser os senhores, e não os escravos da natureza. Nem o corpo nem a mente devem ser nossos senhores, nem devemos nos esquecer de que o corpo é nosso e não somos do corpo.

Um deus e um demônio foram aprender a respeito do Eu com um grande sábio: Estudaram com ele durante muito tempo. Por fim, o sábio lhes disse: *"Vós mesmos sois o Ser que estais procurando"*. Ambos pensaram que seus corpos eram o Eu. Voltaram ao seu povo, muito satisfeitos, e disseram: *"Aprendemos tudo quanto há para aprender: comei, bebei, e alegrai-vos. Somos o Eu. Nada há além de nós"*.

A natureza do demônio era ignorante, enevoada, por isso jamais indagou para além daquilo, mas ficou perfeitamente satisfeito com a idéia de que era Deus, de que "Eu" queria dizer corpo". O deus tinha natureza mais pura. De início, cometeu o erro de pensar: *"Eu, este corpo, sou Brama. Por isso, mantenho-o forte e saudável, bem vestido, e ofereço-lhe toda a sorte de prazeres"*. Dentro de poucos dias, porém, descobriu que não fora aquilo que o sábio, seu mestre, quisera dizer. Deveria haver algo mais alto. Assim, voltou, e disse: *"Senhor, ensinaste-me que este corpo era o Eu? Se é assim, vejo todos os corpos morrerem, e o Eu não pode morrer"*.

O sábio falou: *"Descobre: tu és Aquele!"* Então, o deus pensou que o sábio se referisse às forças vitais que fazem o corpo trabalhar. Mas, depois de algum tempo, viu que se comesse, as forças vitais permaneceriam fortes, porém, se passasse fome, elas se tornariam fracas. Voltou ao sábio e disse: *"Senhor, quereis dizer que as forças vitais são o Eu?"* O sábio falou: *"Descobre por ti mesmo: tu és Isto!"*

(9) *Banyan: Arvore da Índia, o Ficus indica, notável pela copa imensa, sob a qual os banianos, seita hindu de comerciantes, costumam instalar seu mercado. Daí o nome da árvore, que, quando alcança os cem anos, pode abrigar sob sua sombra alguns milhares de homens.*

O deus mais uma vez voltou para a sua casa, pensando que talvez a mente fosse o Eu. Logo depois, entretanto, viu que os pensamentos eram tão vários, ora bons, ora maus. A mente era mutável. demais para ser o Eu. Voltou ao sábio, e disse: *"Senhor, acho que a mente não é o Eu. Foi isso que quisestes dizer?"* E o sábio replicou: *"Não. Tu és Aquele! Descobre por ti mesmo".*

O deus voltou ao lar e finalmente descobriu que ele era o Eu, para além de qualquer pensamento, um, sem nascimento e sem morte, que o ar não podia secar ou a água dissolver; o sem começo e sem fim, o inabalável, o intangível, o onisciente, o Ser onipotente, que não era o corpo ou a mente, mas estava além de ambos. Assim, ficou satisfeito, mas o pobre demônio não obteve a verdade, porque amava demais seu próprio corpo.

O mundo tem grande número dessas criaturas demoníacas, mas tem alguns deuses, também. Se alguém se propõe ensinar qualquer ciência para aumentar a capacidade de sentir prazer, esse alguém encontra multidões prontas para receber seus ensinamentos. Se alguém pretende mostrar a meta suprema, bem poucos o querem ouvir. Se muito poucos têm o poder de alcançar o mais alto, ainda menor é o número dos que têm paciência para obter o mais alto. Mas também há outros, certos de que, embora o corpo pudesse ser feito para durar milhares de anos, o resultado, no fim, seria o mesmo. Quando as forças que o mantêm intacto desaparecem, o corpo tem de cair. jamais nasceu um homem que pudesse evitar, por um momento que fosse, as modificações de seu corpo. Corpo é o nome dado a uma série de modificações. *"Assim como num rio as massas de água estão-se modificando diante de vós a cada momento, e novas massas vão chegando, embora tomem forma similar, o mesmo acontece com o corpo."* Apesar disso o corpo precisa ser mantido sadio e forte. É o melhor instrumento de que dispomos.

Voltando ao nosso assunto, chegamos a seguir ao pranayama, controle da respiração. Que tem isso a ver com os poderes de concentração da mente? A respiração é como o volante desta máquina, o corpo. Numa grande máquina encontras o volante se movimento, e aquele movimento é comunicado à maquinaria cada vez mais fina, até que o mais delicado, o mais fino maquinismo da máquina é posto em movimento. A respiração é o volante, suprindo e regulando a força motriz de tudo neste corpo.

Houve, certa vez, um ministro de um grande rei, que veio a cair em desgraça. O rei, como castigo, ordenou que o encerrassem numa torre muito alta. Isso foi feito, e ali o ministro foi deixado, para morrer. Tinha ele, entretanto, uma esposa fiel, que veio ter à torre, pela noite, e chamou o marido lá no alto para saber o que poderia fazer por ele. Disse-lhe o homem que voltasse na noite seguinte e trouxesse uma corda comprida, um pouco de cordão bem forte, barbante, fio de seda, um besouro, e um pouco de mel. Embora muito espantada, a boa esposa obedeceu e levou-lhe os artigos pedidos. O marido disse-lhe que amarrasse bem o fio de seda no besouro, depois untasse as antenas dele com uma gota de mel e o libertasse na parede da torre, com a cabeça voltada para cima. A mulher cumpriu aquelas instruções e o besouro iniciou sua longa jornada. Sentindo diante de si o cheiro do mel, foi-se arrastando para a frente, subindo, na esperança de alcançá-lo, até que chegou ao alto da torre, onde o ministro o agarrou e se apoderou do fio de seda. Disse, então, à esposa, que amarrasse na outra ponta o

barbante, e depois de o ter içado, repetiu o processo com o cordão forte, e, finalmente, com a corda. O resto foi fácil. O ministro desceu da torre por meio da corda, e fugiu.

Neste nosso corpo o movimento respiratório é o fio de seda. Mantendo-o e aprendendo a controlá-lo, apanhamos o barbante das correntes nervosas. Delas virá o cordão forte de nossos pensamentos, e, finalmente, a corda do prana (10). Ao controlarmos o Prana, alcançaremos a liberdade.

Nada sabemos sobre nossos próprios corpos. Não podemos sabê-lo. Podemos, no máximo, cortar em pedaços um corpo morto, a fim de ver o que há dentro dele. Ainda assim, tal coisa nada tem a ver com os nossos próprios corpos. Sabemos bem pouco sobre eles. Por que acontece isso? Porque nossa atenção não é bastante discriminatória para perceber os movimentos muito finos que se dão lá dentro. Só podemos ter conhecimento deles quando a mente se torna mais sutil e, por assim dizer, entra mais profundamente no corpo. Para obter a percepção sutil, temos de começar pelas percepções mais grosseiras. Temos que nos apossar daquilo que põe toda a máquina em movimento. Isso é o prana, cuja mais evidente manifestação é a respiração. Então, com a respiração, entraremos lentamente no corpo, o que nos possibilitará a descoberta das forças sutis, das correntes nervosas que se estão movendo através dele. Assim que as percebermos e aprendermos a senti-las, começaremos a controlá-las, e a controlar o corpo. A mente também é posta em movimento por essas diferentes correntes nervosas. Assim, finalmente alcançaremos o estado de controle perfeito do corpo e da mente, fazendo de ambos os nossos servos. Conhecimento é poder. Temos de conseguir esse poder.

*(10) Prana: Energia primordial, donde derivam todas as demais energias.*

Assim que começardes a sentir essas correntes em movimento dentro de vós mesmos, todas as dúvidas se desvanecerão, mas isso exige rigorosa prática diária. Deveis praticá-lo pelo menos duas vezes por dia, e as melhores horas são ao amanhecer e ao anoitecer. Quando a noite se transforma em dia, e o dia em noite, surge um estado de relativa calma. A madrugada e o entardecer são dois períodos de tranqüilidade. Vosso corpo mostrará uma tendência para fazer-se calmo, nessas horas. Devemos aproveitar essa condição natural e começar a praticar, então. Tomai como regra não comer enquanto não tiverdes praticado. Se fizerdes isso, a pura força da fome romperá vossa preguiça. No mais alto, ainda menor é o número dos que têm paciência para obter o mais alto. Mas também há outros, certos de que, embora o corpo pudesse ser feito para durar milhares de anos, o resultado, no fim, seria o mesmo. Quando as forças que o mantêm intacto desaparecem, o corpo tem de cair. jamais nasceu um homem que pudesse evitar, por um momento que fosse, as modificações de seu corpo. Corpo é o nome dado a uma série de modificações. *"Assim como num rio as massas de água estão-se modificando diante de vós a cada momento, e novas massas vão chegando, embora tomem forma similar, o mesmo acontece com o corpo."* Apesar disso o corpo precisa ser mantido sadio e forte. É o melhor instrumento de que dispomos.

Na Índia ensinam as crianças a jamais comer enquanto não tiverem praticado, ou feito seu culto, e isso, depois de algum tempo, se torna natural para elas. Um rapaz não sente fome enquanto não se banhó e não praticou. Aqueles dentre vós que o puderem conseguir, devem ter um aposento exclusivo para essa prática. Não durmais nesse aposento, que deve permanecer sagrado. Não deveis entrar nele enquanto não vos tiverdes banhado e não estiverdes perfeitamente limpo de corpo e mente. Colocai sempre flores nesse quarto - são a melhor vizinhança para um yogue - e quadros agradáveis. Queimai incenso, pela manhã e à noite. Não deveis manter pensamentos profanos, coléricos, ou polêmicos naquele

aposento. Nele só deveis permitir a entrada de pessoas que pensam como vós. Então, paulatinamente, uma atmosfera de santidade se estabelecerá no aposento, de forma que quando vos sentiredes angustiado, desgostoso, hesitante, ou quando vossa mente estiver perturbada, o simples fato de entrardes ali vos trará calma. Essa foi a idéia do templo e da igreja, e em alguns deles ainda hoje encontrais isso, embora na maioria a idéia se tenha perdido. O fato é que, criando vibrações sagradas num lugar, ele se tornará sagrado, e assim permanecerá.

Os que não puderem ter um aposento separado, praticarão onde lhes pareça melhor.

Sentai-vos em postura direita. A primeira coisa a fazer é enviar uma corrente de pensamentos puros a toda criação. Repeti, mentalmente: *"Que todas as - criaturas sejam felizes, que todas estejam em paz, que todas estejam na bem-aventurança."* Fazei isso, para leste, para o sul, para o norte, e para o oeste. Quanto mais fizerdes isso, melhor vos sentireis. Descobrirei, finalmente, que a forma mais fácil de nos fazermos sadios é ver que os outros sejam sadios, e a maneira mais fácil de nos fazermos felizes é ver que os outros são felizes. Isso feito, os que acreditam em Deus devem rezar - não pedindo dinheiro, nem saúde, nem o céu. Rezai pedindo conhecimento e luz. Toda a prece que não seja essa, é egoísta. A seguir, pensai em vosso próprio corpo, e vede-o forte e saudável: é o melhor instrumento que tendes. Pensai nele como sendo forte como o diamante, e que com o auxílio desse corpo atravessareis o oceano da vida. A liberdade jamais é conseguida pelos fracos. Expulsai toda a fraqueza. Dizei ao vosso corpo que ele é forte, dizei à vossa mente que ela é forte, e mantende ilimitada fé e esperança em vós mesmos.

Teremos agora que enfrentar os exercícios de pranayama. O primeiro passo, de acordo com os yogues, é controlar os movimentos dos pulmões. O que desejamos fazer é sentir os movimentos mais tênues que se dão em nosso corpo. Nossas mentes tornaram-se exteriorizadas e perderam de vista os movimentos interiores. Se pudermos começar a senti-los, poderemos começar a controlá-los. Essas correntes nervosas passam pelo corpo todo, levando vida e vitalidade a cada músculo, mas nós não as sentimos. O yogue diz que podemos aprender a senti-las. Como? Percebendo e controlando os movimentos dos pulmões. Quando tivermos feito isso pelo espaço de tempo suficiente, estaremos em condições de controlar movimentos mais tênues.

Sentai-vos direito: o corpo deve ser mantido direito. A medula espinhal, embora não ligada à coluna vertebral, ainda assim está dentro dela. Se vos sentais curvado, perturbais essa medula espinhal. Portanto, deixai-a livre. De todas as vezes que vos sentais curvado e tentais meditar, estais-vos prejudicando. As três partes do corpo - peito, pescoço e cabeça - devem ser mantidas sempre direitas, numa só linha. Vereis que com um pouco de prática isso vos virá tão facilmente quanto a respiração. A segunda coisa é o controle dos nervos. O centro nervoso que controla os órgãos respiratórios tem uma espécie de efeito controlador sobre os demais nervos, e a respiração rítmica é, portanto, necessária. A respiração que geralmente usamos não deveria ser chamada absolutamente respiração, pois é muito irregular.

A primeira lição é apenas respirar, em medida, para dentro e para fora. Isso harmonizará o sistema. Quando tiverdes praticado isso por algum tempo, fareis bem em juntar a repetição de alguma palavra, como Om, ou qualquer outra palavra sagrada. Na Índia usamos certas palavras simbólicas, em lugar de contar um dois, três, quatro. Por isso é que vos aconselho a juntar a repetição mental de Om ou de qualquer outra palavra sagrada ao pranayama. Que a palavra vá e venha com a respiração, ritmada, harmoniosamente, e vereis que todo o corpo se vai

tornando rítmico. Depois aprenderéis o que é o repouso. Comparado com ele, o sono não é repouso. Desde que tal repouso venha, acalmam-se os nervos mais cansados e verificareis que jamais tínheis repousado antes.

O primeiro efeito dessa prática é percebido pela mudança de expressão da face do praticante. Linhas duras desaparecem e com o pensamento calmo, a tranqüilidade se espalha pelo rosto. Depois, vem uma bela voz. Jamais vi um yogue que tivesse voz crocitante. Esses sinais aparecem depois de alguns meses de prática.

O yogue afirma que de todas as energias existentes no corpo humano, a mais alta é a que chamam ojas. Ojas está armazenada no cérebro, e quanto mais ojas houver na cabeça de um homem, mais poderoso ele será, mais intelectual e espiritualmente mais forte. Um homem pode falar uma bela linguagem e expor belos pensamentos, mas não impressiona o povo. Outro homem não fala bonita linguagem nem expõe bonitos pensamentos, e ainda assim suas palavras encantam. Cada momento seu é poderoso. Esse é o poder de ojas.

Em cada homem há maior ou menor quantidade dessa via armazenada. Todas as forças que trabalham no corpo com a maior energia tornam-se ojas. Deveis recordar que se trata apenas de uma questão de transformação. A mesma força que está agindo fora, como eletricidade ou magnetismo, será transformada em força interior, e a mesma força que está agindo como energia muscular, será transformada em ojas. Os yogues dizem que parte da energia humana que se expressa através da ação e do pensamento sexual, quando refreada e controlada, facilmente se transforma em ojas. Somente o homem ou a mulher castos podem fazer as ojas subirem e se armazenarem no cérebro, e por isso a castidade foi sempre considerada a mais alta virtude. O homem sente que se não guardar castidade, a espiritualidade se vai, e ele perde vigor mental e resistência moral. Por isso é que em todas as ordens religiosas do mundo, que produziram gigantes espirituais, encontrareis sempre a castidade absoluta tratada com insistência. Por isso é que existem monges desistindo do casamento. Sem ela, a prática da Raja-Yoga é perigosa e pode levar à insanidade. Se a pessoa pratica a Raja-Yoga e ao mesmo tempo leva uma vida impura, como pode esperar tornar-se yogue?

O passo seguinte é chamado pratyahara. Que vem a ser isso? Sabeis como vem a percepção. Antes de mais nada há os instrumentos externos, depois os órgãos internos, agindo através dos centros do cérebro, e por fim há a mente. Que todos eles se reúnem e se ligam a algum objeto externo, nós percebemos esse objeto. Ao mesmo tempo, é muito difícil concentrar a mente e ligá-la apenas a um órgão. A mente é escrava.

Ouvimos: "Sê bom!", "Sê bom!", e "Sê bom!", ensinado por todo o vasto mundo. Dificilmente uma criança, nascida seja em que país for, deixará de ter ouvido: "Não roubes!", "Não mintas!". Mas ninguém diz à criança como pode evitar tais coisas. Falar, apenas, não a auxilia. Por que não se tornaria ela um ladrão? Não lhe ensinamos como não roubar, mas dizemo-lhe, simplesmente: "Não roubes!" Só quando lhe ensinarmos a controlar sua mente, estaremos realmente auxiliando-a.

Todas as ações, internas e externas, ocorrem quando a mente se reúne a certos centros, chamados órgãos. Voluntária ou involuntariamente, ela é arrastada a reunir-se aos centros, e por isso é que as pessoas fazem coisa tolas e sentem-se angustiadas, o que não aconteceria se trouxessem a mente sob controle. Qual seria o resultado do controle da mente? Ela não se reuniria aos centros de percepção, e, naturalmente, sentimentos e vontade estariam sob controle.

Até aqui está claro. Mas é isso possível? É perfeitamente possível. Vós o vedes nos tempos modernos. Os que curam pela fé, ensinam as pessoas a negarem a angústia, a dor, o mal. Sua filosofia é um pouco em todas as direções, mas é uma parte da Yoga, sobre a qual de certa forma tropeçam. Quando conseguem que uma pessoa expulse o sofrimento através da negação dele, usam, realmente, uma parte de pratyahara, pois fazem a mente da pessoa bastante forte para ignorar os sentidos. Os hipnotizadores, de maneira idêntica, excitam, no paciente, pela sua sugestão, uma espécie de pratyahara mórbido, por algum tempo. A chamada sugestão hipnótica pode atuar apenas sobre uma mente fraca, e enquanto o operador, através do olhar fixo ou de outro processo qualquer, não consegue levar a mente do paciente a uma espécie de condição passiva, mórbida, suas sugestões jamais funcionarão.

Bem: o controle dos centros, que é estabelecido pelo operador durante algum tempo, num paciente hipnotizado, ou num paciente que se cura pela fé, é censurável, porque o conduz à ruína definitiva. Não se trata, realmente, do controle dos centros do cérebro pelo poder da vontade da própria pessoa, mas é, por assim dizer, o entorpecimento da mente do paciente durante algum tempo por súbitos golpes que a vontade alheia lhe desfere, refreamento por meio de rédeas e força muscular a carreira de uma Parelha violenta, mas através do corpo, através de Não é com o que se contém pedido a outrem para que de golpes pesados na cabeça dos cavalos, a fim de aturdi-los por algum tempo, e torná-los dóceis. Através de cada um desses processos o homem sobre o qual se opera, perde parte de suas energias mentais, até que, por fim, a mente, em lugar de ganhar o poder de controle perfeito, torna-se massa informe e destituída de poder. O único destino do paciente será o sanatório de lunáticos.

Toda a tentativa de controle que não seja voluntária, que não seja feita pela própria mente do indivíduo, não só é desastrosa, mas frustra sua própria finalidade. A finalidade de cada alma é a liberdade, o domínio-liberdade em relação à escravização da matéria e do pensamento, domínio da natureza interna e externa. Portanto, tende o cuidado de não permitir que outros atuem sobre vós. Tende cuidado de não levardes outros à ruína, por ignorância. É verdade que alguns conseguem fazer bem a muitos, durante algum tempo, dando trilha nova para as suas propensões, mas ao mesmo tempo levam a ruína a milhões, pelas sugestões inconscientes que atiram em torno de si, levando homens e mulheres a essa condição mórbida, passiva, hipnótica, que os faz quase destituídos de alma, finalmente.

Quem quer que peça a alguém que acredite cegamente, ou arraste atrás de si as pessoas pelo poder controlador de sua vontade superior, faz mal à humanidade, embora não seja essa a sua intenção. Portanto, usai vossas próprias mentes, controlai vós mesmos o corpo e a mente, lembrai-vos de que a não ser que sejais uma pessoa doente, nenhuma vontade alheia pode agir sobre vós. Evitai todos que, por grandes e bons que sejam, vos peçam que acrediteis cegamente.

Por todo o mundo seitas dançarinas, saltadoras, vociferantes, têm existido, e sua influência espalha-se como infecção quando começam a cantar, a dançar e a pregar: também elas são uma espécie de hipnotismo. Exercem um controle singular durante certo prazo, sobre pessoas super-sensíveis, e chegam - ai! - com o correr do tempo, a degenerar raças inteiras. É mais saudável para as raças ou para os indivíduos permanecerem perversos do que se tornarem aparentemente bons através de tais controles alheios. Nosso coração abate-se ao pensarmos na quantidade de mal feito à humanidade por esses religiosos fanáticos, irresponsáveis, embora bem intencionados. Mal sabem que as mentes levadas a atingir de súbito o soerguimento espiritual sob as suas sugestões, com música e orações, estão simplesmente fazendo-se passivas, mórbidas e

impotentes, abrindo-se a qualquer outra sugestão, mesmo que ela seja má. Mal sonham, essas pessoas ignorantes e iludidas, que enquanto se congratulam por causa de seus poderes miraculosos de transformar corações humanos, poder que imaginam ter-lhes sido infundido por algum Ser que está acima das nuvens, o que estão é lançando as sementes de decadência, crime, loucura, e morte, para o futuro. Portanto, cuidado com tudo quanto arrebate a vossa liberdade. Sabei que isso é perigoso e evitai-o por todos os meios ao vosso alcance.

Quem teve sucesso no ligar ou desligar sua mente dos centros, pela sua vontade, teve sucesso em pratyahara, o que significa "*reunir em direção*", refrear os salientes poderes da mente, libertando-a do cativeiro dos sentidos. Quando pudermos fazer isso, realmente teremos caráter. Teremos, então, dado um grande passo em direção à liberdade: antes disso somos simples máquinas.

Como é difícil controlar a mente! Bem foi ela comparada ao macaco louco. "*Havia um macaco, irrequieto pela sua própria natureza, como são todos os macacos. Como se isso não bastasse, alguém fez com que ele tomasse bastante vinho, de forma que se tornou ainda mais irrequieto. Então, um escorpião lhe deu uma ferroada. Quando um homem recebe a ferroada de um escorpião, fica saltando durante um dia inteiro, e, assim, o pobre macaco viu sua condição tornar-se pior do que nunca. Para completar sua angústia, um demônio entrou nele. Que linguagem pode descrever a incontrolável inquietação daquele macaco? A mente humana é, como ele, incessantemente ativa por sua própria natureza. Então, embriaga-se com o vinho do desejo, crescendo assim a sua turbulência. Depois que o desejo se instalou, vem a ferroada do escorpião do ciúme pelo sucesso dos outros, e por fim o demônio do orgulho entra na mente, levando-a a imaginar-se importante. Como é difícil controlar a mente!*"

A primeira lição, portanto, é sentar-se por algum tempo, deixando a mente correr. A mente está borbulhando todo o tempo. É como o macaco a saltar. Deixai o macaco saltar tanto quanto possa e ficai apenas observando e esperando. Conhecimento é poder, diz o provérbio, e isso é verdade. Enquanto não souberdes o que a mente está fazendo, não podereis controlá-la. Dai-lhe rédeas. Muitos pensamentos hediondos podem vir, e ficareis estupefato ao verificar que podeis pensar tais coisas. Mas verificareis que dia a dia os caprichos da mente se tornam cada vez menos violentos; que cada dia ela vai ficando mais calma. Nos primeiros meses verificareis que a mente terá muitíssimos pensamentos, e mais tarde descobrireis que eles de certa forma diminuíram, e alguns meses depois serão cada vez menos, até que, por fim, a mente ficará sob perfeito controle. Mas deveis praticar pacientemente, todos os dias. Assim que o vapor for aberto, a máquina deve funcionar: assim que as coisas estão diante de nós, devemos percebê-las.

Dessa maneira, um homem, para mostrar que não é máquina, deve demonstrar que não está sob controle de coisa alguma. Esse controle da mente, pelo qual não se permite que ela se reúna aos centros, é pratyahara, Como se pratica? É trabalho tremendo, que não se faz num dia. Só depois de luta paciente, que durará anos, conseguiremos ter Sucesso.

Depois de terdes praticado o pratyahara por algum tempo, dai o passo seguinte, o dhâra, conservando a mente sobre certos pontos. Que significa manter a mente sobre certos pontos? Significa forçar a mente e sentir certas partes do corpo, com exclusão de outras. Por exemplo, tentai sentir apenas a mão, com exclusão de todas as outras partes do corpo. Quando chitta, ou *material-da-mente*, se confina e se limita a um certo lugar, isso é dhâra. Esse dhâra existe de várias maneiras, e com ele é bom ter um pouco de jogo de imaginação. Por exemplo, leva-se a mente a pensar em um ponto do coração. Isso é muito difícil e a maneira mais fácil é imaginar que ali existe um lótus. Esse lótus está cheio de

luz, de luz resplandecente. Colocai a mente ali. Ou pensai sobre o lótus do cérebro como cheio de luz.

O yogue deve sempre praticar. Deveria tentar viver sozinho. O companheirismo de uma quantidade de pessoas diferentes distrai a mente. Não deveria falar muito, porque falar distrai a mente e a mente não pode ser controlada depois de um dia de trabalho duro. Observando as regras acima, é possível tornar-se um yogue.

Tal é o poder da Yoga que mesmo em insignificante quantidade, trará grande quantidade de benefícios. Não magoará ninguém e fará bem a toda a gente. Antes de mais nada, acalmará a excitação nervosa, trará tranqüilidade, habilitar-nos-á a vermos as coisas mais claramente. O temperamento melhorará, e a saúde também melhorará.

Quando uma pessoa começa a concentrar-se, a queda de um alfinete parecerá um corisco a atravessar-lhe o cérebro. Conforme os órgãos se tornam mais delicados, as percepções se tornam mais sensíveis. Há estágios através dos quais teremos de passar, e todos os que perseveram têm sucesso. Deixai de lado todas as discussões e outras distrações. Há alguma coisa no seco jargão intelectual ? Ele apenas tira a mente de seu equilíbrio e a perturba. Coisas dos planos mais sutis têm de ser compreendidas. Falar não leva a isso. Portanto, abandonai toda a conversa fútil. Lede apenas os livros escritos por pessoas que tiveram a compreensão.

Os que realmente desejam ser yogues, devem abandonar, de uma vez para sempre, esses mordiscos a todas as coisas. Tomai convosco uma idéia. Fazei dessa idéia a vossa vida. Pensai nela. Sonhai com ela. Vivei-a. Deixai o cérebro, os músculos, os nervos, todas as partes do vosso corpo, encherem-se dessa idéia, e ponde de lado qualquer outra. Esse é o caminho para o sucesso, e esse é o caminho que produz os grandes gigantes espirituais.

## Terceira parte

Todos os diferentes passos na Yoga visam levar-nos, cientificamente, a um estado de superconsciência, ou samadhi. A inspiração existe na natureza de cada homem como existiu nos antigos profetas. Esses profetas não foram únicos: eram homens, como vós e eu. Eram grandes yogues. Tinham obtido superconsciência, e vós e eu podemos fazer o mesmo. O simples fato de um homem ter alcançado esse estado, prova que é possível a todos os homens fazerem o mesmo. Não só é possível, mas todos os homens devem, finalmente, chegar ao mesmo estado - e isso é religião. Vimos, superficialmente, os diferentes passos da Raja-Yoga, exceto os mais sutis, o treinamento na concentração, que é a meta para a qual nos leva a Raja-Yoga. Vemos, como seres humanos, que todo o nosso conhecimento, que chamamos racional, se refere à consciência. Minha consciência desta mesa, e de vossa presença, leva-me a saber que esta mesa e vós estais aqui. Ao mesmo tempo, há uma parte muito grande da minha existência, da qual não estou consciente, como dos diferentes órgãos dentro do corpo, das diferentes partes do cérebro, etc.

Quando como, faço-o conscientemente. Quando assimilo, faço-o inconscientemente. Quando o alimento é transformado em sangue, isso é feito inconscientemente. Quando as diferentes partes do meu corpo são fortalecidas por esse sangue, isso é feito inconscientemente. Entretanto, sou eu quem está fazendo isso. Não pode haver vinte pessoas neste corpo único. Como sei que faço isso, e não outra pessoa qualquer? É possível dizer que a minha parte está apenas no comer e assimilar o alimento, e que o fortalecimento do corpo pelo alimento é feito para mim por alguma outra pessoa? Isso não procede, porque pode ser demonstrado que quase todas as ações das quais somos agora inconscientes, podem ser trazidas para o plano da consciência. O coração bate, aparentemente sem controle. Nenhum de nós pode controlar o coração, que faz seu próprio caminho. Mas, pela prática, os homens podem controlar até mesmo o coração, fazendo com que ele palpite conforme desejemos, vagarosa ou rapidamente, ou chegue quase a parar.

Quase todas as partes do corpo podem ser trazidas sob controle. Que mostra tal coisa? Que as funções existentes abaixo da consciência também são realizadas por nós, acontecendo, apenas, que as realizamos inconscientemente.

Temos, então, dois planos nos quais trabalha a mente humana. O primeiro é o plano consciente, no qual todo o trabalho é acompanhado pela sensação do ego. Depois vem o plano inconsciente, onde o trabalho não é acompanhado pela sensação do ego. Essa parte do trabalho da mente, que não é acompanhada pela sensação do ego, é trabalho inconsciente, e a parte acompanhada pela sensação do ego é trabalho consciente. Nos animais inferiores, esse trabalho inconsciente é chamado instinto. Em animais superiores, e no mais elevado deles, o homem, prevalece o que chamamos trabalho consciente.

Mas isto não termina aqui. Há ainda um plano mais alto, no qual a mente pode trabalhar. Ela pode ir além da consciência. Tal como o trabalho inconsciente está abaixo da consciência, há outro trabalho que está acima da consciência e que também não é acompanhado pela sensação do ego. A sensação do ego está apenas no plano do meio. Quando a mente está acima ou abaixo dessa linha, não há sensação de "eu", e ainda assim a mente trabalha. Quando a mente vai para além dessa linha de autoconsciência, é o chamado samadhi, ou superconsciência.

Como, por exemplo, sabemos que um homem em samadhi não foi para baixo da consciência, não degenerou, em lugar de subir? Em ambos os casos os trabalhos não são acompanhados pelo ego. A resposta é a seguinte: pelos efeitos, pelos resultados do trabalho, sabemos o que está abaixo e o que está acima. Quando um homem adormece profundamente, entra num plano abaixo da consciência. Trabalha o corpo durante todo o tempo, respira, move-se talvez em seu sono, sem qualquer acompanhamento da sensação do eu. Está inconsciente, e quando acorda é o mesmo homem que era antes de adormecer. A soma total de conhecimento que possuía antes de adormecer permanece a mesma, não aumenta absolutamente. Não há esclarecimento. Mas quando um homem entra em samadhi, se para ele vai como tolo, dele vem como sábio.

O que produz a diferença? De um estado o homem sai como o mesmo homem que para ele entrou. De um outro estado o homem sai esclarecido, um sábio, um profeta, um santo; todo seu caráter está modificado, sua vida transformada, iluminada. São esses os dois efeitos. Sendo os efeitos diferentes, as causas têm de ser diferentes. Já que essa iluminação com que um homem retorna do samadhi é muito maior do que a que se pode obter da inconsciência, ou muito mais elevada do que a que pode obter pelo raciocínio, em estado consciente, deve vir, portanto, da superconsciência, e samadhi é chamado o estado de superconsciência.

Esta é, em resumo, a idéia do samadhi. Qual é a sua aplicação? A aplicação aqui está. O campo da razão, ou o consciente trabalho da mente, é estreito, limitado. Há um círculo dentro do qual a razão do homem deve mover-se. Ela não pode ir além. Toda a tentativa para ir além é, impossível; ainda assim é para além desse círculo da razão que está o que a humanidade considera mais caro. Todas essas perguntas - se há uma Alma imortal, se há um Deus, se há uma Inteligência suprema orientando este universo - estão para além do campo da razão.

Todas as nossas teorias éticas, todas as nossas atitudes morais, tudo quanto é bom e grande na natureza humana, têm sido moldado sobre respostas que vieram de acolá desse círculo. É muito importante, por conseguinte, que tenhamos respostas para essas perguntas. Se a vida é apenas um jogo rápido, se o universo é apenas uma *"fortuita combinação de átomos"*, por que devo fazer bem a outrem? Por que haveria misericórdia, justiça, ou sentimento de solidariedade?

Toda ética, toda ação humana, e todo pensamento humano, se baseiam nessa idéia de desinteresse. Toda a idéia da vida humana pode ser posta nesta palavra, desinteresse. Por que seríamos desinteressados? Onde está a necessidade, a força, o poder, que me compele a ser desinteressado? Podeis chamar a vós mesmos homens racionais, utilitários, mas se não me mostrais as razões para o utilitarismo, eu digo que sois irracionais. Mostrai-me as razões por que eu não deveria ser egoísta. A resposta está no fato de este mundo não passar de uma gota num oceano infinito, um elo de uma cadeia infinita. Onde colheram essa idéia os que pregaram o desinteresse, e o ensinaram à raça humana? Sabemos que ela não é instintiva: os animais, que têm instinto, não a conhecem. Também não é razão: a razão nada sabe sobre tal idéia. Então, donde veio ela?

Encontramos, estudando história, um fato que foi sustentado em comum por todos os grandes mestres de religião que o mundo já teve. Todos eles declaram que receberam suas verdades do acolá; apenas muitos deles não sabem donde elas lhes vieram. Por exemplo, um diz que um anjo desceu, na forma de um ser humano com asas, e lhe disse: *"Ouve, ó homem, esta é a mensagem!"* Outro diz que um deva (12), um ser radiante, lhe apareceu. Um terceiro diz que sonhou que seu ancestral veio e contou-lhe umas tantas coisas e não sabia nada além disso. Mas isto é comum em todas as declarações: que o conhecimento veio do acolá, não através da sua capacidade de raciocínio. Que ensina a ciência da Yoga? Ensina que

eles tinham razão ao dizerem que seu conhecimento lhes vinha de acolá do raciocínio, porém que esse conhecimento lhes vinha de dentro deles próprios.

O yogue ensina que a própria mente tem um estado superior de existência, acima da razão, um estado superconsciente, e quando a mente alcança esse estado superior, então seu conhecimento, metafísico e transcendental desce até o homem. Esse estado de ir para além da razão, de transcender a natureza humana comum, pode, às vezes, vir por acaso para um homem que não compreende sua ciência. Ele, por assim dizer, tropeça nele, e quando isto acontece, interpreta-o, geralmente, como vindo de fora. Assim, isso explica por que uma inspiração, ou um conhecimento transcendental, pode ser o mesmo em países diferentes, mas num país ele parece vir através de um anjo, num outro, através de um deus, e num terceiro, através de Deus. Que significa isso? Significa que a mente trouxe o conhecimento pela sua própria natureza, e que o encontro do conhecimento é interpretado de acordo com as crenças e a educação da pessoa através da qual ele veio. O fato real é que esses vários homens, por assim dizer, tropeçaram no estado superconsciente.

O yogue diz que há grande perigo em tropeçar nesse estado. Em muitíssimos casos, há o perigo de perturbação do cérebro, e, como regra, verificaremos que todos esses homens que tropeçaram no estado superconsciente, sem compreendê-lo, tatearam nas trevas e tiveram, geralmente, ao lado de seu conhecimento, algumas curiosas superstições, por muito grandes que eles tenham sido. Abriam-se à alucinação. Maomé disse verdades maravilhosas. Se lerdes o Alcorão vereis as mais maravilhosas verdades mescladas com superstições. Como explicaremos isso? Aquele homem foi inspirado, sem dúvida, mas, por assim dizer, tropeçou na inspiração. Não era um yogue treinado e não sabia a razão daquilo que fazia.

Pensai no bem que Maomé fez ao mundo, e pensai no grande mal que foi feito através do seu fanatismo! Pensai nas milhões de pessoas que foram massacradas através de seus ensinamentos - mães despojadas de seus filhos, crianças tornadas órfãos, regiões inteiras destruídas, milhões e milhões de pessoas mortas! Vemos esse perigo quando estudamos as vidas dos grandes mestres, como Maomé e outros. Ainda assim, vemos, ao mesmo tempo, que eles eram todos inspirados. Sempre que um profeta alcançava o estado de superconsciência pela elevação de sua natureza emocional, trazia dele não somente alguma verdade, mas também algum fanatismo, alguma superstição, que fizeram tanto mal ao mundo quanto a grandeza de seus ensinamentos o ajudaram. Para obter alguma razão da massa de incongruências que chamamos vida humana, temos de transcender nossa razão, mas devemos fazer isso cientificamente, lentamente, pela prática regular, e devemos expulsar toda superstição. Devemos tomar o estudo do estado superconsciente tal como o de qualquer outra ciência. Na razão devemos lançar nossos fundamentos. Devemos seguir a razão até onde ela nos conduz, e quando a razão falhar, ela própria nos mostrará o caminho para o plano mais alto. Quando ouvirdes um homem dizer: "*eu estou inspirado*", e depois falar de maneira desarrazoada, rejeitai-o. Por que? Porque esses três estados - instinto, razão e superconsciência, ou inconsciente, consciente e superconsciente - pertencem a uma mesma mente. Não há três mentes, no homem, mas um estado da mente se desenvolve para os outros dois. O instinto se desenvolve para a razão, e a razão para a consciência transcendental. Portanto, nenhum desses estados contradiz o outro. A inspiração real jamais contradiz a razão, mas cumpre-a. Tal como encontrais grandes profetas dizendo: "*Não vim para destruir, mas para cumprir*", a inspiração sempre vem para cumprir a razão, e está em harmonia com ela.

(12) *Deva: Palavra derivada da raiz sânscrita div, brilhar. São seres inteligentes e espirituais, da religião hinduísta, como os anjos do Cristianismo.*

Para alcançar o estado de superconsciência de maneira científica, é necessário passar através dos vários passos da Raja-Yoga que expus. Depois de pratyahara e dharâna, chegamos a dhyana, a meditação. Quando a mente foi treinada para se conservar fixa em certo ponto externo ou interno, adquire o poder de fluir em corrente ininterrupta, por assim dizer, em direção a um ponto. Esse estado é chamado dhyana, Quando se tem tão intensificado o poder de dhyana, a ponto de poder eliminar a percepção exterior e permanecer meditando apenas na parte interior, e seu significado, tal estado é chamado samadhi. Isto é, se a mente pode primeiro concentrar-se sobre um objeto, e depois tem capacidade para continuar nessa concentração por um certo período de tempo, para, pela concentração continuada, tratar apenas da parte interior da qual o objeto era o efeito, tudo vem a ficar sob o controle dessa mente.

Esse estado meditativo é o mais alto da existência. Enquanto existir desejo, a verdadeira felicidade não pode vir, apenas o estado contemplativo, testemunhador dos assuntos que nos traz gozo e felicidade reais. O animal tem a felicidade nos sentidos, o homem no intelecto, e o deus na contemplação espiritual.

Só a alma que atingiu esse estado contemplativo pode ver o mundo realmente belo. Para quem nada deseja e não se mescla com nada, as multiformes transformações da natureza são um panorama de beleza e sublimidade.

Quando, por preparação prévia, a mente se torna forte e controlada, e tem o poder da percepção mais apurada, deve ser empregada na meditação. Essa meditação deve começar com os objetos grosseiros, e lentamente erguer-se, passo a passo, para os mais sutis, até que se tornem objetos sem objetivos. A mente deveria primeiro ser empregada na percepção das causas externas da sensação, depois nos movimentos interiores, e finalmente em suas próprias reações. Quando conseguiu perceber as causas externas da sensação por si mesma, a mente adquirirá o poder de perceber todas as existências materiais sutis, todos os corpos e formas sutis. Quando puder conseguir a percepção dos movimentos dentro de nós mesmos, a mente ganhará o controle de todas as ondas mentais, em si mesma ou nas outras mentes, mesmo antes delas se terem transformado em energias físicas. E quando conseguir captar a reação mental por si mesma, o yogue adquirirá o conhecimento de tudo, já que todo o objeto sensível, e todo o pensamento, são o resultado dessa reação. Então ele terá visto os próprios fundamentos de sua mente, e ela estará sob seu perfeito controle. Poderes diferentes virão ter ao yogue: se ele ceder às tentações de qualquer deles, o caminho para seu progresso futuro ficará obstruído. Assim é o mal de correr atrás de prazeres. Mas se ele for bastante forte para rejeitar mesmo esses poderes miraculosos, atingirá a meta da Yoga, a completa supressão das ondas no oceano da mente. Então, a glória da Alma, não perturbada pelas distrações da mente nem pelos movimentos do corpo, brilhará em todo o seu fulgor, e o yogue se verá como sempre foi: a essência do Conhecimento, o Imortal, o que tudo satura.

Samadhi é propriedade de cada ser humano - e até de cada animal. Desde o mais baixo dos animais até o mais alto dos anjos, em algum momento terão de alcançar esse estado. E então, somente então, a verdadeira religião começará para ele. Até então só lutamos em direção desse estado. Não há diferença agora entre nós e os que não têm religião, porque não temos experiência. Para que serve a concentração, a não ser para nos trazer essa experiência? Cada um dos passos para alcançar o samadhi foi raciocinado, adequadamente ajustado, cientificamente organizado e, quando fielmente praticado, seguramente nos conduzirá ao fim desejado. Então, todos os desgostos cessarão, todas as angústias se desvanecerão. As sementes das ações serão queimadas, e a alma será livre para sempre.

Houve um grande deus-sábio chamado Nârada. Assim como há grandes sábios entre a humanidade, há grandes yogues entre os deuses. Nârada foi um bom e muito grande yogue. Viajava por toda a parte. Um dia atravessava uma floresta, quando viu um homem que estivera meditando tanto tempo na mesma posição que as formigas brancas tinham construído em torno de seu corpo um grande monte de terra.

Ele disse a Nârada:

- Para onde vais?
- Vou para o céu.
- Então pede a Deus que tenha piedade de mim, quando eu alcançar a libertação.

Mais adiante Nârada viu outro homem, que por ali estava saltando, cantando e dançando, e lhe disse, com voz e gestos alucinados.

- ã Nârada, aonde vais?
- Vou para o céu.
- Então pede a Deus que eu me veja liberto.

Nârada continuou seu caminho. Com o correr do tempo tornou a passar por aquela mesma estrada e lá estava o homem que estivera meditando, com o monte das formigas em torno de seu corpo. Este lhe indagou:

- Oh Narada, pediste por mim ao Senhor?
- Oh! Sim.
- Que disse Ele?
- O Senhor me disse que alcançarás a libertação dentro de mais quatro nascimentos.

Então, o homem começou a chorar e a gemer, dizendo:

- Meditei a ponto de as formigas construírem sua casa em torno de mim, e ainda tenho que esperar quatro nascimentos!

Nârada seguiu seu caminho, e encontrou o outro homem.

- Perguntaste a Deus o que te pedi?
- Oh! Sim. Estás vendo aquele tamarindeiro? Terás de renascer tantas vezes quantas são as folhas daquela árvore; então alcançarás a libertação.

O homem começou a dançar de alegria, dizendo:

- Oh, estarei liberto em tão curto tempo!

E ouviu-se uma voz:

- Meu filho, estás liberto desde este momento.

Foi essa a recompensa da sua perseverança. Este estava pronto a trabalhar através de tantas existências, e nada o desencorajava. Mas o primeiro achara as quatro existências um tempo demasiado longo. Tão-só uma perseverança igual à do homem disposto a esperar durante anos traz consigo os mais altos resultados.